THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

780.15
P659s

~~Music library~~

This book is due at the MUSIC LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold, it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RETURNED	DATE DUE	RETURNED

S. Francisco d'Assis

(ESTUDO D'ARTE MUSICAL)

POR

Alfredo Pinto (Sacavem)

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

B. 3174

Ao distincto — Professor
Guido Vitaletti
á sua alma artistica
cf.
Alfredo Pacheco
1/82 p

S. FRANCISCO D'ASSIS

(ESTUDO D'ARTE MUSICAL)

Composto e impresso na tip.
da Livraria Ferin — 70, Rua
Nova do Almada, 74 — Lisboa.

Do mesmo autor:

I—*Jesus e a Samaritana*—1904.
II—*Scenas d'Aldeia* (esgotado)—1905.
III—*A Moabita*—1907.
IV—*Telas da Vida*—1908.
V—*Abandonada!* (libretto inedito).
VI—*A Tetralogia de Wagner* (1.ª edição, 1909, 2.ª, 1910).
VII—*Impressões* (esgotado)—1909.
VIII—*Chopin* (esgotado)—1910.
IX—*No remanso do lar*—1913.
X—*Horas d'Arte*—1913.
XI—*Verdi* (conferencia, esgotada)—1913.
XII—*Em terras de Portugal*—1914.
XIII—*O Parsifal de Ricardo Wagner* (esgotado)—1914.
XIV—*Rafael Bordalo Pinheiro* (esgotado)—1915.
XV—*Folhas soltas*—1915.
XVI—*A Sonata* «Saudade» de Oscar da Silva (esgotado)—1915.
XVII—*Quanto pode um beijo!* (comedia em 1 acto)—1916.
XVIII—*Sonhos de Beleza* (conferencia)—1917.
XIX—*Joana d'Arc, inspiradora de compositores*—1917.
XX—*Respigando no passado* (esgotado)—1919.
XXI—*Cartas de Sintra* (impressões)—1920.
XXII—*O amor na obra de Beethoven* (esgotado)—1920.
XXIII—*Ligação espiritual da musica com a Fé*—1921.
XXIV—*Dante perante a Arte*—1922.
XXV—*Castelos de Fantasia* (cronicas)—1923.
XXVI—*Sombras da minha alma* (Poemas em prosa)—1923.
XXVII—*Musica Russa* (I—Divulgação popular)—1924.
XXVIII—*Vasco da Gama na opera lirica*—1925.
XXIX—*Camilo na Musica*—1926.

Para breve:

Um compositor português, Lima Fragoso.
Augusto Machado, sua vida, sua obra.
Pequenos comentarios sobre as obras de Chopin.
Musica moderna portuguesa e os seus representantes (II—Divulgação popular).

Em preparo:

Bonifrates (dialogos de todos e de ninguem).
Na vinha do Senhor (cronicas).
Visões antigas (estudos d'arte).
Almas portuguesas (contos).

Alfredo Pinto (Sacavem)
DA ACADEMIA ARCADIA DE ROMA, DA REAL ACADEMIA DE MALAGA,
DA ACADEMIA INTERNAZIONALE DI LETTERE
E SCIENZE DE NAPOLI E DA ACADEMIA LEONARDO DA VINCI

S. Francisco d'Assis

(ESTUDO D'ARTE MUSICAL)

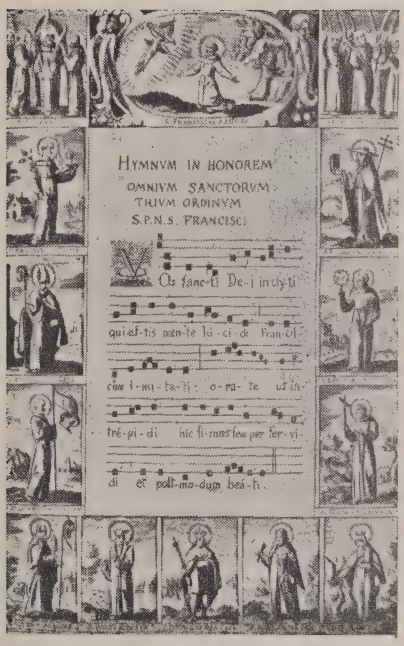
Ilustrações de José Tagarro

LISBOA
LIVRARIA FERIN
70, R. Nova do Almada, 74
1927

LIBRARY UNIV. OF
NORTH CAROLINA

«Nas suas palavras sentia-se a doçura de uma alma de santo e o fogo de um inspirado, e por isso arrastavam e comoviam as pessôas que o escutavam.»

DR. GOMES TEIXEIRA
(«S. Francisco e a Eucaristia»)



«Ma vie en silence s'ecoule,
C'est pour peu d'hommes que j'écris.»

TRISTAN DERÉME

43

S. FRANCISCO D'ASSIS

(Estudo d'arte musical)

«Le ciel dans le regard, la parole transparente, toute transporté de Dieu, une fois encore le petit Pauvre sera notre guide.»

E. SCHNEIDER.

PROEMIO

Em um dos numeros da sempre interessante revista parisiense *Vie Catholique*, o notavel escritor franciscano Johannés Joergensen num esplendido artigo sobre S. Francisco d'Assis, fazendo referencias á grande quantidade de livros que ultimamente têm sido lançados nos mercados literarios, diz que um notavel homem de letras italiano, catolico, está tão impressionado com o aparecimento de tantas obras, que ele recusa aumentar a quantidade.

A todos responde:

— Pelo amor e pelo respeito por S. Francisco, não escreverei, este ano, uma linha sobre ele, nem mesmo direi umas simples palavras.

Já este meu trabalho de investigação artistica ia bastante adiantado, quando chegou ao meu conhecimento a franca opinião do tal escritor italiano, mas longe das suas palavras fazerem nascer, no meu espirito, o desánimo pela obra iniciada, bem pelo contrário, toda a minha alma, sentiu-se iluminada pela radiante chama da vontade tenaz, pensando que não devia abandonar um tal trabalho onde, passo a passo, a sagrada imagem de S. Francisco, me ia aparecendo sempre aureolada de uma transparente claridade, servindo-me de guia e de farol, na senda começada, banhada de tanta esperança, e desejo de conseguir a mais nítida prova, como a *Musica,* através dos

seculos, encontrou em S. Francisco, a mais pura fonte de inspiração.

Diz-nos a história da musica, que os compositores vendo nos grandes vultos da *Lenda*, da *História*, e nas *vidas dos Santos*, motivos para escreverem as suas melhores paginas, sempre deliniaram nessas personagens formas exteriorisadas dos seus ideais postos em contacto com o mundo, e vistos pelo prisma encantador das suas musicas, que não são mais que comentários ás suas existencias, quer estas pertençam ao campo da fantasia, quer sejam o espêlho da mais autentica realidade.

Neste trabalho, onde apenas é estudada a arte musical, á medida que me ia entranhando no caprichoso labirinto da investigação, maiores e mais curiosas surpresas ia encontrando, e perante mim iam surgindo todos os dias, outras obras, mais sugestivos quadros sonoros, onde S. Francisco aparecia sempre, nas suas modalidades de homem e de santo, as mais encantadoras!

Cada partitura, de *oratória*, de *opera*, de *cantata*, de *poema sinfónico*, ou de simples *trecho religioso*, eram sempre tesouros preciosos de documentação franciscana, que vinham, perante mim, a demonstrar o grande poder do Pobre de Assis, que tambem através da musica vive junto de nós, no mais deslumbrante trôno da Arte!

Neste género de estudo artistico, impossivel se torna fazer uma obra completa, pois todos os dias, novos compositores sempre oferecem as suas mais recentes obras, inspiradas em qualquer facto da vida do notavel vulto da Egreja católica, mas no entanto, creio apresentar, um trabalho o mais completo possivel, e novo na grande bibliografia franciscana.

E' meu dever, patentiar aqui, na genesis deste trabalho a minha gratidão a algumas pessoas amigas, que muito amaveis, me deram pequenas notas sobre algumas biografias, afim de ficarem mais completas; foram elas: D. Emma Romero Santos-Fonseca, Rev. José Pedro Ferreira, Dr. Julio Eduardo dos Santos, Padre Daniel das Neves, *maestro*, Vincenzo Di Donato, de Roma, o ilustre crítico musical belga Paul Tinel, o notavel arquivista romano, P. Frédégand Collay e o distinto

compositor francês Edmond Diérickx; a todos os meus agradecimentos.

Foram consultadas as seguintes obras: *Miscellanea Francescana,* de Assis, as obras sobre *S. Francisco d'Assis*, por Johannes Joergensen, *Vida de S. Francisco,* por Paul Sabatier, as obras franciscanas de Hilaire de Barenton, o *Teatro católico,* de Henri Ghéon, de Camile Quiévreux, de Henri Brochet, o *Teatro social,* de Daniel Robert, *S. Francisco d'Assis, na história, na lenda e na arte*, pelo Dr. Vittorino Facchinetti, as obras de Masseron, de Chérancé, Cuthbert, *S. Francisco d'Assis*, de G. K. Chesterton, de L. Gillet e de E. Schneider e grande numero de *Dicionários musicais, biograficos, revistas, jornais,* etc.

Assim, leitor amigo, após este pequeno proemio elucidativo, poderemos começar agora a nossa viagem artistica, toda ideal, mas onde a Arte Divina, nos dará, os mais risonhos panoramas, campos vastos onde as nossas almas, se desabrocharão em lindos canteiros vicejantes de harmonias, onde a voz dôce de S. Francisco d'Assis, se ouvirá á mistura com as vozes dos anjos e com as melodias orquestrais e do orgão, brotando dos corações dos artistas, como gôtas cristalinas do mais ridente, e magnificente orvalho!

Como companheiros amigos, temos que abandonar as coisas terrenas da vida vulgar, e a caminho do nosso constante ideal, conquistaremos purpurinos horizontes, regiões novas, nesse sublime cume da Arte, para onde partimos cheios de alegria e com a mais ardente Fé!

PRIMEIRA PARTE

ORATÓRIAS

Franciscus

(Oratória em tres partes para solos, córos, orgão e orquestra, por Edgar Tinel, poema de Koninck).

De todas as *oratórias* indicadas neste meu estudo, o *Franciscus* de Edgar Tinel, é que tem maior numero de audições em várias cidades da Europa, já por ser escrita por um compositor de autentico valor, já por serem páginas que traduzem a alma de um artista todo entregue á sua ardente crença. Assim nas suas *Memórias*, Tinel tem uma passagem que nos mostra bem a força da sua alma religiosa:

«Gastei quinze meses para produzir a minha oratória: de 9 de fevereiro de 1886 a 13 de maio de 1889. Como tempo é pouco, como trabalho é bastante, e como gôso, vai ao infinito! Nunca temi a morte, mas tive muitas vezes receio de não poder chegar ao fim do meu *S. Franciscus*. Parecia-me, que não ter escrito o meu *S. Franciscus*, era não ter apresentado nada; seria triste morrer sem deixar qualquer coisa que testemunhasse a força dos principios religiosos, morais e artisticos que professamos. Em arte como em religião, a fé sem as obras, é uma fé morta.»

Na arte musical belga, Edgar Tinel, soube conquistar um logar que ainda hoje é respeitado, pois foi desses artistas que dão honra á arte que cultivam e á pátria onde nascem. Tinel teve sempre como principio nos seus trabalhos, uma base, uma legenda que demonstra todo o desabrochar, o delicado florir da sua alma artistica — *A arte para Deus e não a arte para a arte.*

Este notavel compositor nasceu na Flandres Oriental (Belgica) em 27 de março de 1854, tendo falecido em Bruxelas a 28 de outubro de 1912. Foi um dos reformadores da musica

religiosa no seu país. Seu pai, Pedro Tinel, que era organista, deu-lhe as primeiras lições de musica. Pouco tempo depois Edgar e sua irmã iam duas vezes por semana a pé durante duas horas, a S. Nicolau receber lições de solfejo, violino e desenho; no entanto o pai ia-lhes ensinando piano. Aos 9 anos Tinel já tocava esse instrumento, mas seus pais resolveram envia-lo para Bruxelas, afim de obter uma instrução mais solida. Seguiu o Conservatório sob a direcção de Fetis que logo viu em Tinel um artista de largo futuro, pois foi sempre um estudioso. Aos 14 anos já dava lições, demonstrando grandes aptidões para a arte dos sons.

Os compositores que ele mais amou foram: Bach, Beethoven e Schumann, os seus *apostolos do ideal* como tantas vezes dizia. Aos 21 anos alcançou o Premio de Roma pela sua cantata, *Klokke Roeland* (orquestra, solos e córos). Tendo-lhe morrido os pais, seu unico amparo, Tinel encontrou em Constance Teichmann, a sua madrinha d'arte, conhecida pelo *anjo de Anvers*, ou melhor, *mãe espiritual* (1).

Em 1877 casou com Ema Coekelferah, poetisa de talento, tendo sido uma senhora que o compreendeu sempre através da sua carreira artistica.

Tinel tinha um aspecto brusco, mas no fundo o seu carácter era terno e sensivel. Na lista das suas obras, *Franciscus*, marca o apogeo da sua gloria, chegando a escrever o crítico William Ritter — «Depois das oratórias *Chistus* e *Santa Izabel* de Liszt, é a obra prima da poesia musical conscientemente católica no nosso tempo....»

*

* *

Edgard Tinel teve sempre pela santa figura de S. Francisco d'Assis, uma significativa predilecção. As leituras que o compositor fez sobre as *Fioretti*, e sobre as biografias franciscanas alusivas ás penas dos escritores Johannes Joergensen

(1) Ler o livro de Belpaire sobre esta inteligente senhora, editado em Louvain.

e Arnold Goffin, conseguiram fazer nascer na alma do artista, a ideia de salientar, numa grande obra musical, o humilde Santo italiano, monumento que ficasse para sempre como um padrão de crença e de admiração á bondade de S. Francisco.

A esse *Cantor de Deus*, se a pintura nele se inspirou, se a escultura o reproduz nos episodios da sua divina existencia, a arquitectura elevando templos á sua memória, a Musica, arte sublime que o Santo tanto idolatrava, não podia deixar de o elevar, através dos seus encantamentos a esse altar da mais fulgurante estetica.

A vida de S. Francisco é um ideal poema de uma alma, recebendo sempre a luz de Deus, ternura humana e divina, que sensibilisa todos aqueles que sentem pela sua força o poder das almas eleitas, voltadas sempre para o Criador.

Com *Franciscus*, ao estudarmos a sua genesis, ficamos perante uma luta moral e artistica, bem pouco vulgar nos tempos d'hoje.

Depois de ter encontrado mil dificuldades na feitura do libreto, pois o primeiro trabalho apresentado por Koninck, não o satisfez, foi somente, depois d'ambos fazerem as devidas emendas, que ficou concluido, e assim em 25 de fevereiro de 1886 numa carta de Constance Teichmann, Tinel diz: «Já comecei a minha oratória *Franciscus*. Assim o meu trabalho possa procurar alguma gloria ao bom Deus! E' tudo que desejo — excepto a felicidade de trabalhar modestamente na minha obra. E, na verdade, trabalho facilmente; a minha saude é regular d'algum tempo para cá; provavelmente depois que um grande numero de franciscanos a quem o Dr. Koninck leu o poema, têm resado todos os dias por mim...»

O pensamento constante de Tinel era que a sua *oratória* podesse causar no publico uma enorme impressão de crença.

Em outras cartas de 26 de outubro de 1886 lemos: «Estou absolutamente decidido a continuar a andar na estrada que desde principio quiz seguir: escrever para o concerto, para os «filhos do seculo», de maneira a fazer-lhes amar a religião. Escrever para a egreja é muito bom, mas escrever obras religiosas destinadas a serem ouvidas por pessoas que raras vezes vão ao templo, parece-me muito melhor. Aquele que deseja

abraçar esta missão é semelhante ao padre que vai para longe levar o facho da Fé e que, armado da santa Caridade, não teme os tormentos, nem os insultos, nem mesmo a morte mais cruel...»

A ideia de escrever sobre S. Francisco, uma grande obra, em sua honra nasceu-lhe, numa tarde, em casa de Constance Teichmann, por isso a partitura lhe é dedicada.

Quando Tinel terminava o esbôço geral da *oratória,* experimentou um vivo contentamento.

Ao escrever as paginas da morte do Santo, o notavel compositor sentiu correr-lhe as lagrimas pelas faces.

Em fevereiro de 1887, Tinel tocou no piano toda a partitura, começando logo a orquestração.

A *oratória* é dividida em tres partes:

a) *A vida de S. Francisco no mundo e sua renuncia;*

b) *A vida religiosa de S. Francisco;*

c) *A morte de S. Francisco e a sua glorificação.*

Os papeis foram assim distribuidos:

Uma voz do ceu	soprano
O genio da Esperança	meio soprano
O genio do Amor	meio soprano
S. Francisco	tenor
O genio da Paz	tenor
O genio da Vitória	tenor
O hospede	Barítono
O genio da Guerra	Barítono
O genio do Odio	Baixo
Um guarda da noite	Baixo

Eis um pequeno resumo da acção scenica:

Na *primeira parte*, encontramo-nos num ambiente completamente profano, toda a pompa da côrte e da sociedade de Assis. Reina o amor da alegria na vertigem do mais requintado gôso. Terminada a festa, Francisco passeia pelas alamedas rusticas, proximas do castelo, sob uma noite calma de luar. Uma leve brisa faz tremer as folhagens das arvores, a luz prateada espalha aqui e ali sombras fantasticas. Por toda a parte o silencio, nada mais! A natureza parece dormir tranquilamente, nem um piar de ave! Francisco vai caminhando

lentamente quando ouve uma voz do ceu que o convida a renunciar ao mundo e aos seus bens.

Na *segunda parte*, vemos Francisco como um monge, rodeado dos seus antigos companheiros. Ha córos de espiritos e ele então entôa um hino á Pobreza.

Na *terceira parte*, é a morte e a sua apoteóse.

Todas as vezes que tocamos no piano esta partitura, vemos em cada scena, a alma crente do autor. A melodia é elevada, parecendo que sobe ao ceu, e os trabalhos das vozes solistas e dos córos, são iluminados de uma rara inspiração, unindo-se á orquestra num laço cheio de encanto e de pureza.

Marcarei agora os trechos que mais me encantam:

O *Preludio* inicia-se por um pequeno *largo,* ouvindo-se, um pouco depois, o têma da *Pobreza* e da *Glorificação.* Nestas paginas sempre lentas, a musica expõe e revela-nos toda a acção; e a figura de S. Francisco, parece nascer de todo aquele ambiente sonóro! Nesta parte da *oratória*, os córos dos homens, das mulheres e o côro geral, têm um papel importante, pois são eles que dão, por assim dizer, todo o fundo descritivo do quadro. As danças pela orquestra, acompanhadas com córos, são de grande efeito; disse um crítico, que decorrem debaixo de um ceu de *liberdade e de vida.*

Se na *primeira dança* notamos uma melodia simples, elegante, no genero das valsas alemans, em que os córos, numa melodia independente, caracterisam o claro escuro da acção, na *segunda dança* temos o movimento rápido e brilhante da *tarantela napolitana.* Toda a corda, madeiras e metais animam-se num crescendo, até que a entrada de Francisco, vem quebrar o movimento de prazer, dando-lhe uma nota de tranquilidade e de socêgo.

Francisco canta a *Balada da Pobreza*, uma das melhores paginas desta primeira parte. E' uma musica moderna, porem estilisada nas velhas canções dos trovadores. Os córos comentam a ideia melodica, até que a *Voz do ceu* chama *Francisco*: «François écoute.»

Nesta ultima parte a musica, numa visão cheia de frescura e mimo, desvenda as regiões celestes e a orquestra num pianissimo faz terminar esta parte, num harpejo sublime.

O notavel crítico Schmid, diz que esta visão de Francisco pode ser colocada ao lado do sonho de *Elsa*, do *Lohengrin* e da *Sexta Feira Santa* do *Parsifal*.

Todo o principio da *segunda parte*, tanto pela orquestra como pelos córos, é um quadro descritivo da vida social, tão cheio de lutas e de más paixões. O côro canta:

«Dans l'âme des chrétiens l'amour
était éteint. Le mal régnait
partout! L'orgueil était son frein.»

Dignas de reparo são as paginas musicais em que vemos a luta dos *Genios;* e mais adiante o *quarteto* do *Amor*, da *Paz*, da *Guerra* e do *Ódio*.

O *canto da Pobreza* por *S. Francisco*, em *andante*, é simples e emotivo:

«Pitié, Seigneur, oh! prends pitié.»

Tinel acompanha-o com uma orquestração sem nenhum artificio complicado, dimanando da ligação do canto com a orquestra, uma harmonia encantadora que prende as almas numa especie de extase!

Em torno da nobre figura do Santo, a musica orquestral e os córos vão preparando uma atmosfera calma de religiosidade. Tinel, sob um grande poder emotivo, conquista, pela sua musica, os corações sensiveis á crença, á bondade, até que *S. Francisco* entôa o *canto ao sol*.

Cada frase do Santo encontra um éco nos córos, nascendo uma pagina sublime da partitura. Mas não é um canto panteísta, mas antes um *credo religioso*, uma pagina da grande arte sublime que se poderá intercalar nos capitulos das *Fiorettis*. Verhelst, na *Musica Sacra* (1912), escreveu que esta musica, é clara, quente e banhada de sol. Tinel sentiu, como poucos musicos, a elevação mistica deste *canto;* a sua alma religiosa vibrou neste trecho, como se naquela hora estivesse de joelhos resando a Deus!

Uma pequena frase, depois em *andantino*, prepara-nos para escutarmos a *Voz do ceu:*

«Écoute François»

ligando-se com o celebre *canto de amor*, cantado pelo Santo de Assis, sendo uma maravilha de feitura! Dentro da propria candura, na qual a musica nos transporta ás altas regiões celestes, a voz de *S. Francisco*, tem qualquer coisa de sobre natural, que nos prende e entusiasma! As puras harmonias do *alem* descem até nós, e Tinel parece que as aproveitou, oferecendo-as á humanidade.

Esta parte finalisa com uns córos de vozes angelicas (mulheres), enaltecendo a *Caridade*

«Charité foyer de grace...»

Na *terceira parte*, o *preludio* pela orquestra que ocupa uns 42 compassos, em *adagio*, é repassado de tristeza, a indicar-nos a *morte* do grande Santo. Crepusculo de outono em que a terra parece mergulhada num mar de purpura e de ouro. O momento do *Angelus*, pelos córos, banhado de lirismo e de poesia, da-nos bem aquele encantador quadro, ingenuo laço de amor a Deus, tão carinhoso para as almas franciscanas, ouvindo-se depois a voz do Santo:

«O Douceur! Ô doux bonheur!
J'entends le chant des anges.»

Os ultimos momentos de *S. Francisco*, em *andante tranquilo*, possuem uma melodia simples, ingenua mesmo. Uma humilde alma que foge do mundo para repousar em Deus, nada mais! Um côro de egreja «Lux aeterna» completa o momento solene.

A *Marcha funebre*, é um ponto capital desta parte. Toda a orquestra treme de emoção. O canto melancólico tem lagrimas de dôr e de saudade. Mas é mister notar que o compositor longe de nos dar, nesta musica, o desespero da dôr, bem

pelo contrário, os desenhos melodicos fazem-nos acordar no nosso sentir, o pensamento do perdão e da paz eterna, o divino premio á alma de S. Francisco.

Depois os vários córos que se seguem foram inspirados num *fresco* de Giotto, no ultimo adeus áquele que lhes revelou a vida boa e pura.

Então o fim da *oratória* é um côro:

«Gloire au Seigneur!»

bandeira de Fé, grito de vitória, da nobre epopeia franciscana!

Como Tinel se sentiria feliz ao terminar esta *oratória!* Legou ao mundo crente e artistico uma obra imortal, pois não é mais que uma grande prece a S. Francisco, posta em musica!

*

* *

Esta *oratória* foi executada pela primeira vez em 22 de agosto de 1888, ás 2 horas da tarde na Sala das Festas em Malines.

O papel de *S. Francisco* foi cantado pelo tenor de Amsterdam, Ragmans e outros papeis pelo baixo Vandergoten, de Bruxelas, L. Van Hoop, tenor de Anvers, Hoop, baritono egualmente da mesma cidade, e *Madame* Lemmens; foram estes os artistas principais.

A sala teve uma grande enchente, vendo-se na assistencia: Roussaux, Bispo de Tournai, o Cardeal Gaossens, Van den Branden de Reeth, Bispo de Erythreé, o principe de Chimay, o Ministro dos estrangeiros, conde de Baisseret, os compositores Gevaert, Peter Benoit, Jan Blochx, A. Mailly, Kufferath, o Padre Laus, Ysaye, etc. A *oratória* alcançou um exito como não ha memória.

Leão XIII ofereceu a Tinel a cruz de S. Silvestre.

Depois da execução de Malines, *Franciscus* foi cantado nas seguintes cidades: Bruxelas, sendo tal o triunfo que lhe dedicaram o seguinte *soneto:*

Saint-François, Saint-François, dans le ciel où tu dis
Les mots mysterieux de l'immortel cantique,
N'est-ce pas que, de terre, une douce musique
Monte — comme un écho des sons du paradis ?

C'est la ballade avec l'étrange rythme antique;
L'Ode à ta Pauvreté, ô Jesus qui rendis
L'âme entre ses bras!... Ou bien l'hymne aux près verdis,
Au soleil, à l'Etoile; ou la Voix angélique...

Est-ce le Cri d'amour, François, ou Dieu d'amour ?
L'Angélus que tinte un moine en la vieille tour
Et que les Séraphins emportent sur les ailes ?

C'est l'Adieu peut-être, ou c'est le «Lux aeterna»,
— Ou tous ces chants allant aux esphéres éternelles,
Ensemble, retentir en immense hosannah !...

Depois de Bruxelas, Londres, Franckford, Buda-Pesth, Cologne, Copenhague, Breslau, Wüzzburg, Amsterdam, Berlim, Leipzig, Liege, Boston, Praga, Aix-la-Chapelle, Munich, Hanovre, Zurich, Liverpool, Cardiff, Vienna, Walverhompton, Manchester, Anvers, Annaberg (Saxe), Münster, Kassel, Riga, Milão, Posen, Coblence, Olten, Nova-York, etc., etc.

Ha pouco tempo realisaram-se execuções em Bruxelas e em Marselha. Em toda a parte, esta *oratória* continua a sua carreira gloriosa.

S. Francesco

(Oratória sacra em tres partes para sólos, córos, orquestra e orgão, por P. Hartmann).

Estas paginas do grande franciscano e ilustre compositor Padre Hartmann, são o puro reflexo de uma alma intensamente iluminada pela luz da crença e de um alto misticismo. Nesta *oratória* iremos encontrar a forma pura deste genero artistico que o autor teve em vista, sem jamais desejar enveredar pela feitura scenica, mas sim na *oratória* verdadeiramente sacra sem mesmo lhe faltar a personagem, *História*, que nos elucida sobre a acção, que a musica, através da sua grandeza sonora e estetica, deseja comentar.

Hartmann conseguiu dar-nos nesta *oratória*, *S. Francesco*, uma perfeita pagina evangelica e bem disse o Papa Leão XIII, quando lhe conferiu a Cruz, *Pro Ecclesie et Pontifice*, «o Padre Hartmann é uma gloria da Santa Egreja, o seu nome é universal».

Na evolução da musica religiosa italiana, a obra sacra de Hartmann ocupa um logar de destaque, já pela sua composição impecavel, já pela força inspiradora que oferecem as suas melodias, jamais deixando de possuirem esse perfume subtil do ambiente católico, dom espiritual que nem todos os compositores revelam nas suas obras.

Hartmann nasceu perto de Trento em 21 de dezembro de 1863, tendo-se elevado a sua alma ás altas regiões de Deus, em 6 de dezembro de 1914. Foi descendente de familia aleman. Desde muito novo começou a revelar claras tendencias para a musica, e como a sua instrução artistica lhe fosse dada num colegio dirigido por frades Franciscanos, aos 16 anos entrou como noviciado na Ordem de S. Francisco. Hartmann teve a felicidade de encontrar como seu director, o Padre Singer, um dos mais notaveis organistas, e tão distinto que era conhecido pelo nome de, o *Liszt do orgão!* A alma

de Hartmann tão sensivel para a musica, começára desde nova, a respirar toda aquela atmosfera de arte, junta com o poder divino da oração.

Já depois de sacerdote, estudou a tecnica da orquestra com Hommeyer de Leipzig e com Penbomm. A vida de Hartmann é uma constante viagem pelos logares santos onde o autor julgava, e com razão, encontrar os grandes motivos inspiradores para as suas paginas musicais. As suas *oratórias* são: S. *Pedro, As sete palavras de Christo, A ultima ceia, A morte de Christo* e finalmente *S. Francesco* que tornou o seu nome respeitado na Arte. Leão XIII, o imperador da Austria, a quem esta *oratória* é dedicada, e D. Afonso XIII de Hespanha, concederam-lhe as maiores honras.

Entremos agora nos recantos floridos das paginas artisticas de *S. Francesco,* onde existe em cada compasso, em cada desenho melodico, o sagrado olôr da atmosfera do grande Santo, cuja musica desenha em linhas sonóras a sua grande figura de Profeta da Pobreza.

Hartmann deu a esta *oratória* as seguintes personagens!

Soprano	História
Contralto	Santa Clara e Bonadona
Tenor	S. Francisco
Baixo	B. Luchesio e Fr. Angelo

E' dividido este seu trabalho em tres partes: a) *Instituição das tres Ordens;* b) *Estigmas;* c) *A morte.*

Hartmann não desejou dar ao libreto aquela feição poetica que vemos nos outros autores, onde nos aparece S. Francisco, o grande trovador da Natureza, sob uma aureola do mais puro lirismo. Pelos titulos em que é dividida esta *oratória*, o notavel compositor franciscano não quiz sair da existencia da sua santidade evangelica, glorificando-a depois, na parte da *Morte,* com os tons de linda e casta suavidade, como poderemos tambem ver e admirar na celebre tela de Weerts; estas duas obras primas completam-se, uma pelo encantamento da musica, outra pela riqueza das côres. Assim dois artistas aliaram-se pelas suas artes a cantarem a santa morte. Poderemos considerar esta partitura como um repositório

grandioso da santidade apostólica de S. Francisco e assim quando passamos no piano as suas paginas, ou quando as ouvimos executadas pelas vozes e pela orquestra, as nossas almas vibram de emoção e penetramos no ambiente franciscano, desenhando-se perante nós a dôce figura do «Poverello».

Inicia-se a *oratória* por um *preludio orquestral*, sobre o qual pensamos que o artista, antes da acção dramática desejou previamente revelar-nos todo o meio da Umbria, provincia italiana que jamais deixou de falar através dos seculos da obra de S. Francisco, e que a nossa fantasia a edifica idealmente por esses logares de luz franciscana como são, Assis, Perusa, Foligno, Bastia e tantos outros. Grande rosário onde palpita a crença de S. Francisco e dos seus companheiros e essa alma de lirio branco de pureza como a neve dos caminhos, que se chamou, Santa Clara.

Região, desses trovadores de cabelos louros, que nas côrtes de Rimini, de Florença, de Ferrara, eram os preferidos pela doçura das suas vozes e pela nostalgia dos seus cantos. Umbria a bela, a divinamente formosa!

Hartmann por uma orquestração rica, mas jamais perdendo o seu basilar carácter de religiosidade, prepara-nos para um mundo espiritual, fazendo-nos esquecer de todo o positivo que nos rodeia e que tanto nos afasta da elevação cristã.

Todos os naipes orquestrais se ligam entre si formando um conjunto onde as azas da Paz, da Humildade, voejam em constantes caricias de amor casto, ingenuo mesmo.

Todo o preludio é em *adágio*. Os naipes da corda e uma frase da trompa fazem-nos penetrar no começo da *oratória*, num ritmo pesado, como a bem marcar a transcendencia do assunto.

Ao 5.º compasso entram os intrumentos de madeira, até que a linha melodica, num canto feito pelos violoncelos, vai terminar por uma inspirada frase no oboé, que poderá ser traduzida talvez pelo motivo da *Pobreza*. Este motivo em 15 compassos transporta-nos novamente ás frases iniciais, pelos violinos e pelas madeiras. Até ao fim do preludio a orquestra mantem-se sempre num perfeito matiz sobre os motivos expos-

tos, até, que, ao chegar o final ouve-se o motivo da *Pobreza*, tocado pela trompete que se salienta claramente á orquestra. Em acórdes fortissimos terminam estas notaveis paginas, verdadeiramente impressionantes.

Exposto assim o principio da primeira parte, apenas o preludio termina em fortissimo, os primeiros violinos em pianissimo preparam a entrada do coral para vozes de homens, um *hino,* uma exaltação á gloria de S. Francisco. O côro é a sólo, tendo apenas no fim de cada verso, uns compassos pela orquestra. A segunda quadra:

«Ad aeternas divitias
Turbam allexit pauperum,
Quos ad coeli delicias
Lingua vocavit operum.»

é a unica repetida, a primeira vez é a solo; a segunda com acompanhamento orquestral, salientando-se a trompa.

O 3.º numero começa pela frase da *Historia*, lançada cheia de melodia, facil e atraente em *tempo moderato*. Musica simples, perfeitamente narrativa. O compositor, pouco a pouco, vai pela sua grande arte preparando a chegada do Santo. Depois de um côro, os violinos em quatro compassos, anunciam as primeiras palavras de *S. Francisco:* «Verum dixistis!»

O canto é simples e a orquestra acompanha-o nas mais puras das frases sonoras. Até ao fim desta primeira parte, Hartmann, vai-nos fazendo cantar, ora os córos, ora a *Historia, S. Francisco, Santa Clara*, *Luchesio* e *Bonadona.*

Ha a destacar: um notavel coral de clarissas e logo as paginas sinfonicas em *andante quasi adágio*, com toques repetidos em *pianissimo* pela trompete. No final destas paginas toda a orquestra parece movimentar-se um pouco até entrar a *Historia.*

No final, Hartmann colocou um grande côro, terminando por uma *Fuga,* e um *quarteto* cantado por *S. Francisco, Santa Clara*, *Luchesio* e pela *Historia.*

Esta primeira parte que poderemos classificar como uma especie de exposição das personagens, não é a que tem maior

tonalidade religiosa. A partir da segunda e em toda a terceira, é onde a musica representa uma perfeita tela de Giotto!

A segunda parte, tambem tem um *preludio*, que o autor classificou de *Idilio;* musica de um profundo lirismo. Os trechos culminantes é a *ária*, *de S. Francisco:*

«Magnificabitur Christus...»

até que a orquestra, nos violinos, em *lento*, com frases no oboé e nos fagotes prepara a entrada da *Historia* e depois as significativas palavras do *Santo* quando canta num *molto espressivo:*

«Christo confixus sum cruci, stigmata
enim Domini Jesu in corpore meo porto.»

A musica é tudo quanto possa existir de mais belo em arte religiosa. Toda a orquestra através de um perfeito arrendilhado de melodias, expostas sob uma forma singela, faz-nos evocar o monte Alverne, e os primeiros violinos, trompa, fagotes e oboé, completam as notas do canto com candura mas sempre revelando mistério!

Esta parte termina com um inspirado dueto entre *Santa Clara* e *Luchesio*.

A morte de S. Francisco é tratada na terceira parte, com profundo carácter religioso; é mesmo a parte mais empolgante da *oratoria*. As *árias* de *S. Francisco*, os córos dos seus discipulos, a curta frase de *Fr. Angelo:*

«Franciscus pauper et humilis, coelum
dives ingreditur: hymnis coelestibus
honoratur.»

cujos desenhos na harpa lhe dão um colorido celestial, uma elevação da alma de *S. Francisco* para junto de Deus; são paginas de um alto valor de arte sacra!

A *oratoria* tem no final um grande côro, interrompido apenas por um *trio* da *Historia*, *Santa Clara* e *Luchesio* com as palavras:

«Mane nobiscum in aeternum!»

palavras estas que são tomadas logo pelo côro geral até ao fim da *oratoria.*

Por esta curta análise da partitura, pode-se ver, como Hartmann quiz salientar a figura de *S. Francisco,* não pensando em efeitos para publico, mas sim dentro da atmosfera franciscana, isto é, arrancando uma pagina á sua vida mistica e traduzindo-a pela Arte, nada mais!

Foi cantada pela primeira vez em S. Petersburgo em 15 de fevereiro de 1901. Depois foi repetida na sala do Conservatório de Vienna d'Austria em 17 de fevereiro de 1902 e depois em Roma no *Teatro Dramatico* em 27 de fevereiro de 1903.

Em Lisboa, foi cantada no *Teatro S. Carlos*, como remate ás festas franciscanas, na noite de 5 de maio de 1927, tendo alcançado um grande exito. Executou-se sob a direcção do *maestro* Codivilla, tendo como solistas, os distintos amadores: D. Graziella Soller, *Madame* Santiago Coelho, Julio Martins, (tenor) e Dr. Brotas Cardoso, (baixo). No *orgão* o novel artista Jayme Silva (Filho).

Eis alguns recortes da critica:

Do *Diario de Noticias*:

«Comemorando o VII centenario da morte de S. Francisco, cantou-se ontem em S. Carlos — em primeira audição em Portugal — a Oratoria «S. Francisco», para solos, córos, orquestra e orgão, do P. Hartmann Von an der Lan-Hochbrunn.

A direcção do conjunto foi confiada ao maestro Codivilla, que regeu toda a partitura com a maior firmeza, mantendo sempre, orquestra, córos e solistas, em bom ritmo. Os solistas foram Graziela Soler, M.me Sant'Iago Coelho, Julio Martins e dr. Brotas Cardoso.

A audição desta obra resultou um espectaculo digno dos maiores elogios, pela importancia da musica e do texto latino de mons. G. A. Ghezzi, e pela boa execução obtida pelo maestro Codivilla, artista verdadeiro, no bom sentido da palavra.

Achamos que tão importante esforço não deverá limitar-se a uma unica audição, sendo justo que a Oratoria «S. Francisco» seja cantada novamente. — R. C.»

Do *Seculo*:

«Pode ser considerado como um notavel acontecimento artistico a primeira audição, em Portugal, da oratoria de Hartmann, «Franciscus»

Paulo Hartmann, que nasceu 1863 e faleceu em 1914, foi discipulo de Pembomm e entrou para a ordem franciscana em Salzburgo, ordenando-se em 1886. Em 1893, foi nomeado organista da igreja do Salvador, em Jerusalem, e, em 1895, passou a exercer o cargo de mestre de capela no convento de Aracoeli, em Roma, sendo ao mesmo tempo director da «Scuola Musicale Cooperativa». Entre varias obras, missas, peças para orgão, etc., escreveu as suas celebres oratorias, que lhe grangearam fama de notavel compositor. São elas «Petrus» (1890), dedicada a Leão XIII»; «Franciscus» (1902), dedicada ao imperador Francisco José, de Austria»; «Das letze abendmahl» (a ultima ceia, 1904): «Der Tod des Herr» (a morte do Senhor, 1905), e «Die Wort am Kreus» (as sete palavras de Cristo, 1908). Da oratoria ontem executada há a destacar um belo preludio, uma fuga de grande efeito, o Cantico do sol», e um magnifico côro com que termina a partitura.

Da interpretação, há, sobretudo, a louvar o grande esforço do maestro Codivilla, que conseguiu pôr em ordem a numerosa massa coral, tornando-a disciplinada e obediente. O côro teve momentos de bela sonoridade como na fuga e no final, sendo tambem de aplaudir a forma suave e leve como foi cantado o côro feminino da primeira parte. Os solistas, especialmente a contralto, que possui uma excelente voz, interpretaram com muita arte e a orquestra com belo colorido, sendo o maestro Codivilla imensamente vitoriado.

Antes de começar a audição, o reverendo José Pedro Ferreira, superior da ordem franciscana, fez uma interessante conferencia, pondo em relevo as principais fases da vida de S. Francisco e a influencia que o santo tem exercido sobre as artes, terminando por explicar o libreto da oratoria. No final do seu belo discurso foi muito aplaudido.

O sr. Eduardo Brazão recitou o «Hino ao irmão sol» de S. Francisco de Assis, traduzido por Rui Cordovil. O sr. Presidente da Republica fez-se representar. — H. N.»

Do *Correio da Manhã:*

«S. Francisco» é uma oratoria moderna em que a orchestra tem um papel importamte a desempenhar, porque lhe cabe aparte descriptiva outrora desconhecidas. E devo dizer que n'esse ponto cabem os maiores elogios no inspirado maestro. Dada pois a forma moderna as vozes podem e devem conservar o cunho liturgico que lhe é proprio. A orchestra tem de ir mais longe. O dezenho do ambiente, a nota sentimental, luta das paixões humanas tudo tem de ser descripto com o moderno cunho de theatralidade que Hartmann soube dar á sua partitura. A melodia é sempre bella e a sua orchestra trabalhada com dedo de mestre. E se a orchestração me interessou em demasia, não ha duvida que é no instrumento de madeira que ella se torna mais apreciavel. O emprego que Hartmann faz do oboé e clarinetes, fagotes, e flautas, dando a estes instrumentos quasi sempre um logar de destaque, oferece uma certa originalidade; do desempenho pouco tenho que ocupar-me. Mme Santiago Coelho, Melle Gra-

ziella Soler, Dr. Brotas Cardoso e Julio Martins, sabem perfeitamente que o estylo sacro tem um modo de dizer especial e que pouco se coaduna com o estylo dramatico e sentimental que em geralmente se explora.

Comtudo não serei eu que lhe regatearei os elogios que merecem pela bôa vontade com que ajudaram a realisação de obra de tanto mérito.

Ao maestro Codivilla, que se esforçou por apresentar uma execução digna de tal obra, cabem merecidos elogios. Pena foi que os córos se mostrassem hesitantes e abrissem por vezes as notas de fórma a prejudicar o conjunto. A orchestra; composta de bons elementos, realizou uma execução bastante apreciavel.

Ao R. Dr. Augusto d'Araujo, a quem se deve a execução entre nós da «oratoria» de Hartmann, as minhas mais sinceras felicitações pelo feliz exito do seu tão artistico como arrojado emprehendimento.

D. Luiz da Cunha e Menezes»

Do *Diario de Lisboa*:

«O autor da referida oratoria, entre muitos outros trechos, pertence quasi á moderna geração, posto que é absolutamente contemporaneo de Debussy. Porém Paulo Hartmann, ordenado frade franciscano aos 23 anos, trouxe na arte, á qual se dedicou com duplo fervor — artistico e religioso, — a verdadeira candura de quem não se preocupa com os tempos presentes, aproveitando, sem «recherches», os elementos que conhece, sem preocupação de originalidade e com uma grande preocupação de sinceridade.

Assim consegue uma dramatisação banal, mas não profana. Revela-se ainda um organista eximio, não só nas partes confiadas ao orgão, — seria pouco! — mas principalmente na sua escrita orquestral, onde encontra jogos de sonoridade organistica transpostos com um instinto revelador.

O maestro Codivilla, como chefe do conjunto, trabalhou denodadamente. Não é qualquer coisa a realização interpretativa de obras desta envergadura, constituida não só de orquestra, orgão e solos, mas tambem do imprescindivel côro mixto, com as suas passagens em «fugato» de tão dificil execução. Fôram solistas M.me Sant'Iago Coelho, M.elle Graziela Soller (de timbre claro e agradavel), dr. B. Cardoso e sr. Julio Martins.

Francine Benoit»

Saint François d'Assise

(Oratória em um prologo e duas partes, poema de Gabriel Nigond, para solos, córos de homens, mulheres, crianças e orquestra por Gabriel Pierné).

Encontramo-nos com esta obra de Pierné perante um trabalho de valor, mas não com aquela tensão penetrante de misticismo como tivemos ocasião de analisar na obra antecedente, de Hartmann. A nobre figura de S. Francisco de Assis oferece-nos, por vezes, um meio mais humano, e todo o ambiente scenico onde o compositor a fez viver, é muito mais sugestivo para o publico em geral.

Nigond, não deixou de nos apresentar entre outras, as personagens da *Pobreza*, *Santa Clara*, *O Leproso*, a *voz de Christo*, etc.

Musicalmente foram assim distribuidas as figuras da *oratória:*

Tenor	S. Francisco
Baixo	O Leproso Christo
Baritono	Frei Leão
Tenor	Fei Angelo Tenor solo
Baritono	Frei Masséo
Soprano	Santa Clara
Contralto	A Pobreza
Meio soprano	Lucia

As aves

Pintarrôxo *Pardal* *Tentilhão* *Rouxinol* *Carriço* *Tôrdo* *Cotovia* *Toutinegra* *Abelheiro* *Alvéloa*	córos de crianças

No *Prologo*, que é dividido em duas partes, vemos que na primeira, *(a mocidade de S. Francisco)*, estamos em frente de um meio de alegria completamente profano. A' mistura com canções, onde se bebe e ri, aparece *S. Francisco*, já formando uma nota de sentimentalidade. O filho de Bernardone deseja afastar-se daquele banquete e retira-se para onde a sua alma o chama.

Espera-o a sua noiva, o que causa admiração aos seus companheiros. Mas essa noiva é mistica, a *Pobreza!*

Toda a segunda parte do Prologo é um dueto entre *S. Francisco* e a *Pobreza*. O dialogo é muito bem burilado, havendo inspiradas frases proprias para um compositor se sentir elevado dentro da sua arte. Como a *Pobreza* descreve toda a sua existencia, e pensamentos altamente poeticos!

«.....
Ma robe blanche est en lambeaux!
Nulle bauté qui me soutienne!
Les enfants de leurs cris, les chiens de leurs abois,
Me poursuivent... Chacun me meprise! O François,
Je suis la Pauvreté chrétienne!»

A *primeira parte* da *oratória*, começa por um côro de mulheres louvando os encantos da Princesa.

Frei Leão, chama a atenção de S. Francisco para o rosario de encantamentos que a natureza lhes oferece. *S. Francisco* com a sua alma poetica bem compreende toda aquela téla, respondendo:

«Louons Dieu, frère, pour le printemps!»

Emquanto todos se maravilham perante os recâmos floridos daquela estação do ano, avista-se ao longe um pobre leproso que se aproxima pouco a pouco. *Frei Leão* sentindo repulsa por aquele desgraçado ente, diz para se afastarem, e todos lançam-lhe as mais crueis palavras! Mas *S. Francisco* vendo nêle um martir, um ente minado pela doença, diz que não fujam, e antes pelo contrario chegando-se junto dele pronuncia-lhe palavras de amor, de confôrto:

«Non! Je t'aime et tu m'aimeras!
J'embrasse ta main que je touche»
.....

O leproso, sente na alma uma palavra divina de bem estar e depois de *S. Francisco* lhe dizer:

«Frère, je suis François, petit pauvre de Dieu!»

o leproso responde:

«.....
Mon épaule n'est plus meurtrie,
Et, maudit parmi les maudits,
Je rentre en ma léproserie,
Ainsi qu'un Juste au Paradis!»

Um côro canta novamente a Natureza até nos aparecer a ideal figura de *Santa Clara*.

Nesta segunda scena poderemos admirar a forma lindamente literaria como está o longo dialogo entre a *Santa* e *S. Francisco de Assis*.

S. Francisco lembra-lhe que as sombras da noite já começam a tocar na terra, ouvindo-se o Angelus até á capela de S. Damião.

Clara, conta-lhe e recorda o seu primeiro encontro quando o ouvira pregar em Assis.

As suas palavras humildes, cheias de bondade foram para a alma de *Clara* a luz divina que começou a guia-la para junto de Deus. Fugiu para junto do altar do Santissimo numa noite de Domingo de Ramos.

S. Francisco escuta as suas palavras dizendo-lhe que a tinha visto na vespera á noite, num jardim cheio de flôres. E *Santa Clara* responde-lhe:

«Oui c'est l'instant où je me penche
Vers mes rosiers, le soir venu...»

Santa Clara retira-se e *S. Francisco* diz as palavras:

«Soyez loué, Seigneur, pour Soeur Claira»

A terceira scena é a passagem celebre de *S. Francisco* com *as aves*. Os dialogos são encantadores, pois sintetisam toda a simplicidade e a ingenuidade do grande Santo.

A primeira parte termina com um pequeno côro de aves que vão voando em grupos de quatro:

«François ! François ! François ! François !»

A *segunda parte* começa pela passagem perfeitamente religiosa e sobrenatural dos *estigmas*. E' todo o dialogo entre o Santo de Assis e a *Voz de Christo*. O libretista poz nesta passagem da *oratória*, um alto poder religioso, no qual *S. Francisco* toma a aureola ideal de uma alma santificada, terminando pela sua frase:

«Laissez souffrir toute ma joie,
Laissez saigner tout mon bonheur !»

O poeta aproxima novamente *Santa Clara*, do *Poverelo*, ao passo que um côro interno, com uma linguagem terna e cheia de crença, forma o fundo daquele dialogo através de um impressionante colorido.

S. Francisco, sente-se abatido adivinhando a morte que se aproxima.

Santa Clara diz-lhe que o sol brilha de alegria, respondendo-lhe o Santo:

«Laissez tout le soleil m'atteindre !»

Então *S. Francisco*, sob um arrebatamento de inspiração, diz o *Cantico do Sol*.

Segue-se o quadro da *Morte*. *S. Francisco* está rodeado dos seus *companheiros*, irmãos *Leão* e *Angelo*, *Santa Clara*, a *Pobreza* e a multidão.

Todos o rodeiam ao verem aquela boa alma cada vez mais proxima do ceu.

Os córos cantam o seu amor pelos pobres, pelas aves, pela natureza.

S. Francisco, resignado, como numa visão celestial, invoca a Morte:

«Viens, avec ta faux et ton sable,
Et penche-toi sur mon chevet!»

A *Pobreza*, mostra-lhe o coração para que ele possa nêle repousar.

S. Francisco, quando a sua alma perde o ultimo momento de vida na terra, lança a benção á cidade de Assis. Então *Frei Leão* diz:

«Saint François est mort!»

O côro das *aves* chora o grande Santo e toda a multidão canta, *Alleluia!*

Eis a traços largos o aspecto literario desta *oratória*, que estuda a figura de *S. Francisco* de uma forma diferente da antecedente, embora não lhe tire a sua grandeza religiosa.

Trataremos agora da parte musical.

*
* *

A escola francesa moderna tem diversos compositores que se inspiraram em S. Francisco de Assis, como veremos no seguimento deste estudo critico. Mas Gabriel Pierné é aquele que apresenta obras de maior vulto, como bem o demonstra esta sua *oratória*.

Gabriel Pierné nasceu em Metz em 16 de agosto de 1863. Filho dum professor do Conservatório da sua terra natal, desde tenros anos foi educado e instruido na divina arte de Mozart. Aos 8 anos foi recebido no Conservatório de Paris, tendo sempre sido um aluno premiado. Foi discipulo de Cesar Franck na classe de orgão. Como chefe de orquestra, organista e pianista, tambem Pierné tem vindo ocupando um logar de destaque.

Na composição, o seu nome é visto em varios géneros de musica, sempre com feliz exito. Na musica religiosa, que é aquela que mais nos interessa, tem até hoje, as seguintes *oratórias:*

La nuit de Noel, *L'An Mil*, *La Croisade des Enfants*, *Les Enfants à Bethleém* e finalmente, *Saint François d'Assise*.

Malherbe sintetisou o talento de Pierné apenas numa frase, mas definindo-o bem: «Le talent de Gabriel Pierné est surtout fait d'elegance et de grace.»

*
* *

A musica desta *oratória*, tanto na orquestra como nas vozes, apresenta um trabalho feito com consciencia e sobre tudo procurando sempre, e muitas vezes com exito, o meio franciscano. Vê-se que Pierné buscou na sua arte, o colorido de uma enorme tela descritiva onde as composições das figuras são feitas de modo a moverem-se em tôrno de um ponto central que é o *Santo de Assis*, dominante com as suas palavras, em toda a obra musical.

O notavel compositor, arrendilhou este trabalho da orquestra baseando-se em varios têmas, que marcam a ideia basilar ou certas situações musicais que comentam a acção. Esta obra do notavel compositor da França, poder-se-ía incluir na longa lista de celebres quadros de pintores, que têm conseguido destacar a vida, a obra social, emfim, S. Francisco, através da chama da inspiração colorista, obras imortais que são constantes testemunhas pelo correr dos seculos, atraindo as gerações que jamais deixam de pensar na sua sagrada Imagem!

Quando ouvimos as paginas desta *oratória*, porque não poderemos pensar em Giotto, em Gessi, em Renouville, em Merson, em Burnaud, em Chartran, no seu admiravel quadro do «Cantico ao sol»?! O poder descritivo de Pierné não se ligará espiritualmente aos *estados d'alma* que tiveram esses artistas da paleta?! Sim as artes procuram pelos seus processos proprios de beleza o mesmo fim unico, quando desejam exaltar o seu ideal pensado na mente do artista. Por isso todas as vezes que a minha alma se põe em contacto com esta *oratória*, perante a minha fantasia passam todas essas reliquias de arte antiga e moderna, sempre a vibrar num grandioso côro universal, a vida, a obra social de S. Francisco de Assis.

Pierné talvez, como direi? mais artista, escreveu uma mu-

sica, sugestiva, palpitante de vida, emoldurando o Santo numa perfeita bruma de humildade, que encanta e deslumbra.

Na partitura desta *oratória* encontramos como têmas principais os da *Mocidade*, da *cidade de Assis*, da *Pobreza*, do *Leproso*, de *Clara*, das *Aves*, dos *Estigmas*, do *Sol*, da *Morte*, pontos de partida que Pierné estilisou em notaveis frases, tanto na orquestra como nas vozes.

No Preludio, em *Alegro non tròppo*, em pianissimo no seu inicio, com um ritmo de dança, aparece o têma da *mocidade*; são paginas cheias de alegria que contrastam com o têma da *cidade de Assis*, que vem como uma tonalidade poetica, dôce e de perfeita calma.

No dueto entre *S. Francisco* e a *Pobreza*, a musica acompanha admiravelmente a acção scenica; ao longe um côro canta, acompanhando o som dos sinos. A orquestra no final, em pianissimo, ataca o têma da *mocidade*.

Antes da chegada do *Leproso*, a orquestra dá-nos umas paginas puramente bucolicas, em *lento e gracioso*. O têma do *Leproso* aparece-nos isolado em dois compassos, exposto pelo oboé, entrando logo as flautas e depois o resto dos naipes orquestrais.

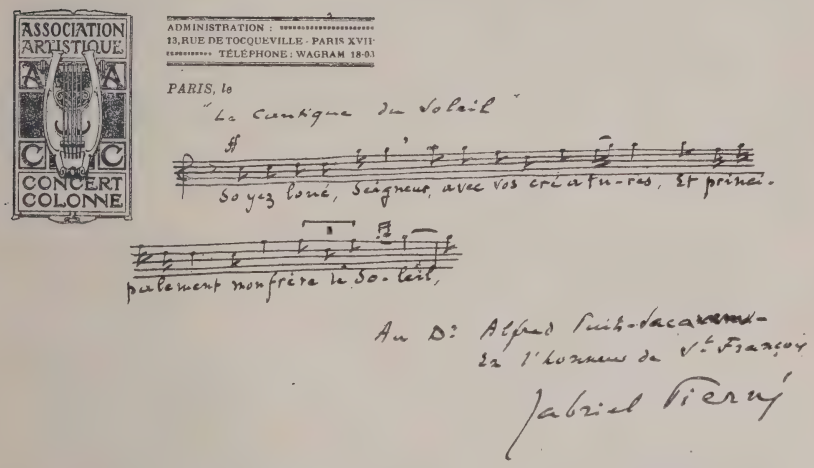
E' sugestivo o côro que novamente canta os encantamentos da Natureza.

Mais adiante as paginas do *Angelus* é uma tela onde se vinca bem o talento descritivo de Pierné.

Quando tocamos no piano esta passagem da *oratória*, recordamo-nos logo desse momento supremo do dia, tão caracteristico no meio franciscano e umas passagens literarias de Eduardo Schneider, vêm á nossa mente, como a completar a paisagem romantica e ao mesmo tempo cheia de unção religiosa! «*Mais pour goûter dans sa substance, cette atmosphère de clarté spirituelle, il faut venir ici avec une âme trempée de christianisme*»...

«*Ah! qu'il est riche de ses secrets le premier soir d'Assise quand, ignorant tout du detail des choses, on s'attarde sur la hauteur de San Lorenzo à l'heure où les campaniles entonnent la psalmodie de l'Angélus, s'appellent, se répondent, de la ville à la plaine!*

Quando *S. Francisco* em pleno campo, sob uma ardente calmaria, fala ás aves, a musica possue um alto aspecto descritivo. A orquestra tem a tonalidade de uma sugestiva riqueza melodica. Nada mais belo como, quando o Santo ouve os cantos das *aves!* A musica em harpejos ilumina o ambiente enchendo-o de uma claridade vinda do ceu; por fim a voz dôce de *Poverelo*, ouve-se num canto simples, mas traduzindo grandeza d'alma, pureza! E' um trecho da *oratória*, onde Pierné foi um verdadeiro pintor pelos sons. São passagens, uma autentica tela, rica em contrastes de religiosidade e de bucolismo.



Entremos agora no mais acentuado quadro da visão religiosa. *S. Francisco*, dialoga com a *Voz de Christo*. Um *preludio*, em *andante molto tranquilo*, resumindo a ideia sobrenatural *dos estigmas*, prepara-nos para a scena que se vai seguir. O compositor põe nestas paginas sinfonicas quatro têmas; a musica é cheia de Fé, vibrante de um alto poder ideal. As vozes são depois tratadas sinfonicamente, entrando no trama orquestral.

O efeito é lindissimo, até que depois a orquestra num *agitato*, vai até á entrada de *S. Francisco*, seguindo o dialogo do *Santo* com a *Voz de Christo*. E' tão penetrante de encanto

esta musica, que podemos transportar a nossa fantasia num crescendo de crença, altamente mistica.

Pierné quiz pôr na sua *oratória*, o *Cantico ao sol*. A orquestra em *moderado* esboça a figura do Santo. Este ataca as primeiras notas do *cantico*, que é quasi todo, sem orquestra; esta apenas comenta simplesmente uma ou outra frase.

Em toda a ultima parte da *oratória*, que nos dá a imagem da *Morte*, toda a musica é profunda, fazendo-nos ver a alma de *S. Francisco* deixando a terra e ir repousar no seio de Deus!

As vozes dos solistas, os córos, as frases ternas do *Santo*, onde a arte sublime dos sons conjuga todos os têmas, num arrendilhado melodico admiravel, é um grandioso ambiente sonoro, manifestação divina, que termina em pianissimo cantando a palavra, *Alleluia!*

Assim quando chegamos ao fim deste trabalho altamente sublime, a nossa sentimentalidade sente-se subjugada e S. Francisco de Assis, ainda mais se vinca na nossa imaginação como o eterno Trovador da sublime pobreza, dos humildes, dos bons, daqueles que Deus mais ama.

Foi cantada pela primeira vez em Paris, no ano de 1912.

Il Transito Beato di S. Francesco d'Assisi

(Para solos, córos e orquestra, em 2 partes, musica de Giovanni Valentini, poema do professor C. Nava).

O distinto compositor italiano Giovanni Valentini, ainda não é um nome que figure nos dicionarios biograficos, mas todavia é um artista que já tem firmado obras de valor. Não desejando passar este centenario franciscano sem produzir uma obra que cantasse a alma santa do Pobre de Assis, escreveu a oratória, *Il Transito Beato di S. Francesco d'Assisi*, que alcançou um significativo exito no *Teatro Municipale* de Modena, em 4 de outubro de 1926.

Foi seu colaborador o ilustre poeta e professor Claudio Nava, que dentro de um ambiente puramente franciscano

escreveu um *libreto*, cheio de simplicidade, encarando S. Francisco, nos ultimos momentos da sua existencia.

Esta *oratória* tem duas partes, com as seguintes figuras :

Il Santo ..... Tenor
Jacopa Settesoli ..... Soprano
Frate Leone ..... Baritono

Córos de populares, burguezes, mulheres e crianças de Assis. Côro de frades.

Na *primeira parte* é a ida de S. Francisco para a Porciuncula. Todos lhe pedem que fique em Assis e o Santo depois de lançar a benção á cidade, continua o seu caminho.

A acção scenica começa por um côro de gente da cidade, que lhe implora para não abandonar Assis.

«Deh ! non partir, Francesco
Dalla cittá tua bella,
Ch'or riluce di porpora
ed al cor ti fanella
d'amabili memorie...»
....

Responde a este côro *Frei Leão*, pedindo tambem ao Santo, que não deixe a sua querida cidade. O côro novamente canta, dizendo que todos são seus filhos diletos.

Então o Santo diz-lhes que a cidade é a sua bôa e dôce patria, que deverá ser fiel á paz celeste. E como já não tem força para poder cantar pede aos frades que cantem o *Hino ao sol.*

O côro de frades, que é o final da *primeira parte*, canta algumas palavras do celebre *cantico das criaturas:*

«..... .....
Laudato sii, mi Signore
cun tucte le tue creature
specialmente messer lu frate Sole.»
.....

Segue o cortejo para a Porciuncula, sob uma claridade dourada de um Poente, triste e melancolico.

Na *segunda parte* estamos na Porciuncula; é noite. Abre esta parte um côro, de jovens, que enaltece, a Porciuncula.

«.....
Cara Porziuncola
devota e pia,
sei di Maria
Immacolata
cella beata!»
Cara Porziuncola.
dolce abbandono
nel tuo perdono
con gran desire
santo é morire.»

Então o *Santo*, diz umas ternas palavras a Deus:

.....
«Con Te crocifisso
non sento più pene
o dolce mio bene!
Ancora una volta
trafiggimi il core,
o dolce Signore!»

Frei Leão, volta-se para *S. Francisco* fazendo-lhe notar, que deve descançar e que das suas chagas, escorre sangue.

O *Santo*, pede-lhe para ver a *sorella* Jacopa, que lhe mostrou em Roma, tanta amizade.

Frei Leão, diz-lhe que já vem a caminho. (1)

Segue-se a fala de *Jacopa*, que faz recordar a *S. Francisco*, a sua estada em Roma, declamando:

«Sia benedetta questa
ora per me di festa,
che mi trovo dinante
alle stigmate sante,
o dolce Padre mio
che in te ha impresse Iddio!»

---

(1) Sobre esta interessante senhora, ler as paginas que lhe consagra Joergensen, na biografia de S. Francisco de Assis e o livro, *Frére Jacqueline* de E. d'Alençon — Paris 1899.

Seguem-se os ultimos momentos do *Santo*, em que *Jacopa*, os *Frades*, o *Povo*, cantam as suas virtudes.

Frei Leão, exclama com sentimento:

Fratelli, Egli é passato
con un dolce sorriso
e lo spirto beato
vola alto al Paradiso.

Um côro de *Frades* canta depois: — *Pobreza* — *Pureza* — *Umildade.*

A *oratória* termina por um grande côro descritivo, sendo os ultimos versos:

«Tutte dei Santi
l'alme esultanti
cantan sue gesta,
per *Lui* fan festa
mentr'Egli é assiso
in Paradiso.»

*
* *

A musica que Valentini escreveu para esta *oratória*, é toda iluminada de religiosidade, sem jamais sair do ambiente que o autor da letra desejava escrever para um assunto tão transcendente de doçura e sentimento cristão.

Todos os trechos da orquestra, os solos e os córos, são um modelo de feitura, cujas melodias inspiradas, não entrando em modernismos, obedecem ao perfume da acção dramatica, matizando-o de um espontâneo encantamento.

Na *primeira parte*, todas as frases do *Santo*, tão singelas e cheias de ternura, o *côro dos Frades*, depois na *segunda parte*, a *invocação* do *Santo*, o delicado trecho de *Frei Leão* a *aria* de *Jacopa*, depois as melodias tão repassadas de sentimento de *S. Francisco*, e finalmente os córos no final, dão ao quadro um vigor extraordinario.

A orquestra não tem em toda a *oratória* uma passagem, que não traduza, numa ligação notavel, toda a ideia poetica

da scena. Dentro da forma — oratória, Valentini, não abandonou o contraste perfeito do lirismo.

Os artistas que se encarregaram dos papeis foram: a soprano Elda Caletti, o tenor Fernando Ciniselli, e o baritono Armando Grandi.

Encarregou-se dos córos, o *maestro* G. Montanari.

A massa coral era de 150 executantes.

A orquestra de 60 professores, sob a regencia de Valentini.

Serafico d'Assisi

(Em 2 partes para orquestra, orgão solos e córos, libreto e musica de Francesco Catalani d'Abruzzo).

O jovem compositor Francesco Catalani d'Abruzzo, vive há muito tempo em Milão, depois de ter deixado a sua terra natal, Abruzzo; patria cheia de poesia. Na grande cidade italiana, Catalani absorvido somente na sua arte, afastado dos centros mais movimentados onde pululam artistas que colocam a sua arte, quantas vezes, num logar tão secundário, tem vivido sempre banhado nos mil encantamentos da musica, unico sustento espiritual que lhe alimenta todo o seu sentir. Longe dos reclamos de que tantos necessitam, Catalani, pondo o olhar fixo nesse sagrado ideal do seu constante sonho artistico, trabalhando sempre em o conquistar através de uma arte seria purificada do mais intenso encantamento, a sua obra é o espelho da sua alma, realisação artistica que possue qualquer coisa que nos comove e atrae, que nos faz vibrar, de viva emoção.

Cada uma das suas obras marca um *estado* da sua existencia.

A sua opera *Ulisse*, premiada já duas vezes, mas ainda inedita; partitura que canta as dôres, a alegria serena do heroi grego, *La favola del Ritorno* em quatro quadros, *libreto*

de Arturo Rossato, marcou por assim dizer quanto o autor, soube lutar e vencer o ambiente, todo o esforço da sua mocidade, brotanto sofrimento, coragem e vida florida de entusiasmo!

Porem no seu *Serafico d'Assisi*, vemos o compositor em outro estado de alma.

Catalani, falando-nos numa carta sobre esta sua partitura, em breves palavras descreveu bem a origem da obra: «... il mio lavoro nacque come espressione di puro sentimento religioso subentrato in me dopo un periodo d'amore alla bellezza e alla forza.»...

.....

«E come avrà notato nello scritto che precede la musica, il mio lavoro é una *offerta d'amore* al Serafico Padre.»

O seu *Serafico d'Assisi,* antes de ser musicado apareceu em livro, e a sua publicação foi recebida no mundo literario e franciscano com significativa estima. A forma como está tratada a acção scenica, é um testemunho nítido como Catalani conhece teatro, tendo-lhe tambem dado um invulgar relevo literário, jámais perdendo um colorido de simplicidade digno de elogio, e bem conforme ao assunto.

O arcebispo de Milão, Eugenio Card. Tosi escreveu ao autor a seguinte carta:

ARCIVESCOVADO DI MILANO *1 Giugno 1926.*

Ill.mo Signore,

Ho letta la sua Sacra Rappresentazione «*Il Serafico d'Assisi*», e sono ben lieto di esprimerle la mia soddisfazione per il bel lavoro ispirato alle più pure fonti francescane, lontane da tutte quelle arbitrarie interpretazioni che il più delle volte non sono altro che una deplorevole profanazione del Santo d'oggi e del suo Spirito.

Le dirò anch'io come il Serafico «Lo Signore Iddio vi ricompensi»: la benedico di cuore augurando Le che il suo lavoro possa fare tanto bene.

EUGENIO CARD. TOSI—*Arcivescovo.*

*
* *

Faremos agora um resumo da acção dramatica, antes de entrarmos na parte musical, afim de vermos como Catalani, desenhou bem a mistica figura de S. Francisco.

Este trabalho literário é de todas as *oratórias*, aqui descritas, aquela que possue mais profunda feitura teatral, no entanto, baseada num grande espirito religioso, é tambem uma *oratória* perfeitamente dentro da mais austera arte. A imagem de S. Francisco é belamente tratada por Catalani, aureolada de uma luz divina, que comove, fazendo elevar a nossa alma a Deus.

E' dividido em duas partes; com as seguintes figuras:

PRIMEIRA PARTE

O Irmão

S. Francisco de Assis (homem muito humilde e despresado, e pequeno de corpo — veste pobremente)
Irmão Masseo (homem robusto e elegante e de grande inteligencia)
Irmão Leão (jovem de grande simplicidade e pureza)
Irmão Angelo (muito gentil)
O ladrão Irmão Lobo (homem de aspecto selvagem e feroz)
A companheira Alba (jovem mulher, formosa)
Conde Orlando (o doador do monte Vernia)
Gente nobre, da cidade, populares, crianças e alguns burricos.

SEGUNDA PARTE

O Bemaventurado

Dois caboqueiros (1) jovem robusto, franco e simpatico — (2) jovem forte, rude e selvagem.
Voz celeste
Voz do Santo
Aparição serafica
Côro de serafins
Côro terrestre
Aparição e voz demoniaca
Vozes misteriosas e vozes sinistras
Frades e pastores.

A *primeira parte* é passada no monte Della Vernia. O autor descreve primeiramente o encanto do monte pelas brilhantes invocações das sugestivas penas dos escritores: Eliseo Battaglia, Padre Vittorîno Facchinetti, Carlo Linati, e Alberto Capelletti.

Ao lermos estes periodos das suas bem buriladas prosas, todo o ambiente scenico mostra-se belamente á nossa imaginação, e que linda essa telasinha literária de Battaglia, quando esboça em tons quentes, o monte!! «tutta la selvaggia belezza della natura, rude ma sublime.»

Catalani, guarneceu logo S. Francisco, desde a primeira scena, sob uma atmosfera fortemente poetica. Paisagem cheia de rusticidade bucolica, cujas arvores coalhadas de avesinhas, cantam ao Santo, as melhores das suas sinfonias. Mariposas de asas coloridas volitam em volta de S. Francisco e este de alma tocada de bondade e ingenuidade, sorri-se para aquelas irmans, que vêm ali, cumprimenta-lo e prestar-lhe culto!

Aproximam-se do Santo, os irmãos *Masseo*, *Leão* e *Angelo* e *S. Francisco* recebe-os com alegria, falando-lhes do encanto do monte solitario, e das avesinhas que cantam delicados gorgeios pelos troncos das arvores; voltando-se para elas diz-lhes:

> «Andate, dilettasi e prediletti
> cantori, che Iddio e gli uomi-
> ni vi benedicano e vi dian
> pace.»

Emquanto permanecem a admirar todos os bandos dos passarinhos que levantam vôo e partem, a scena sofre um repentino e rude contraste. Um homem de aspecto selvagem, corre para eles agressivamente.

Somente o *irmão Leão* pensa em fugir, mas olhando para os companheiros que ficaram imoveis, acalma-se e fica.

S. Francisco, chama o ladrão e com as suas dôces palavras, verdadeiramente vindas do ceu, consegue converter aquele homem *(irmão Lobo)*, num ente tranquilo e bom!

Completamente transformado espiritualmente, o *irmão Lobo* diz:

> «Padre nostro, che sei nei
> ciéli!»

Outra personagem aparece naquele momento: *Alba*, jovem e bela que dá um grito ao encontrar-se com o *irmão Lobo*, agora bom e temente a Deus:

«Ma dimmi, dimmi dove
ti, duole; di che male sei
infermato, Dimmi!...»

Todo este dialogo entre *Alba* e *Lobo* é duma alta força dramatica e dolorosa.

Por fim, pela alma daquela mulher passa um bafo de Deus, e sentindo-se transformada, chora e vai beijar as mãos do Santo.

Depois todos se aproximam do monte guiados por *S. Francisco.* Ouve-se um sino ao longe, momento solene para a oração.

S. Francisco resa e todos se voltam para os lados daquele som misterioso de Fé!

Um côro ao longe e que depois se avisinha, canta umas *laudi.*

Chega o *conde Orlando,* com a sua comitiva.

S. Francisco recebe-os a todos com ternas palavras. O povo canta e dança, emquanto o Santo agradece ao *Conde*, a doação do monte.

Depois todos se retiram, e as sombras vão pouco a pouco envolvendo os bosques.

Então *S. Francisco*, a todos os companheiros e a *Alba,* lhes fala da *Pobreza.* Mas *S. Francisco.* sentindo que a sua vida já lhe começa a fugir, faz várias recomendações, dando tambem alguns conselhos. Quando se refere ao futuro de Alba diz:

«Poi fate che la sorella Alba
vada dalla dolce sorella
Chiara, e dite le che sono io
che la mando...»

Respondendo Alba:

«Padre grazie! E benedico
il Signore!»

Todos se encontram, naquela ocasião, cheios de ternura quando ouvem tais palavras.

Então *S. Francisco* voltando-se para todos pronuncia:

«Andate et annunziate
agli uomini la pace.
Vi benedico quanto posso,
et anche più di quanto posso.»

E' assim que finalisa a *primeira parte.*

A scena de toda a *segunda parte* é tambem o monte Vernia. Francesco Catalani quiz dar a esta parte um forte vigor dramatico. Esta passagem do *libreto* não é mais que uma grande tempestade dos elementos da natureza, distinguindo-se o dialogo entre a *voz do Santo* e a *voz demoniaca* que o deseja tentar. Quando a tempestade se acalma, quando o monte Vernia se ilumina de uma luz esplendorosa, o Santo, vencedor do demonio, domina o espirito do mal. Cheio de fervor da oração, levanta ao ceu a voz, como num extase divino! Então as *vozes celestes, S. Francisco*, e o côro terrestre, entôam o *Cantico das criaturas.*

Emquanto *S. Francisco* se encontra sob esta chama intima de elevação a Deus, do ceu desce um *Serafim*, perfeita imagem de Jesus crucificado. *S. Francisco*, sente na sua alma a doçura da divina contemplação e da visita de Christo. Foi neste momento que o Santo sentiu que tinha as chagas de Jesus crucificado! Então um *côro de serafins* louva as grandezas de S. *Francisco* e o *côro terrestre* diz:

«Hosanna! Hosanna! Hosanna!

Ceu e *Terra*, como numa grande exaltação, num crescendo de amor e de entusiasmo, glorificam *S. Francisco.*

Hosanna! Hosanna!
Sanctus! Sanctus!

Porem, antes de toda esta scena, que incontestavelmente possue belas qualidades de seguros efeitos teatraes, esta *segunda parte* inicia-se por uma scena bastante simples, entre dois *caboqueiros* que entre si conversam sobre os milagres do *Santo.* Emquanto discutem tudo que aos seus ouvidos tem chegado, começam os primeiros sinais da tempestade, sibilando o vento e dos ceus sobre a terra desce um intenso ne-

voeiro, sendo então que eles ouvem, através do vento, o dialogo do *espirito do mal* com *S. Francisco*, a que já me referi.

Vou agora tratar da musica que tão belamente acompanha a ideia literária.

*

* *

A musica desta partitura não é de fácil assimilação, porem, desde que nos embrenhemos nos seus segredos, começamos logo a ouvir o corte melodico e as frases que ao principio não se destrinçam bem, depois ouvem-se perfeitamente através dos seus encantos.

O *preludio* da orquestra em *lento et elevato*, começa pela corda em *surdina* ao passo que as madeiras lançam o canto em pianissimo. Todas estas páginas possuem um forte poder descritivo, no qual a Natureza parece revestir-se de gala, ouvindo-se na orquestra os canticos das aves.

Os trechos mais sugestivos da partitura, pelo menos os que mais impressão me fizeram após uma leitura da partitura foram estes:

Na *primeira parte*, quando o *Santo* diz:

«Questi cari fratelli...»

A corda em simples acórdes sustenta o canto, ao passo que o *oboé* e *clarinete* vão desenhando simples melodias, como comentário á voz.

Depois das aves levantarem vôo, a orquestra move-se com muita alegria, como a traduzir a alma de *S. Francisco* vendo aquelas avesinhas a espalharem-se pelo grande espaço banhado de luz solar.

As palavras do *Irmão Lobo*:

«Padre nostro, che sei nei
ciéli!»

são acompanhadas por uma pequena página orquestral em *lento*, com acordes e depois a *harpa* que lhes dá uma tonalidade serafica, impressionante.

Mais adiante, depois da entrada de *Alba*, a orquestra com simplicidade, num canto muito singelo, segue as palavras quando ela diz:

«So che parli come chi
delira».

A ária do *Irmão Lobo*, quando diz, cheio de tristeza a *Alba*:

«Senti, Alba! Io era infermato»

toda a musica possue um profundo carácter dramatico. Todos os naipes ligam-se num trabalho admiravel de grandeza e de religiosidade.

Depois no *raconto* de *Alba*:

«Ricordo come ora!
Quando la neve tutta bianca»

toda a orquestra apresenta-se com um rico colorido descritivo e a *flauta* através de um canto singelo, matisa delicadamente a acção dramática; em seguida quando o *Santo*, numa elevação mistica, diz:

«Venite, figliuoli»

logo a musica se transforma dentro de uma linda tela de delicadeza, emquanto os arcos em *surdina*, calmamente, completam a ideia de *S. Francisco*.

Tambem um côro religioso de *sopranos*, *tenores* e *baixos*, entôa uma *ladainha*, página de lindo efeito, em que as vozes se ouvem sem jámais a orquestra as abafar; um perfeito equilibrio, com um seguro ritmo.

Mais adiante o dueto do *Santo* com *Orlando* é uma das páginas mais caracteristicas da partitura.

Depois de *S. Francisco* dizer:

«Felicitá nel dare che nel
ricevere»

aparece um *glissando* na harpa, seguindo-se duas pequenas frases destacadas em *pianissimo*, no *clarinete* e na *flauta*, marcando o recitativo do Santo:

«Beato il fratello che amerà
il fratello.»

Estas palavras ditas, sem musica, conservam um lindo efeito scénico e musical, como qualquer sentença, vinda do ceu.

No final desta parte, nas palavras de *S. Francisco:*

«Andate et annunziate agli
uomini la pace»

um tal pensamento, tão cheio de amor mistico, a musica é tambem escrita com doçura e enlevo, acabando este final da *oratória*, em *pianissimo*, como um sonho que se evapora pelo grande espaço da vida.

A *segunda parte* é mais pequena que a anterior, mas possue um vigor dramatico muito mais intenso e penetrante.

Depois do longo dueto dos *caboqueiros*, temos uma página de pura orquestra descritiva; o sibilar do vento passa, e toda a floresta permanece como mergulhada numa duvida tetrica.

Os *caboqueiros* ficam cheios de terror até que a tempestade de novo se faz ouvir.

O compositor nesta passagem, demonstra uma grande sciencia musical, pois se a orquestra apresenta um enorme quadro de tragédia, o dialogo entre o *Santo* e a *voz demoniaca* através da natureza em revolta, é uma página de notavel força descritiva, subjugante, que impera sobre os nossos nervos!

Depois quando volta a calma, e se inicia o *cantico das criaturas*, então vozes e orquestra aliam-se numa imensa ligação de crença, como se as nossas almas, purificadas de pecados, subissem para as altas regiões da Bemaventurança.

Termina a *oratória* por um côro mixto, acompanhado de orquestra, orgão e sinos!

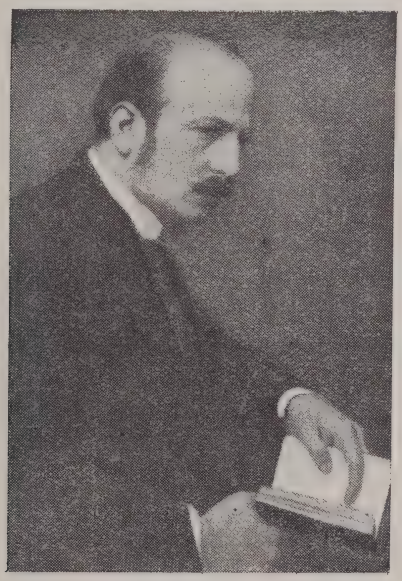
«Sanctus! Sanctus!
Hosanna! Hosanna!»

que é um verdadeiro hino de ardente Fé, á nobre figura de S. Francisco de Assis.

Der Heilige Franziskus von Assisi

(Oratória em tres partes, para grande orquestra, orgão e córos, musica de Hugo Beretvás, poema de Viktor Lanyi).

Esta *oratória*, cantada, com exito, em abril deste ano em Vienna, veio pôr em evidencia, mais uma vez, o valor do compositor hungaro, Hugo Beretvás, pois, inspirando-se em



Hugo Beretvás

S. Francisco de Assis, deu-nos umas páginas por onde passa o mais autentico perfume católico, franciscano.

Hugo Beretvás nasceu em Budapest em 24 de julho de 1872. Desde novo se dedicou ao estudo da musica e quando tinha 20 anos, sob a direcção do notável chefe de orquestra, Hans Richter, já se mostrou como director, na *Opera Muni-*

cipal de Vienna. Depois dos seus estudos na Hungria, estudou o contraponto com o conhecido e conceituado professor, Robert Fuchs, em Vienna.

Hugo Beretvás, tem um grande numero de composições, entre estas uma longa lista de obras para canto e piano e tambem com acompanhamento de orquestra, e uma *Ave Maria* de grande reputação.

Este compositor tendo estudado, com devoção, a grande figura mistica de *S. Francisco*, encarregou o destinto homem de letras, Viktor Lanyi de lhe escrever um libreto, tendo-lhe saído uma obra com todo o carácter do ambiente do Santo de Assis.

A Comissão encarregada do Centenário de S. Francisco de Assis no ano de 1926 recebeu o seguinte oficio, que revela bem o apreço, como foi analisada a *oratória* de Beretvás.

Budapest 1 de dezembro de 1924

«Temos a honra de vir cumprir o dever e darmos a nossa opinião sobre a *oratória* «S. Francisco d'Assis», composta sobre o texto do sr. Viktor Lanyi, pelo sr. Hugo Beretvás.

A *oratória* tem tres partes; onde se poderá notar o valor de Hugo Beretvás, compositor hungaro, tantas vezes apreciado pelas suas canções e diversas obras de carácter religioso, tão cheias de piedade e cuja tecnica o coloca no primeiro logar entre os nossos compositores de musica religiosa.

Emquanto que um profundo lirismo domina nas suas obras anteriores, o carácter da oratória é muito dramatico. E' especialmente nos córos e nos sólos que esta veia dramatica atinge um grande vigor, sobre tudo quando as paixões sobem em maior grau.

O problema do compositor e do autor é resolvido de uma forma bastante feliz, fazendo reunir, diante do auditorio, através dos recitativos melodiosos, dos córos, das arias e das formas as mais complicadas da arte de contraponto, os *canons* e as *fugas*, todas as scenas da vida de S. Francisco de Assis tanto as que são penetradas das banais paixões humanas, como as que entusiasmaram esse homem sublime nas mais puras e maravilhosas regiões celestes.

Beretvás serve-se da técnica dos motivos dominantes para caracterisar as personagens e as ideias da obra. Segundo uma feitura muito especial, jámais caindo no exagero. a *oratória* desperta no publico a impressão que o compositor sentiu, o têma até ao fundo da alma e que foi com as melodias de um verdadeiro poeta que ele conquistou o interesse até ao fim da sua composição.

A oratória de Beretvás é uma obra de valor no género, mesmo em comparação com as composições internacionais.

Devemos estar altivos, porque é justamente, através de um compositor hungaro que o mundo católico, pode ter conhecimento desta obra que é a apoteose musical da vida e da gloria de S. Francisco d'Assis.

Albert Siklós m. p.
(Professor da Academia de Musica)

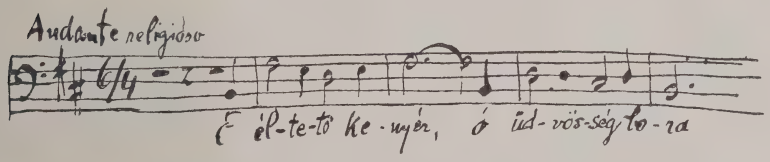
Estevão Thoman m. p.
(Professor da Academia de Musica)

Dr. Géza Koudela m. p.
(Padre: regente coral da egreja da Universidade. Professor de canto liturgico e de canto laico no Seminário Central)

*

* *

O libreto de Viktor Lanyi, representa um sério estudo do meio franciscano; se por vezes é um pouco longo para ser traduzido pela musica, atesta, no entanto, ser um trabalho literario de valor. Ve-se que o poeta desejou dar-nos uma ideia geral de valor do Santo, dentro do seu poder mistico, e tambem no seu papel de apostolo social.



Budapest, le 28/II/1927 Hugo Beretvás

Na *primeira parte*, ficamos em contacto com os primeiros anos de *S. Francisco*, aparecendo todo o colorido religioso. O povo enaltece o seu valor; canta uma *Salve Rainha. Frei Leão, Virgem Maria, A mãe de S. Francisco*, e o côro mixto, servem de comentário, aquela espécie de preparação para o resto da *oratória*.

A *segunda parte*, é a *vocação de S. Francisco*.

A orquestra inicia-se por um preludio — a alegria da juventude — *S. Francisco* parte para a guerra. Nesta parte tambem temos duas passagens importantes, a *visão do Santo*, o

dialogo com a *Voz de Jesus* e depois as *bódas com a Pobreza*, um importante dueto entre esta e *S. Francisco.*

A *terceira parte* é *transfiguração de S. Francisco.*

Começa esta parte por um côro, um hino gregoriano. O libreto sofreu nesta parte alguns cortes, principalmente quando trata da *fundação das tres ordens.* Os córos religiosos são páginas muito importantes nesta parte da *oratória.* Devemos acentuar a *predica ás aves*, a *morte do Santo*, o *cantico ao sol*, que é uma pura declamação de *Poverelo* e depois o *côro final.*

«Alleluya !
Gloria in excelsis Deo !
Alleluya !»

*
* *

Em várias cidades já esta *oratória* foi cantada com exito, segundo resa a critica; este ano em Vienna várias vezes foi cantada, sempre com um religioso respeito e carinho. Um jornal, pela pêna do Dr. Weissenbäck, diz que depois de Liszt, até agora, nenhum compositor hungaro escrevera uma obra deste género.

O mesmo jornal faz a curiosa descrição como esta *oratória* foi apresentada scenicamente, uma verdadeira novidade !

Quando se abre o pano, ficamos em contacto com uma espécie de refeitorio. Estão todos sentados com os hábitos dos franciscanos.

Cada figura tem um caderno em pergaminho. No meio do grupo, encontram-se sentados *Frei Leão* e a *História.* De cada lado, numa espécie de palco, vemos Santa Clara e S. Francisco. Aos pés de Clara, a mãe do Santo, junto de S. Francisco, a Pobreza. Ao fundo noutro estrado, fica a Mãe de Jesus rodeada de Anjos.

Como se vê, é uma apresentação com bastante originalidade.

Emquanto á musica, Beretvás, poz nestas páginas todo o seu talento de compositor, desejando manter uma arte que traduzisse sempre uma força de Crença e de Fé,

Mistiche Nozze di S. Francesco con Madonna Poverta

(Oratória em duas partes para orquestra, vozes e córos, musica de P. Mauro Galletti, poema de P. Bernardo Del Sole).

O compositor P. Mauro Galletti, como veremos no decorrer deste estudo, é um musico que se tem inspirado em composições de diversos géneros, tendo como fonte inspiradora o santo S. Francisco de Assis.

Galletti, vivendo em Assis, onde tudo nos fala da alma ingenua e boa do Santo, serve-se da sua arte, somente para, através das suas melodias elevar a sua alma junto das sagradas regiões onde descança o *Poverelo*. Galletti, recolhido nos encantamentos da arte Divina, exprime pela musica, pelos desenhos sonoros, o que o seu sentir consegue vibrar espontaneamente quando tem que *cantar* qualquer aspecto franciscano. E' dentro da simplicidade da sua arte que todos encontramos a châma do seu talento.

Esta sua *oratória* que não passa de um preito de veneração á alma santa e eleita de S. Francisco, é um trabalho, onde encontramos páginas que são verdadeiras preces musicadas, e postas em contacto com a humanidade.

Galletti não desejou escrever arte com pinceladas de modernismos, e a resposta que o compositor deu a alguem que lhe perguntou em que tendencias musicais fôra escrita esta oratória ele respondeu:

— *Nenhuma tendencia, nenhuma escola: Escutei a voz da minha alma. Simplicidade e sinceridade, eis tudo!*

Galletti, foi procurar assunto para a sua musica, á obra de Bernardo del Sole, *Beati Francisci cum Domina Paupertate spirituales nuptiae.*

As figuras que entram nesta oratória são:

S. Francisco	tenor
Madonna Poverta	soprano
Storico.....	barítono

O casamento espiritual de S. Francisco com a Pobreza, é uma passagem bem conhecida da vida do Santo. Galletti desejou pôr em musica essa página mistica, tendo aproveitado as paginas mais sugestivas da obra, de Bernardo del Sole.

Todo o arrendilhado orquestral é baseado em vários têmas indicadores da acção e pontos de partida para colorirem a *ideia* do drama. Assim temos os têmas: do *amor*, da *vitoria*, da *fidelidade*, em torno dos quais a melodia se desenvolve.

A *oratória* é começada por um *grave religioso*, seguindo-se um côro, onde aparece pela primeira vez o têma do *amor*. Os companheiros do Santo, cantam em lindas frases musicais a surpresa, e o *Poverelo* responde-lhes por uma larga *ária*, descrevendo a nobresa da esposa, e quanto se sente feliz em renunciar aos prazeres da terra. A orquestra, através duma notavel descrição melodica, mostra-nos o abandono de *S. Francisco* pelo mundo e quando a musica pouco a pouco vai num decrescendo até ao pianissimo, ouve-se a voz da *Pobreza* que diz: «Ecco il mio sposo», então o têma — *amor* intercala-se pela orquestra, ouvindo-se o orgão, como um claro escuro áquele momento tão significativo.

Todo o *raconto* da *Historia* é lançado depois com naturalidade, e o *têma* da *vitoria* de *S. Francisco*, vem terminar aquele trecho tão atraente e inspirado.

A *invocação* de *S. Francisco* a Deus e a alegria que a *Pobreza* sente perante os sentimentos do esposo, são uma clara prova como Galletti sabe conduzir a rede tão intrincada dos naipes da orquestra.

Termina a *primeira parte* com um inspirado trecho pela orquestra sobre o *têma* do *amor*, concluindo com um *fugato*, que se torna uma das melhores paginas da oratória.

A *segunda parte*, possue um *preludio* estilisado sobre o têma da *fidelidade*. As frases que se seguem, de *S. Francisco*, como as da *Pobreza* são um modelo de melodia pura lançada com uma grande elegancia. O contraste entre o amor puro e a tentação mundana, oferece ocasião para que o compositor se sirva de um motivo popular que entregue primeiramente á orquestra e depois ao orgão, prepara o côro em um canto simples em forma gregoriana.

Outro trecho importante, nesta parte, é a narrativa do *Historico* ao expôr a Regra ditada por *S. Francisco* aos seus irmãos. A orquestra, nos violinos, oboé, clarinete e harpa, atáca o têma da *fidelidade*, seguindo-se um côro religioso. Tambem há a notar um *côro de Anjos* acompanhado com harpa, hino celestial a *S. Francisco*. A *oratória* termina com um coral, baseado no têma da *fidelidade*.

Galletti, nesta obra, atesta superiores qualidades, sobre tudo um enorme poder descritivo, tendo apresentado um lindo trabalho orquestral e uma bela sciencia de conhecimento das vozes.

Esta *oratória* foi cantada pela primeira vez no Templo de S. Spirito em Ferrara, em 23 de outubro de 1926 pelas 9 horas da noite.

Os executantes solistas foram: Tinia Mattioli *(Pobreza)*, o tenor Nello Santini *(S. Francisco)* e o barítono Dante Polveroni *(Historico)*.

A orquestra foi regida pelo autor.

Il Trittico francescano

(Oratória em tres partes, musica de Licinio Refice, poema de Emidio Mucci).

Licinio Refice, nasceu 1885, tendo feito os seus estudos teologicos no Colegio Leoniano de Anaqui. Mais tarde em Roma, na escola de Santa Cecilia teve lições com Falchi e Renzi.

Tendo-se dedicado de preferencia á musica religiosa é pois considerado em Italia como um dos melhores compositores em musica sacra. As suas *oratórias* e outras obras, têm feito de Refice, um artista já muito considerado, e respeitado apesar dos seus quarenta e dois anos.

O estilo de Refice possue uma qualidade muito especial,

uma nitida independencia de escola, sendo a sua musica dentro do perfume espiritual católico.

Toda a critica foi unanime em ver na musica desta *oratória*, um forte sentimento poetico, com uma orquestração de boa tecnica, não entrando nunca nos dominios do modernismo. Os têmas da *Pobreza* e de *S. Francisco*, foram os que mais agradaram.

Foi cantada pela primeira vez na Catedral de Assis, em outubro de 1926.

Todos os executantes, córos, e orquestra, agradaram pela firmeza na afinação.

Os solistas foram: soprano Rafa e o tenor Radaelli.

A partitura ainda não foi publicada.

Saint François d'Assise

(Oratória, (fragmento) poema de Paul Collin, musica de Max D'Ollone).

Max D'Ollone, na escola musical da França, é desses nomes que se tem tornado conhecido e estimado, á custa da sua obra, deveras notavel, paginas inspiradas e demonstrando uma técnica digna de apreço, sobretudo pelo seu grande relevo descritivo.

Max D'Ollone nasceu em Besançon em 13 de junho de 1875. Entrou no Conservatório de Paris na classe de Lavignac em 1891, tendo obtido o *1.º Premio* de Harmonia em 1893. No ano seguinte entrou para a classe de Julio Massenet. Logo a seguir alcançou o *2.º Premio* de *Fuga* e no mesmo ano o *2.º grande Premio* de Roma. Em 1897, poude ter com a maxima justiça, o *1.º Premio*, com a sua *cantáta — Fredegonde*. Durante a sua estada na Villa Medicis, obteve o *Premio Rossini*. D'Ollone não é só notável como compositor, tambem o é como chefe de orquestra.

A sua obra é bastante vasta em *peças dramaticas* como *Le Retour, Les amants de Rinini*, etc.

Nas *obras sinfonicas*, como *Jeanne d'Arc*, *Vision du Dante*, *Les villes Maudites*, revelam um grande temperamento ardente, cheio de relevo musical.

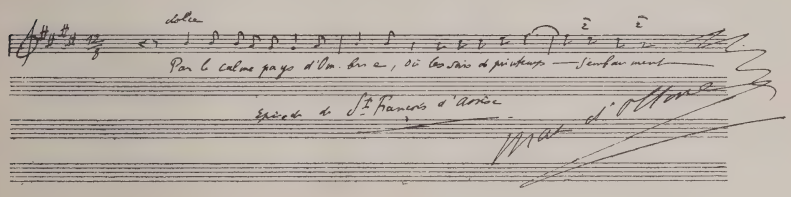
Por este fragmento da sua *oratória*, *Saint François d'Assise*, já podemos avaliar claramente, como este notavel artista, através da musica, nos dá, um lindo episodio, cheio de luz suave e bela.

Por isso muito bem diz Mangeot: «Tudo nele é fé ideal, generosidade, distinção, e nobreza, honrando a musica da sua patria».

*

* *

Foi devido ao falecimento do seu colaborador literario o distinto poeta Collin, a principal causa porque Max D'Ollone não concluiu esta *oratória*. Assim em carta o grande artista nos disse: «J'ai écrit cet épisode de S. François d'Assise à



Rome en 1899 alors que j'y etais pensionnaire de l'Academie de France à la Villa Medicis. Je voulais écrire un grand oratorio sur la vie de ce Saint, mais peu après la mort de mon collaborateur le poete Paul Collin, me fit renoncer à ce projet.»

Do que ficou deste seu trabalho tão notavel foram umas paginas admiraveis de sentimento.

Toda a sua musica nos fala dessa Umbria, que viu nascer *S. Francisco*, que lhe ouviu as suas dôces palavras, terras verdejantes onde as aves cantam hinos de louvor. Foi durante uma Primavera florida, que Max D'Ollone esteve em Assis; naquela região santificada, poude recolher na sua alma todo o rosario de coisas belas e misticas, que lhe fascinaram a sua inspiração melodica.

O poeta, com uma rara elevação bucolica descreve-nos todo o quadro campesino, quando a luz do poente, de uma claridade melancolica, sonha toda a tela que tanto palpita de religiosidade.

Todos cantam e oram numa comunhão de paz, á mistura com o badalár dos sinos que dão aos campos a tonalidade de uma constante prece a Deus:

«L'Angelus fait monter au ciel sa voix benie
Et l'écho parte au loin la pieuse harmonie.»

e o côro termina o trecho:

«Aimons Dieu, mes fréres et tous les uns les autres,
Aimons nous.»

Depois a orquestra em *pianissimo*, como numa visão alada de sonho em tres compassos, finalisa todo este delicado trabalho, todo ele tão belo, tão ingenuo, tão ligado á imagem do *Santo!* Somente isto, mas tão grande no campo da estetica!

Frate Francesco

(Oratória, musica de Domenico Montico, libreto do Dr. A. Lauri).

Foi cantada esta *oratória*, com algum exito, em junho de 1927, no *teatro Social* de Udine.

Toda a critica foi unanime em elogiar a beleza da musica e o seu inspirado assunto literario.

Montico nasceu em 1852; se a sua obra não é muito numerosa, tem algumas peças que têm sido bem recebidas, como *Cadore*, *Sofia de Clerval*, *Edith* e outros.

Domenico Montico, escreveu para esta *oratória*, uma musica cheia de frescura e inspirada.

Instrumentada esta partitura somente em cincoenta dias, demonstra uma bela feitura.

O director da orquestra foi o neto do autor, o maestro Mario Montico. Os cantores foram o tenor Redaelli (*S. Francisco*), M. Carotti *(Santa Clara*), o barítono Mimmo Russo *(Historico)*, e Tremonti *(Fra Jacopo)*.

O autor foi muito aplaudido e chamado varias vezes.

SEGUNDA PARTE

MISSAS

Missa primitiva da veneravel ordem terceira de S. Francisco

(Para orquestra, solos e córos, por Francisco Eduardo da Costa).

Encontro finalmente, nas *Missas*, em honra de S. Francisco de Assis, um compositor português, que apesar de ter falecido novo, pois viveu 36 anos, deixou uma obra de musica religiosa bastante aproveitavel, embora o seu estilo se tivesse moldado sempre á escola italiana, a qual, na sua epoca, tinha conquistado adeptos no nosso país.

Nasceu em Lamego em 1819, mas por questões politicas teve que abandonar esta cidade indo para o Porto, onde fixou residencia.

Desde muito novo, tendo-se dedicado á leitura constante de partituras dos mestres, como Beethoven, Haydn e Mozart, aprendeu, nestes artistas, uma feitura solida de orquestração como bem se nota em quasi toda a sua obra.

Foi a musica religiosa, aquele genero de arte, que mais o prendeu e assim legou-nos *Credos*, *Missas, Antifonas*, etc. que apesar de terem, como disse, uns desenhos melodicos muito na forma italiana, não são peças que devam cair no esquecimento por falta de valor.

Esta sua *Missa* em honra de *S. Francisco*, atesta, quanto o seu autor foi um compositor apreciavel e sobre tudo, escrevendo com bastante seriedade musical.

Messe de S.t François d'Assise

(Para orquestra, solos e córos, musica de E. Paladilhe — Assis, Roma, 1862).

A França, apresenta pela pêna do seu inspirado compositor E. Paladilhe, uma inspirada *Missa*, digna de apreço, apesar da feitura, banhada de simplicidade, que ela nos revela.

Paladilhe, que faleceu em janeiro do ano passado, nascera numa aldeia proxima de Montpellier a 3 de junho de 1844.

Os seus professores foram, seu pai medico, mas grande cultor de musica e Boixet, organista da capital. Desde os 9 anos frequentou o Conservatorio de Paris e quando saiu em 1860 tinha alcançado, o *Primeiro Premio de Roma*.

Paladilhe é autor do drama musical, *Patria*, cantado na *Opera* em 1886. Paladilhe não acompanhou a evolução da musica, cuja vitoria, alcançada pelo mestre do *Parsifal*, elevou a arte a um enorme esplendor! Mas, se como autor dramatico ficou na sombra, na musica religiosa foi notavel. A sua obra principal é esta *Missa*, de *S. Francisco de Assis*, composta em Italia, na cidade de Assis, quando da sua estada como estudante, em Roma. Naquela região de paz franciscana, o artista sentiu a sua alma jovem, inclinada para a religião, e desejou traduzir na musica o que o seu sentimento lhe ditára.

O padre Brun, ainda há pouco, referindo-se a estas paginas religiosas, escreveu na *Vie Catholique*: «Os *Kyries* desta musica são sobrios, serios, dum forte sentimento religioso, o *Sanctus*, duma feitura coral larga e bem soante e o *Benedictus* duma notavel naturalidade.

Emquanto á *Gloria*, é escrita á epoca, com uma construção gregoriana quasi desconhecida então no Conservatorio, onde a musica palestriana era apenas vista sob o prisma do contraponto escolar».

*

* *

Os primeiros compassos do *Kyrie*, em *andantino*, expõem o primeiro motivo, preparando a entrada das vozes quando atacam *Kyrie eleison*. Na orquestra segue um canto bem acentuado que de vez emquando as vozes seguem, ligações com um grande espirito religioso.

A *Gloria*, depois de uma pequena introdução de quatro compassos, em que as harpas, com o resto da orquestra formam o inicio da parte coral, é uma das melhores passagens da *Missa*. Até á chegada do *solo* «*Et in terra pax*», as harpas vão acompanhando sempre, que á mistura com os restantes naipes orquestrais, resalta um lindo conjunto. Novamente os córos cantam e os desenhos da orquestra de novo se repetem, cheios de vigor.

Mais adiante o *solo* de tenor «*Domine Deus*» com a colaboração do soprano e depois os *Tutti*, são uma verdadeira apoteose sonora, já lançada por mão de mestre!

O *Sanctus* desta missa, caracteristicamente singelo, possue o predominio das harpas que em fortissimo dão aos córos um grande relevo de sentimento. Por fim o *Benedictus* e o *Agnus Dei*, expostos pela orquestra se não são os pontos mais sugestivos da *Missa*, vibram, no entanto, de uma grande e significativa elevação mistica.

Esta *Missa* ainda que seja uma obra de mocidade, pelo menos, vê-se que o autor desejou imprimir na musica um terno perfume de ambiente franciscano. E não será já uma grande qualidade?!

Missa in. hon. S. Francisci Assisiensis

(Para tres vozes e orgão, por Filippo Mattoni)

E' um pequeno trabalho, mas dotado de sentimento, pois afastando-se das correntes modernas da arte, que tantas vezes sáem fóra do meio religioso, conserva bem a melodia italiana.

Mattoni nasceu em Roma, tendo-se sempre dedicado á musica sacra, obras geralmente executadas nas festividades religiosas de Roma e doutras cidades, como Parma, Milão e Pisa.

Com as suas obras, como *Missas* em honra de S. Filipe Neri, S. Luis de Gonzaga, não poderia deixar de se inspirar em S. Francisco de Assis, o santo mais popular de toda a Italia.

Esta sua obra, possue lindas paginas de musica e as vozes encontram-se bem tratadas.

Missa in. hon. S. Francisci Assisiensis

(Para duas vozes e orgão, por Giuseppe Terrabugio)

Com esta partitura encontramo-nos perante um compositor de uma feitura de trabalho mais profunda. A figura serafica de S. Francisco aparece-nos através das melodias, como numa perfeita tela de Giotto! Todas as melodias vocais se desabrocham sob um ambiente intensamente religioso, sem nunca procurarem efeitos, que tantas vezes colocam as obras num logar bem secundario, da qualidade religiosa que devem manter.

Giuseppe Terrabugio é um compositor que tem hoje os seus 85 anos, sendo a sua bagagem musical muito importante, principalmente em obras religiosas. Discipulo de Cornelius, e de Rheinberger, o seu estilo indica uma grande sciencia de instrumentação, tratando as vozes, com plena consciencia dos seus valores. Verdi tinha grande consideração e apreço por este artista.

Missa in. hon. S. Francisci

(Por Giovanni Pagella)

Este sacerdote não é somente o compositor que pelas suas inspiradas musicas se tem colocado como um artista de destaque na arte moderna de Italia, é tambem um musicografo, distinto, cuja pena é vigorosa, quando principalmente necessita entrar na senda da polemica musical, como bem provou numa serie de artigos sobre musica gregoriana, publicados na revista, *Santa Cecilia.*

Em toda a Italia a sua obra é escutada e mesmo discutida, pois a sua personalidade impõe-se como um escritor que traduz nas composições, a sua alma emotiva.

Nesta sua *Missa*, toda ela inspirada na vida de S. Francisco, nota-se o mesmo artista, do drama sacro, *Job*, que foi recebido pela critica com opiniões as mais opostas. Pagella tem hoje 55 anos, sendo organista na egreja de San Giovanni Evangelista, em Turim.

Missa in Honorem Seraphici P. S. Francisci ad duas voces aequales — organo comitante, op. 23

(Musica de P. M. Galletti)

Do valor do compositor Galletti já fizemos referencias, quando estudamos a sua *oratória*; nesta *Missa*, vemos um trabalho apresentado com elevada arte, mas sempre singela, como encarnando, na sua beleza estetica, a doçura, a humildade, do *Poverelo* de Assis.

Tres compassos em *andante*, dão entrada ás vozes quando atacam os *Kyries.* O acompanhamento segue o canto em

semelhante melodia. A *Gloria*, é outra pagina interessante da *Missa;* nela temos uns contrastes melodicos de muito efeito.

O *Credo* demonstra uma forma musical com vigorosa expressão; cada compasso atesta, em desenhos cheios de melodia toda a unção da letra.

As tres ultimas partes da *Missa*, *Sanctus*, *Benedictus*, *Agnus Dei*, continuam com uma admiravel religiosidade, que bem marcam o talento do compositor.

Missa in. hon. S. Francisci Assisiensis

(Para tres vozes, tenores e baixos, musica de Ciro Grassi)

Ciro Grassi, nasceu em 1868, tendo sido discipulo, no Conservatorio de Milão, de Mapelli e Fumagalli, sendo mestre da capela musical de S. Antonio, em Padua. Possue muitas composições sacras de valor, e esta sua *Missa*, se não tem muita egualdade em inspiração, contem trechos elevados, dignos do grande Santo que o compositor desejou honrar.

Missa in honorem S. Francisci Assisiensis

(Para orgão, córos mixtos, solos, musica de Gastone Zuccoli)

Gastone Zuccoli, que na moderna arte italiana vai conquistando um nome bastante conhecido pelo seu talento, nasceu em Trieste a 10 de outubro de 1887, tendo estudado a sua arte no Real Conservatorio de musica de Parma, desde 1902 até 1907, onde frequentou com distinção as classes de composição, orgão e piano.

Voltando novamente para a sua terra natal, dedicou-se ao ensino de piano e de orgão, no Conservatorio «Tartini», daquela cidade.

Ha pouco tempo Zuccoli alcançou com merito o logar

de organista da Basilica de S. Justo. Em virtude das suas obras, e devido ao seu valor de executante, é hoje considerado como o melhor organista da provincia Venecia.

Gastone Zuccoli, alem de possuir vastos conhecimentos de musica, as suas composições salientam-se pela inspiração das suas melodias, e pela tecnica que a sua exposição denota.

As suas principais obras são: *Outôno* e *Noite de Getsemani*, peças sinfonicas de alto valor; varias *Missas*, *Miserere* para 4 vozes, uma *Ave-Maria* para tenor, *peças religiosas e profanas*, para canto e piano, uma *Salve Regina* e uma *suite* para *quarteto* de violinos.

A sua *Missa* em honra de *S. Francisco de Assis* que foi executada, com grande exito, na Basilica de Trieste em 4 de outubro de 1926, pela ocasião das festas nacionais em homenagem á memoria do Santo italiano, é uma obra trabalhada sob uma forma livre, moderna.

No entanto Zuccoli, disse-me, numa gentil carta, que esta sua *Missa* «respeita o diatonismo gregoriano tradicional, tronco firme, austero e majestoso sobre o qual um suave e penetrante lirismo, nele floresce sob uma atmosfera harmoniosa e cromaticamente moderna.»

Esta *Missa*, tem paginas notaveis como são: *Hosanna*, *Sanctus* e *Benedictus*, cuja musica traduz fielmente as almas em prece, iluminadas de Fé!

Duas *Fugas* possue esta *Missa*, habilmente trabalhadas, uma no fim da *Gloria*, outra ao terminar o *Credo*.

Zuccoli, se não tivesse já uma reputação como compositor sacro, esta sua obra seria uma clara prova do seu talento.

Messa Terza in onore della Poverta di S. Francesco [1].

(A due voci eguali con organo ad armonio, musica de Giulio Bas)

Ainda eu não tinha analisado a partitura desta *Missa,* já o autor, tambem distinto *musicografo*, me dizia: «é a unica composição franciscana que tenho, trabalho bastante humilde, e que tem apenas um fim: traduzir o espirito franciscano na liturgia, pelos meios mais simples.»

Esta opinião que muitos poderão pensar ser apenas umas simples palavras, para completarem um periodo de uma carta, é, bem pelo contrario, uma finalidade de uma obra de arte, destinada a dar-nos o desenho mistico de uma figura da Egreja ou pintar o ambiente de uma epoca historica.

Mas quando analisamos a partitura desta sua *Missa*, se ela nos revela um trabalho *humilde,* como o autor nos disse, está dentro desta sua singeleza todo o seu valor, pois coaduna-se espiritualmente com a alma simples e bôa, ou melhor santificada de S. Francisco.

Ora Giulio Bas, na partitura, expõe *o que é,* a sua *Missa*, como materia de arte religiosa, e dou-lhe imensa razão quando ele nos diz: «Fiz todo o possivel para que não ficasse com um *aspecto pedante*, não desejo que seja uma *Missa* de escola, mas de egreja e de oração.»

Ah! como é agradavel ver um artista musico, pensar assim, com respeito a obras religiosas! Se todas as obras, ditas sacras, nos dessem sempre a ideia da oração, que fizessem levantar o nosso pensamento a Deus, como seriam *sagrados* esses momentos que estivessemos nos Templos!

A musica sacra, não deve ser somente, notas sobre notas, escritas na pauta, como musica teatral, bem longe disso! Cada frase deverá ser uma oração, os desenhos melodicos, preces

---

[1] Casa editrice «Musica Sacra» — Milano.

nascidas da alma do autor. Ora esta *Missa* de Bas, é um hino de admiração a *S. Francisco*, e quanto mais penetramos no seu segredo artistico, mais proximos estaremos do *Esposo* da Pobreza!

Giulio Bas, sempre pensou em S. Francisco, «pobre e humilde», na «Pobreza franciscana», por isso esta sua obra, é rica de espirito sacro.

A sua base é a grande arte medieval, donde em musica, o caracter do canto, nasce do espirito *complessivo* dos textos, e não das simples frases e das palavras que se encontram, assim nos diz Giulio Bas.

Quando passamos no piano as paginas desta partitura, quando perante nós, se espiritualisam, no nosso sentir, os canticos suaves, dos *Kyries,* a exaltação da *Gloria*, a ardente Fé do *Credo* e chegamos ao *lento solemne* dos *Sanctus,* e ás pequeninas paginas do *Benedictus* e do *Agnus Dei*, este cantado *com grande raccoglimento,* a figura de *S. Francisco,* desenha-se na nossa fantasia, e toda a região de Assis, parece pouco a pouco esboçar-se numa grande tela mistica, de casto colorido como fosse inspirada por uma alma eleita junto do Criador. Musica de encantamento, espontanea, ingenua, singela, como seria a palavra do Santo!

Bas, que nas suas obras, *Christus natus est*, *Gloria laus, Popule Meus,* se revela um artista de envergadura, ao escrever esta sua *Missa*, a sua alma vibrou num grande campo de pura religiosidade, como não é vulgar encontrar-se.

Giulio Bas, que foi discipulo de Tebaldini, de Bossi e de Rheinberger, que substituiu Perosi na Basilica de S. Marcos em Venesa e que é hoje professor no Conservatório Verdi, de Milão, é um artista que tem elevado a musica sacra em Italia a um grande esplendor, já sob o ponto de vista tecnico, já como poder emotivo, sempre dentro de uma profunda e rara inclinação religiosa.

Messa Serafica in onore di S. Francesco d'Assisi, per coro a 2 voci.

(Musica de Giov. Battista Cassetti)

Tem hoje este compositor 64 anos, natural de Talmezzo, onde vive, como mestre de capela, da catedral daquela cidade. E' tambem director de uma banda por ele fundada. Tem-se dedicado á composição de obras religiosas.

Esta sua *Missa*, inspirada em *S. Francisco,* é de uma feitura muito facil, não sendo de todo inspirada. Cassetti trata bem a composição das vozes.

Messa in onore di S. Francesco

(Musica do P. Claramelli a 3 vozes)

Não conheço esta partitura, mas trechos desta missa foram executados nas festas franciscanas realisadas no Porto, pelo *orfeon* das Oficinas de S. José.

TERCEIRA PARTE

OPERAS

E PEÇAS DRAMATICAS COM MUSICA DE SCENA

Le Miracle de Saint François

(Episodio lirico em 2 quadros, libreto de R. de Bionnet, musica de P. Béthenod).

Nas peças teatrais musicadas onde a figura serafica de S. Francisco nos aparece como um ponto inicial de inspiração em torno do qual gira toda a acção scenica, devemos mencionar o episodio lirico, *Le Miracle de Saint François* de P. Béthenod, poema de R. de Bionnet, e que apesar de ser um assunto não historico, embora tenha certas passagens como se encontram nas biografias de S. Francisco, é, sem duvida nenhuma, um trabalho poetico que pinta com elevação, principalmente o caracter do Santo, sua tendencia religiosa, sua alma a desabrochar no campo da santidade.

O autor da musica se não foi um compositor que viveu no meio dos reclamos, foi um artista que soube trabalhar com um profundo amor pela sua arte que era para ele, todo o seu grande ideal. Dentro do genero da musica sacra, este artista soube revelar uma espontanea inspiração, jámais saindo da escola melodica e sem nunca penetrar nessas tendencias da musica moderna, tão falhas de beleza, que não podem durar através do tempo, pois falta-lhes a base primordial — a seriedade artistica.

R. P. Pierre Béthenod, nasceu em Izieux (Loire) em 23 de março de 1856, descendente de uma familia originaria de S.t Chamond, e faleceu em Lyon a 29 de outubro de 1916.

Começou os seus estudos com os Padres Maristas, tendo conquistado os diplomas de bacharel e de licenciado em letras e filosofia.

Ao sair do colegio de Santa Maria em S.t Chamond, foi fazer o seu noviciado numa casa de Sociedade dos Padres

Maristas. Assim foi subdiácono em 1881, diácono em 1882 tendo-se ordenado em abril de 1884.

Béthenod foi um homem culto, como se revelou quando professor de filosofia em Lyon, em Paris e em S.t Chamond.

Publicou em 1895, *Elementos de Filosofia* 3 vol., em 1905, *Historia resumida da Filosofia.*

Na «Schola Cantorum», de S.t Chamond fez conferencias muito interessantes, sobre a *Historia da musica na India, musica grega* e *musica em Roma.* (1)

Em 1909, sentindo-se doente, abandonou o ensino, sendo nomeado organista de S. Nizier em Lyon. Foi a partir desta epoca que começou com maior afinco, a entregar-se á composição.

As suas principais obras foram:

Les martyrs de Lyon, palavras de F. Chovet, representada em Lyon, janeiro de 1914.

Le Poeme de la Vierge, 6 quadros, trabalho inedito.

1.º quadro — *L'Annonciation*
2.º » — *La Nativité*
3.º » — *Epiphanie et Fuite en Egypte*
4.º » — *Nazareth et le Calvaire*
5.º » — *La Vierge au Cénacle*
6.º » — *Mort de Marie et Assomption*

Le Miracle de Saint-François (episode lirique)
Quintetto em menor (editor Senart)
Adagio para octuor (Chapelier)
Tempo di Minuetto, para octuor (Chapelier)
L'or des aieux, representada em 1908
La ronde du vent, dança montanhesa para solo e côro a 2 vozes de mulheres (Haton-Paris)
En Haut les cœurs, hino patriotico, solo e côro (Haton — Paris)
Au son joyeux des castagnettes, canção hespanhola, solo e côro a 2 vozes (Haton)

(1) Até a esta data não foram publicadas.

Mon trésor c'est l'Eucharèstie (Haton)
e muitas mais obras religiosas, ainda não publicadas.

Por esta obra que iremos analisar e por outras peças conhecidas, Béthenod, possuia um estilo muito proprio, pois nunca gostou de abandonar a melodia simples, sem arrebiques, sempre a arte espontanea exposta com elegancia, extranha a outras escolas quantas vezes nocivas aos compositores...

*
* *

O compositor deu a este episodio lirico as seguintes figuras scenicas:

Francisco de Assis ..... Tenor
O Barão .... Baritono ou baixo cantante
Andréa, filha do Barão.... Soprano
Primeiro escudeiro . ..... Tenor
Segundo escudeiro ..... Baritono
Córos de archeiros, cavaleiros e homens d'armas
Córos de mulheres e crianças.

*
* *

Com respeito á acção dramatica é somente no *2.º quadro* que nós vemos a musica começar a iluminar-se de uma transparente religiosidade, pois que o primeiro é todo passado num ambiente completamente profano, vendo-se que o libretista desejou firmar bem o contraste entre um e outro.

A scena do *1.º quadro* é uma grande sala abobadada, num torreão dum castelo feudal. O fogo arde na vasta lareira; muitas mesas carregadas de manjares e de copos com vinho. A noite chegára; estamos em pleno outono. A chuva está caindo e de longe em longe o sibilar do vento.

Em todo este quadro vive a alegria. O Barão chega da caça rodeado da sua comitiva.

Todos á mesa, contam as suas aventuras, e quando o festim se encontra no auge do praser, entra *S. Francisco,* marcando naquele meio uma nota de tristeza, e de recolhimento!

Todos se calam atónitos; então o Barão interroga-o para saber quem ele é, donde vem tão mal vestido! *S. Francisco* diz-lhe que chega de Assis, vindo ali, afim de lhes mostrar os encantos do ceu, conquistados pelo bem, praticados em vida. Todos fazem chacota das palavras daquele frade maltrapilho. Porem *S. Francisco*, sempre com a alma junta de Deus, responde apenas que vem ali para o converter! O Barão rindo-se responde-lhe, se ele fôr capaz de dar frescura e vida ao seu roseiral, morto desde o inverno, poderá estar certo que o seguirá, trocando as suas vestes pela do mais humilde dos pobres. Depois, olhando para o Santo diz-lhe que poderá ali dormir. *S. Francisco*, com aspecto mistico, apenas lhe diz que passará a noite resando para que Deus toque no seu coração. Todos os convidados dizem que tal milagre será impossivel e novamente voltam ás alegrias do festim, louvando o bom vinho, o amor, a vida, com o seu rosário de prezeres.

O 2.º *quadro*, representa o pateo do castelo. Pela direita avista-se a planicie. A' esquerda, a entrada principal. Numa das muralhas ve-se uma roseira trepadeira, completamente sêca. E' de manhã; o dia anuncia-se de sol brilhante.

O Barão, contempla o encanto, do lindo quadro da natureza outonal. Perante aquele poder do Criador, sente o seu espirito voar para as altas regiões do Senhor, sem mesmo saber a razão!

Então Andrea pensativa vem contar ao pai, o seu encontro com o monge, e como este caminha sorridente, ao passo que as avezinhas do caminho acompanham, em canticos festivos, a sua nobre figura. Andrea então explica como ele falara ás diversas aves, que o escutavam com ingenuo amor. O Barão ouvindo a narrativa da filha, diz-lhe que se sente maravilhado e que desejava saber quem será esse homem! Chega *S. Francisco*, e com ele, mulheres, homens e crianças. O Barão pergunta a *S. Francisco* se passou bem a noite e se teve sonhos agradaveis. O *Santo de Assis*, conta-lhe o sonho que tivera, todo mistico e ideal. O Barão, responde que está longe de poder sentir a sua alma subir para tão alto, ele tão grande pecador, sem remedio!

Andrea, ouve o povo que sensura a fala de *S. Francisco*

e diz ao pai que despreze aquelas palavras; então o Santo responde que Deus lhe perdoará as suas faltas. O Barão, diz a *S. Francisco* que faça florir o sêco roseiral. Responde o *Santo*, não ser senão um pecador, mas visto que Jesus o envia ali para que a alma do Barão se ilumine á face de Deus, espera poder produzir uma grande transformação no roseiral. *S. Francisco* ajoelha-se numa grande prece; no entanto as rosas começam a ficar cheias de lindas cores e as folhas muito viçosas. *S. Francisco* levanta-se e pegando na mão do Barão, indica-lhe o ceu, convidando-o a glorificar a bondade divina. Todos se sentem maravilhados perante o milagre das rosas! Então o Barão entrega a *S. Francisco* a espada, dizendo que crê no Deus clemente.

S. Francisco, com doçura diz-lhe, que Jesus ama os pecadores arrependidos e que a sua cruz será sempre a sua unica esperança. Então todos dizem «Gloria in excelsis Deo».

*

* *

A impressão que esta musica nos deixa, através da partitura de piano e canto, se não possue uns grandes rasgos de uma obra teatral de forte dramatisação, é todavia uma opera escrita com intensão religiosa e com aquela simplicidade que deve ter a musica que serve para emoldurar uma figura da egreja catolica, como é a do *Poverello d'Assis*.

Bethenod, estou certo disso, escreveu-a propositadamente, com essa tonalidade melodica, principalmente no 2.º quadro, que não é mais que uma oração, a pintar o poder mistico da força milagrosa de S. Francisco.

A partitura tem um preludieto em *andantino*, entrando logo a orquesta a comentar toda a acção dos escudeiros nos preparativos do festim.

No *1.º quadro*, ha a notar musicalmente — os seguintes trechos: a frase do *Barão*, num *adagio religioso* quando diz:

«Eh! O' d'où viens tu, moine sinistre.»

e depois o lindo canto de *S. Francisco*, quando a musica calma e terna é uma pura narrativa melodica:

«Nobre baron je viens d'Assise.

Neste dueto a parte orquestral, deixa brilhar as vozes duma forma especial. O compositor não quiz encher a musica de fortes tonalidades, bem pelo contrario, arte simples e pura.

O côro final do quadro, é onde a orquestra indica mais vigôr. Uns acordes nos metais completam as vozes num *maestoso* até ao fim do acto.

O *intermezzo* orquestral, que Bethenod chamou o *sôno do Santo* (meditação religiosa), uma pura pagina á Massenet, é uma das melhores passagens da partitura, pelo seu carácter sentimental e pela sua feitura cheia de delicadeza e de elegante lançamento da melodia.

O 2.º *quadro* é superior ao primeiro, pois demonstra possuir um maior equilibrio musical e scenico. Numa pequena introdução de dose compassos em *andante misterioso*, a orquestra prepara a frase do *Barão*, quando do alto do seu castelo contempla a planicie:

«Que le soleil est superbe!

A orquestra nos naipes da corda indica-nos que o *Barão*, começa a lutar com a ideia da vida futura, como premio ás bôas ou más obras praticadas na terra. Em todo o trecho a musica parece ter suspiros de magua e ao mesmo tempo de resignação cristan.

Toda a *ária* de *Andréa*, puramente descritiva sobre a passagem do *Santo* com as *aves*, o trabalho orquestral é traçado sob um ambiente delicado de lirismo, belamente inspirado.

Vozes e orquestra, completam-se numa ligação ideal, que nos faz ver a serafica figura de *S. Francisco*, tocante de casta religiosidade.

O côro ao longe de mulheres e crianças

«Vexilla regis...»

é um perfeito hino liturgico, formando o claro escuro da scena em que *Andréa* e o *Barão*, esperam a chegada do *Santo*.

São dois contrastes, que sendo altamente teatraes, jamais perdem o seu carácter religioso!

A visão de *S. Francisco* é uma das mais bonitas paginas da partitura. Vemos, no canto, uma melodia cheia de elevação mistica, enquanto que a orquestra o vae seguindo bordando todo o acompanhamento em têmas do *intermezzo*.

Bethenod, coloca, nestas paginas, toda a sua alma piedosa.

No milagre das flores, temos uma pagina sinfonica, que nunca saindo da simplicidade, indica bem o que se passa em scena.

Toda aquela transformação até ao *côro final* que não é mais que uma gloriosa elevação de graças a Deus, em que as vozes em *fortissimo*, vibram de crença e de entusiasmo, realizam um momento de arte, maravilhosamente grandioso. O fim do episodio lirico é apenas com seis compassos pela orquestra em *adagio molto*, como se a musica traduzisse, que todas aquelas vozes tivessem chegado ao ceu levando aos altos confins as suplicas da humanidade.

Como disse, Bethenod, neste segundo quadro, deu á sua arte, um maior vigor de crença e de musica religiosa.

*

* *

Este episodio de Béthenod, foi cantado pela primeira vez em Lyon, a 13 de março de 1910, e repetido no 1.º de maio do mesmo ano, sob a regencia do autor.

Francesco d'Assisi

(Drama lirico em quatro actos, musica de Arnaldo Carloni, poema de Antonio Lega).

O jovem compositor italiano Arnaldo Carloni, se não tivesse já um nome bastante conhecido, bastaria somente esta sua opera *Francesco d'Assisi*, para que toda a critica, a mais

imparcial, visse nele um artista de grande envergadura e um continuador da escola italiana que através dos seculos tem vindo sempre demonstrando a força, dos seus encantamentos.

Arnaldo Carloni, antigo aluno do *Liceu Rossini* de Pésaro, teve como professores, Pietro Mascagni e Antonio Cicognani, dois artistas de incontestavel talento. Depois Carloni, desejando viver em um meio mais adaptavel á carreira que desejava seguir, foi para Paris, frequentando o Conservatorio durante dois anos, tomando lições com Caussade e com Le-

MAESTRO CARLONI

nepveu. Mais tarde passou para Berlim, onde trabalhou com Max Bruch.

Hoje vive em Pésaro, dedicando-se á composição e alcançando um nome, já estimado no mundo musical.

As suas obras principais são: *Nigella ed Euridice* inspirada nos *Idilios* de Gessner, *Impressions Montmartraires (suite* para orquestra); *Etienne*, opera em 3 actos e um epilogo, tirada do romance de Balzac, *L'enfant maudit; Battaglie di nidi*, em um acto; obras diversas para canto e piano, e para piano só. No entanto a sua obra mais completa, aquela que melhor acentua o seu talento de compositor, é sem duvida,

Francesco d'Assisi, sendo mesmo a que apresenta mais responsabilidades para a arte dos sons.

*
* *

As figuras que entram neste drama lirico são as seguintes:

Francesco d'Assisi
Pietro Bernardone, *seu pai*
Madonna Bernardone, *sua mãe*
Chiara degli Scifi
Matelda, *a bela filha de Perusia*
Il Conde Monaldo
Il mendicante folle
Ornella, cortesã
Ginepro
Bernardo di Quintavalle
Silvestro
Egidio, *paladino*
Leone da Viterbo
Rufino degli Scifi
Filippo, *o Lobo*
Angelo Tangredi, cavaleiro
Masseo da Marignano
Pacifico, o Rei dos versos
Madonna Jacopa
} Partidarios de Francisco

O mordômo — O Bispo de Assis — O leproso — Uma velha — Um velho — A donzela Pobreza — A voz do Senhor — As vozes da Natureza — A voz do demonio, etc., etc.

A scena passa-se em Assis em 1200.

*
* *

Antes de nos referirmos á musica, faremos um pequeno resumo do *libreto*.

Os quatro actos do drama lirico representam varios aspectos da vida do Santo. O 1.º é o *Cavaleiro do amor*, o 2.º — *O louco de Christo*, o 3.º — *O poeta da Natureza*, o 4.º — *O Santo*.

PRIMEIRO ACTO

Neste acto vamos encontrar um ambiente profundamente profano, onde nos aparece *Francisco*, ainda preso ás correntes da existencia mundana, no meio dos prazeres, da alegria, em que ele representa o rei da festa, o cavaleiro do amor. A acção dramatica move-se em torno de um grande festim, em que os convivas e cortezans falam de *Francisco* sob varias opiniões. Somente *Matelda*, que sente por *Francisco* uma forte inclinação, o defende sempre quando o atacam e o criticam.

Matelda conta-lhes, a vez primeira que o viu:

«Lo vidi
solo una volta
per la rampa d'Ascesi,
e nel pensiero acceso ancor mi fingo
la imagin sua gentile e sospliosa...»

Mais adiante quando o chamam *vaidoso* e *bizarro*, *Matelda* responde:

«E' um poeta.
Nel labbro doloroso,
nella luce degli occhi
é un vago inapperabile mistero
che fa pensare a Dio.»

Quando depois se ouve ao longe um canto suave, que não é mais que a voz de *Francisco,* que no meio da dança da cortesan *Ornella* vem dar uma nota completamente oposta áquele meio tão livre, *Matelda*, cheia de alegria diz:

«E' lui! Francesco!»

Aparece *Francisco*, tocando bandurra, elegantemente vestido:

«Erro per monte e per valle,
one mi fermo van so.
Lascio il mio canto alle spalle;
altra ricchezza non ho.»

Francisco no meio de toda aquela gente completamente entregue ao amor e ao prazer, desenha-se como uma figura de paz e de amor divino, como se através do seu pensamento já passasse alguma elevação da sua alma para Deus! Todo o rosario de sentimentos que sente por *Matelda*, é repassado de bondade e de uma espécie de misterio.

Ouvem-se na ramagem das arvores uns delicados gorgeios de aves, *Francisco* fica logo pensativo e como *Matelda* o interrogue, ele responde:

«Han detto tante cose
quei piccoli esseri
che si aman ne l'azzurro...»

Matelda

«Tu l'intendi?»

Francesco

«Si... Li ascolto nei boschi...»

Repentinamente a acção transforma-se num momento tragico. Aparece ao fundo um grupo de figuras, armadas e desgrenhadas, com os olhares a pedirem vingança!! A' frente vem *Elia*, dizendo que Assis, está sendo invadida pelo inimigo e virando-se para *Francisco* diz-lhe:

«Vieni. Al fianco nostro
è il tuo posto. Non qui.»

Francisco, ainda permanece pensativo, dizendo que é fraco não tendo força para uma tão grande empresa; respondendo-lhe *Elia:*

«Nella tua voce, nel tuo gesto,
io la vedo.»

Por fim, cheio de entusiasmo, *Francisco* promete ir ter com eles.

Segue-se, para final de acto, um longo dialogo entre *Francisco* e *Matelda*. Ao passo que esta, se sente invadir por uma

intensa admiração e amor, *Francisco* começa a fantasiar na sua ardente inspiração o grande quadro tetrico das batalhas; e *Matelda* contempla-o sob uma dourada visão de sonho.

Francisco, vendo que *Matelda* o quer seguir, abraça-a ternamente dizendo-lhe:

«Anima dolce,
no: resta e prega.

Matelda, diz-lhe um ultimo adeus e pensativa exclama:

.....
.....
.....
«Io son purificata
della tua vergine fiamma, Francesco!

SEGUNDO ACTO

Passa-se a scena numa praça da cidade de Assis. Nas primeiras horas de um lindo dia de primavera. Horas em que o povo sai das suas casas para começar os seus trabalhos. No começo do acto ouvem-se as falas dos homens e das mulheres, enaltecendo a beleza do dia. Chega *Bernardone*, pai de *Francisco*, mal disposto com o filho por este ter abandonado a casa e os haveres, partindo para a guerra, e tendo ficado prisioneiro:

«Al primo sangue é morto di paura,
e finito in prigione...»

aproxima-se *Francisco* tão desfigurado que quasi ninguem o conhece! Descalço, quasi nu, sujo de sangue:

«Io torno dalla guerra,
ma la mia mano é monda:
non uccise fratelli.»

A multidão está contra ele, chamando-lhe louco! A mãe suplica-lhe que volte para casa tendo pêna ve-lo num tal estado de pobreza. Mas *Francisco* ouve as palavras de sua mãe com ternura, mas não desejando afastar-se do caminho traçado diz-lhe:

«Oh, dolce madre,
guardami, e dentro li occhi mi vedrai
sorridere l'anima. Non soffrire.»

O drama torna-se cada vez mais cheio de luz tragica, quando *Bernardone*, amaldiçôa o filho, despresando-o para sempre, apesar das lagrimas da mãe.

Francisco, voltando-se para o pôvo e para o pai diz:

«Non vo' da lui denaro
non vo' da lui vivanda,
nè vesta, nè casata.
Io sono il Poverello,
e vo pe'l mondo ignudo,
recando pace nel nome di Dio.»

Porem a multidão já começa a vèr *Francisco* sob um outro prisma, e olhando sentida para ele reclama com ternura:

«Poverello»

Aparece a dôce figura de *Chiara degli Scifi* que simboliza, a *Pobreza*.

Todo o dialogo entre *Francisco* e *Chiara* é uma pagina de um sonho ideal em que a parte literaria vibra de uma alta sentimentalidade de beleza. *Chiara* é uma personagem aureolada de pureza e as suas falas possuem a caricia das almas boas e ingenuas.

«Dalla finestra mia
tutta piena di fiori,
io guarderó pe'l mondo il tuo viaggio.
Attenderó...»

Francisco conduz *Chiara* para junto de um Crucifixo:

«Oh, mio Gesù,
fa'ch'io trovi me stesso,
ch'io trovi'l mio cammino!
Dammi la luce e dammi'il tuo soffrire!»

Faz-se ouvir a *Voz do Senhor*:

«Io nel tuo cuore ho acceso
un fuoco che non si spegne.
Seguimi. La mia opera continua...»

A ouvir *Francisco* aquela voz, a sua alma vibra de uma chamejante crença e completamente transfigurado, olhando para o ceu, pronuncia estas palavras:

«E' una gran luce:
la Tua gloria, Signore!»

A mãe de *Francisco*, mais uma vez corre para o filho e o povo diz:

«Povera madre!»

Francisco, permanece, olhando para o ceu, numa especie de invocação sobrenatural e *Chiara*, pensa:

«Come Gesù...»

e o pâno cai lentamente.

TERCEIRO ACTO

Neste acto o libretista começa a revestir a figura de *Francisco*, com um esplendor de santidade, bem em contraste com os actos anteriores.

Estamos num logar solitario, no monte Subasio. Uma noite luarenta de agosto, em que o ambiente silencioso apresenta uma linguagem bucolica de tranquilidade inspiradora.

Duas figuras se encontram em scena, *Francisco* e *Chiara*.

Francisco, perante aquela intensa tela que a floresta lhe oferece, sente-se maravilhado através de um crescendo de extase. Um canto de rouxinol parece vir saudar o *Poverello*.

«Canta, frate
usignolo, le laudi del Signore!»

Francisco, nesta scena capital do acto, vai experimentar a sua alma em choque com a voz suave de *Chiara*, com a voz

do Senhor, e com a voz *demoniaca*, que o quer arrastar para a vida do mundo. Mas *Francisco* resiste com o pensamento em Deus a todas as tentações. Aparecem-lhe os companheiros de *Francisco*, que são recebidos com alegria.

Porem, saído de um barranco, chega *Elia*, que instrumento do demonio lhe vem demonstrar que o amor de *Francisco* está fóra da realidade, sendo uma loucura o seu pensar. *Francisco*, cheio de uma força oculta responde:

«Vuoi provarmi?! Ma io resto il Poverello,
perchè l' Amore grande
non é di questa terra...»

Elia põe a mão sobre o hombro de *Francisco*, fixando-o longamente. Ouvem-se ao longe vozes confusas. *Chiara*, exclama:

«Sono turbe
che cercano il tuo asilo, per udire
la tua parola...»

Uma grande multidão de homens, mulheres, velhos, crianças chega em tropel á procura do *Santo*, pedindo milagres e desejando ouvir a sua palavra:

La Turba

—E' lui, Francesco!
—Il difensore dei poveri!

Francesco

«Fratelli: in nome del nostro Signore
io non vi chiedo vesta nè denaro:
solo il côr vi dimando,
perchè vi amiate come figli uguali
di um dolcissimo Padre.
Date e vi sará dato. Perdonate
e vi sará perdonato, fratelli.»

As mulheres exclamam admiradas que é *santo*!

A cortesan *Matelda*, ainda procura *Francisco*, recordando-lhe outros tempos, prazeres do mundo, vida alegre:

Francesco

«O' sorella Matelda
perchè vuoi remembrare
quello che non è più ?...»

E quando depois *Matelda* lhe diz:

«Senza'l tuo amore,
l'anima s'è smarrita»

Francisco, como iluminado de uma claridade sobrenatural responde:

«Io t'amo ancora...
In Cristo. Se tu cerchi in quel'Amor
ritroverai l'anima»

Matelda, afasta-se pouco a pouco, levando a sua alma mergulhada numa enorme tristeza.

Francisco, num sublime gesto poetico, recita o *Cantico das Criaturas*, e todos voltados com os olhos para o ceu, escutam as suas palavras, como fossem uma sentida prece!

Canto sublime diz *Chiara* e *Elia*, como transformado, exclama:

«Oh mio Santo poeta !»

Francisco, abraça-o e diz-lhe:

«Vedi tu, com'arde l'Universo
d'Amor divino...»

Elia, encosta, completamente arrependido, a cabeça sobre o peito de *Francisco* e todos repetem as primeiras palavras do *Cantico das Criaturas*.

QUARTO ACTO

Perto da Porciuncula, logar pitoresco, avista-se a cidade de Assis, que está semi iluminada pelo sol. Meio dia de outubro.

Os companheiros rodeiam *Francisco*, que está quasi a morrer. O *Santo* pede-lhes que o voltem para o lado de Assis, afim de poder ver a cidade que ele tanto ama:

«Ho ciechi lì occhi... Ma'lmio cuore vede:
Ascesi, cittá santa:
vedo le bianche tue mura e le case,
la stalla ove son nato... e la mia chiesa.»

Ouvem-se os dolentes cantos dos sinos.

Sob um profundo suspiro, *Francisco*, gosta de respirar o ar puro da sua Porciuncula.

Chiara e *Madonna Jacopa*, chegam para se despedirem de *Francisco*, este trata-as carinhosamente.

Mas o fim vai-se aproximando e *Francisco* despede-se de todos, com um leve sorriso nos labios:

«Laudato sii, mio Signore,
per Suora nostra morte...»

Ouvem-se mais fortemente os sinos de Assis, cujas vozes se espalham pela região, sendo então que *Francisco* abraça cheio de ternura a *irman Morte*. Vozes celestiais repetem:

«E' entrato nella gloria»

e muito ao longe, como num murmurio, ouve-se:

«Santo! Santo!»

Todos se ajoelham juntos de *Francisco* e os sinos da cidade que o viu nascer, tornam como a suspirar ternamente a gloria do grande Santo, do Poverello de Assis.

O pano cai muito lentamente.

*

* *

Como acabamos de ver, Antonio Lega, foi pouco a pouco, desde o primeiro acto, a desenhar a nobre figura do Santo, desde a sua vida mundana, até á sua morte santa, tão cheia de virtudes. *Francisco* aparece-nos como uma luz guiadora através da humanidade que o não compreendia a principio mas que, depois o tomou como modêlo de virtudes e de bondade.

Embora este drama lirico tenha um acentuado caracter profano, o escritor jamais abandonou a ideia de revelar *Francisco* com todas as tendencias para ser um Santo, e assim nos dois ultimos actos, *Francisco* reveste-se bem claramente com todas as brilhantes vestes de santidade.

Arnaldo Carloni, *sentiu* bem todo o drama. A sua musica palpita de expontaneidade, arte sincera, toda baseada na pura melodia italiana.

Através da musica de toda esta opera, jamais o jovem e talentoso compositor deixou de nos pintar em brilhantes tons, o meio franciscano, principalmente no 3.º e 4.º actos, como é natural, scenas onde vemos melhor vincada, a figura de *S. Francisco*. Se no primeiro acto a musica é cheia de movimento alegre, já no segundo é de uma extraordinaria dramatização. Porem nos actos restantes, vem a calma, e as vozes como toda a orquestra, aliam-se numa atmosfera espiritual, enchendo as almas de um perfume de Fé, que consola e nos encanta. Se a musica que acompanha *S. Francisco* é muito bela, não menos feliz é a que comenta as personagens de *Chiara*, de *Matelda*, de *Elia* e de *Bernardone*.

Carloni, nas paginas deste drama lirico, mais que nas suas restantes obras, escreveu uma musica que é bem o espêlho fiel de uma grande alma artistica, alma italiana em toda a sua pureza, extranha a escolas futuristas, antes uma arte bem falante ao coração.

*

* *

Foi cantada esta opera pela primeira vez no *teatro Rossini* de Pésaro em 11 de fevereiro de 1926, pelos seguintes artistas: tenor Marcello Govoni *(S. Francisco)*, baritono Morellato *(Elia)*, baixo Mario Zana *(Bernardone)*, soprano Barrigar *(Chiara)*, soprano Maria Visconti *(Matelda)*, a soprano Faggiani *(Mãe de Francisco)*. Director de orquestra o *maestro* Ugo Benvenuti.

Esta opera cantou-se pouco tempo depois em Urbania.

Il perdono d'Assisi

(Drama musical em tres actos, poema e musica de Antonio Sani)

O ilustre compositor Antonio Sani, como artista verdadeiramente italiano, não podia deixar de incluir nas suas obras, um trabalho mais ou menos inspirado na dourada e florida atmosfera do meio franciscano, assim o seu drama musical *Il perdono d'Assisi*, se nele não encontramos a figura de *S. Francisco*, toda a acção dramatica, no entanto, faz palpitar, por vezes, a alma do *Poverello*, principalmente no terceiro acto, dividido em dois quadros, um proximo de Assis, outro numa praça dessa cidade.

Antonio Sani, compositor ainda novo, é um artista perfeitamente personificado no seu ideal artistico, e todas as paginas das suas musicas refletem o sentir da sua alada inspiração, vibratil para todos os encantamentos artisticos. Sani, hoje director do Liceu Musical de Perusia, acompanha nessa cidade todo o movimento musical de Italia e do estrangeiro, e a sua forma de escrever, apesar de ser dentro da escola moderna, jamais abandona a encantadora melodia da sua patria.

Mas, se Antonio Sani é um compositor de talento, não é menos como cultôr das letras.

O seu trabalho scenico, *Il perdono d'Assisi* que lemos com infinito encanto, revela da parte de Antonio Sani, ser um insigne prosador e uma grande alma poetica.

Como dissemos, no *Perdono d'Assisi*, não vemos *S. Francisco*, mas sentimos a sua força religiosa pela leitura das paginas deste curioso trabalho. O proprio autor nos disse num periodo de uma carta: ... «O assunto, como verá, é regional, mas vive nele a *ideia franciscana*, vincada no Fr. Giocondo e na luta dos sentimentos humanos, entre a avareza de Martino e a prodigalidade de Fiore. A opera termina com a procissão do «Perdono d'Assisi» que se realisa todos os anos no dia 2 de agosto.»

Antonio Sani escrevendo o seu *Perdono d'Assisi,* deu-lhe um intenso colorido de regionalismo. Alem de uma linguagem tipica bem propria das personagens e do meio onde vivem, possue um perfume poetico, um perfeito poema da alma popular.

O primeiro acto passa-se em plena vindima.

O segundo junto das Fontes de Clitumno, sob uma tarde risonha de primavera. O ultimo acto num solitario campo, proximo de Assis, e depois numa praça em frente da Basilica de S. Francisco.

MAESTRO SANI

Neste drama toda a acção gira principalmente em torno de *Martino*, *Fiore*, *Pacchierotto, Alba* e *Cinzia*. Porem aparece de vez em quando, atravessando o drama, uma figura ideal de tonalidade franciscana, esse mensageiro de paz e de bondade, *Fr. Giocondo!*

No primeiro acto, durante a vindima, aparece *Fr. Giocondo*. Como é uso, em troca de um *caspo* de salada, recebe-se um cesto de uvas; mas se alguns lhe oferecem, *Martino*, avarento trata de se esquivar. Então *Fr. Giocondo* conta-lhe a passagem das *Fioretti*, quando *S. Francisco* falou com o rico lavrador e a promessa que o Santo lhe fez. Nesta scena do

1.º acto, a alma do *Poverello* reflete-se nesta passagem da opera, toda de paz e de tranquilidade.

No segundo acto, o ponto capital é um dialogo amoroso entre *Fiore* e *Alba*, num jardim, matisado de viçosas verduras. Pastorinhas vêm oferecer-lhes flôres. E' uma delicada pagina literaria. No meio do acto passa ao fundo *Fr. Giocondo*, guiando uns peregrinos a caminho de um longinquo logar de penitencia. O contraste que o drama nos dá, em que *Fr. Giocondo* é uma figura de alma religiosa, formando o fundo do quadro, é uma sugestiva passagem de seguro efeito!

O 1.º quadro do terceiro acto nesse rustico logar onde *S. Francisco* falou ás aves, *Fr. Giocondo*, conta a uns moleiros uns trechos das *Fioretti*, quando o *Santo* falava ás avesinhas, como elas cantaram e como depois ao seu mandato, levantaram vôo!

E as mulheres respondem:

« — Parola pura!
— Parola santa!»

Chegamos finalmente á ultima parte do drama, onde nasce, com maior esplendor, a alma do Santo de Assis.

Neste 2.º quadro, ha um grande movimento de povo, todos esperam a saída da Procissão. Vozes da multidão exclamam:

« — Santo Francesco
datemi pane
l'intero anno
per i miei cìtali ..!»

Ao passo que os peregrinos atravessam a praça a caminho da Basilica, vão cantando com o povo, um *hino*. Este é atribuido a Tommaso de Cápua, cardeal contemporaneo de *S. Francisco*, para ser cantado neste dia do *Perdono*.

«Fra le schiere in eterno esaltanti
entra un nuovo compagno d'onor;
nel felice roseto de' Santi
or novello si genera un fior.
E' Francesco: .....
.....
.....

A morte de *Alba*, o arrependimento de *Fiore*, no meio daquele movimento popular, sobresaindo a voz de *Fr. Giocondo* invocando o *Hino ao Sol:*

«Laudato si'mi Signore, con tucte le tue criature
spetialmente messer lo frate Sole»

é um trecho do *libreto,* admiravelmente bem conduzido.

A opera termina com a saída da Procissão; *Fr. Giocondo*, como inspirado no meio do povo, com a voz alta e sonora diz:

«Aura celeste spira
fra l'armonie serene che in osanna
salgano al Trono Eccelso ove postrato
in radiosa belta' sta il Poverello !»

Ouvem-se então os sons da *fanfarra franciscana*, do seculo XIV e a Procissão atravessa a scena, ouvindo-se então o côro:

«Veni Creator Spiritus»

A sombra de *S. Francisco* parece pairar sobre aquela gente crente, emquanto o sol ilumina os vales, as colinas da verdejante Umbria!

*
* *

Esta opera ainda se conserva inedita, pois Antonio Sani, ainda está a instrumentar algumas passagens. No entanto, já sabemos, que no segundo acto, num *intermezzo sinfonico*, o ilustre compositor, foi de uma inspiração notavel e de uma feitura orquestral, digna de modêlo, quando deseja traduzir pela sua arte, a *visão* de Carducci, na sua *ode* «Alle fonti del Clitumno.»

Antonio Sani, com esta sua opera, *Il Perdono d'Assisi*, colocar-se-ha decerto, entre os compositores da nova Italia, como um artista do mais puro poder descritivo.

Poucas são as peças dramaticas inspiradas em *S. Francisco de Assis*, no entanto as que existem todas possuem, musica de scena, o que se prova que a sublime arte dos sons, sempre colabora enaltecendo a imagem serafica do *Poverello*. Temos a peça:

Le Sublime Poverello et Poète

(Tragedia em cinco actos, em verso e córos, por Camille Quievreux)

O 1.º acto é passado em casa de Bernardone; o 2.º em S. Damião, o 3.º no palacio de Latrão, o 4.º no Alverne e 5.º no monticulo de S. Damião; (seculo XIII).

Numa especie de introdução, Quievreux começa pelas seguintes palavras: «Francisco de Assis foi uma encarnação original das forças mais misteriosas do ser humano.»

Veremos em quais situações dramaticas nós notámos a intervenção da musica:

No 1.º acto (scena III), Francisco e os seus companheiros, cantam cheio de alegria. Francisco pega numa guitarra e canta uns versos que começam assim:

«L'amour m'arde le cœur d'un magique désir...
C'est comme un rossignol qui chante en ma poitrine.»
.....

e os amigos em côro cantam depois de cada estrofe de S. Francisco o seguinte:

«Evviva! Triomphe à l'amour!
A l'amour
Qui fait la nuit encor plus belle
Que le jour!
Où ler cœurs vont en ribombelle!»

No 4.º acto (scena II), entra Francisco montado numa burrinha, vem cantando:

«Oiseaux, mes frères ailés.
Dieu vous a, dans sa largesse,
Merveilleusement comblés.
Ailes et chants, sa sagesse
Vous donna tout à la fois.
Qu'ensemble, en vive liesse,
L'exaltent vos mille voix!»
.....

Na scena III, Francisco encontra-se com Fr. Leão, Fr. Masseo e com Fr. Angelo. Francisco é levado por uma elevação interior que é o começo de uma espécie de extase e um canto que vem de longe, aproximando-se pouco a pouco, e cada vez mais forte, canta:

«Toujours plus! Moissonnous par l'exemple et le verbe!»
.. ..

Clara entôa entre outros versos os seguintes:

....
«Rien ne m'est plus amour
Que l'amour qui s'immole:
L'amour qui prit un jour
La Croix pour son symbole!

Responde um côro de raparigas:

....
O douce Pauvreté,
Qui n'as de charmes que les charmes
De ton idéale beauté;
Qui n'as de joyaux que les larmes
Que recueille une fleur de lis!»
.....

Francisco sente-se de novo elevado para as altas regiões do ceu; então as vozes cantam o psalmo 83:

«Combien vos tentes sont aimées
L'ame et le coeur ravis
Devant vous, Seigneur des armées,
Dèfaillent aux parvis.»
.....

Francisco canta depois uns versos pertencentes a alguns canticos seus, segundo diz o autor em nota:

«L'amour m'a mis en sa fournaise
Dans une fournaise d'amour
Rien ne peut faire qu'il s'apaise
Plus ardent que l'astre du jour!
C'est ton amour qui me consume,
O Christ! Tu m'as percé le cœur...»
.....
.....
.....

No 5.º acto emquanto os *irmãos* rodeiam Francisco prestes a morrer, um côro canta dôcemente o *Hino ao sol.*

Francisco pede que os *irmãos* cantem o *psalmo 141:*

«Pour exhaler ma prière au Seigneur
Vers le Seigneur ma voix s'est élancée.»
.....

e o Santo vai murmurando o mesmo *psalmo*, com uma voz cada vez mais debil até que a sua alma sobe emfim a Deus.

*
* *

Não consegui saber qual foi o compositor que escreveu a musica para esta tragedia, peça aliás bem escrita e na qual a imagem de S. Francisco é exposta com imensa luz de verdade.

François d'Assise

(Peça social em 5 actos e 8 quadros, por Daniel Robert)

Daniel Robert, com esta sua peça, incluida no *Novo Teatro social*, inaugurado com o drama, *Vive la Grève!*, apresentou um trabalho que traduz, sobre fontes seguras, a mais autentica realidade. Tambem através das paginas deste drama,

vemos em diversas situações, entrar a musica, como colorido tipico á tela artistica que se desenrola perante nós. Orquestra, orgão e vozes, formam um conjunto delicioso, que dão imensa vida ao ambiente onde se movem as personagens. Este drama foi representado pela primeira vez em Paris, no mês de fevereiro de 1909, acompanhado de projecções luminosas.

O primeiro acto é intitulado o *Rei da mocidade*. Vemos Francisco entregue a uma vida completamente mundana, juntamente com seus amigos.

Na scena V, quando Francisco diz:

«A la vie, mes amis! à tout ce qui chante, à tout ce qui sourit, à nos vingt ans éternels!» Entra um *trovador*, para cantar, dizendo-lhe *Francisco:*

«Oui, chante, troubadour, qui viens de France. Dis-nous quelque chanson de ce pays d'où vient ma mère et que j'aime tant.»

Depois da *canção*, que não vem no texto, Francisco diz-lhe:

«Bravo, troubadour, tiens! bois une coupe de phalerne, dont s'enivraient nos grands Empereurs Romains.»

Mais adiante, *Francisco* e os seus companheiros cantam um *côro*.

No segundo acto, que é passado nas ruinas da egreja de S. Damião, durante a aparição de Cristo a *Francisco*, ouvem-se dentro da scena, as vozes harmoniosas do orgão. Desaparecem os sons pouco a pouco até que *Francisco* levantando-se diz:

«Le Christ m'a parlé, le Christ m'appelle. J'obéirai.»

Mais adiante, quando Francisco em frente da imagem de Christo suplica-lhe:

«Parlez-moi Seigneur, parlez-moi!»

O orgão recomeça no seu canto plangente como comentando a acção.

No mesmo acto quando *Francisco* dialóga com o *Pobre*, ouvem-se ao longe canticos; *Francisco* fica pensativo e exclama:

«Cette musique! Ces voix! le passé qui revient jusqu'ici... Segneur donnez-moi la force!»

No final deste acto, *Francisco* escuta a voz do *trovador*, ficando por uns momentos pensativo; depois ajoelha-se aos pés da Cruz, ouvindo-se as vozes de uma melodia no orgão.

O terceiro acto, é no campo. *Francisco* diz aos seus companheiros:

«Avant de partir, vous allez vous agenouiller et avec mes frères nous chanterons le cantique du soleil» (segue-se o canto).

No quinto acto, numa praça de Assis, passagem do drama onde o autor nos quiz mostrar a acção social de *S. Francisco*, os *servos*, cantam diversos córos.

No fim do quadro, *Francisco* entôa de joelhos uma estrofe do *cantico ao sol.*

No quadro: *a morte de Francisco* — na segunda scena, depois de *Francisco* dizer:

«Mes frères! Prions pour que j'aie la joie suprême de voir la réconciliation complète et définitive de tous les enfants d'Assise. Chantez notre beau cantique du soleil.»

Os monges cantam um trecho e *Francisco* diz a estrofe:

«Soyez béni, Seigneur, pour celui qui pardonne.»

Dentro da scena, ouve-se o tocar do orgão.

Mais adiante uma orquestra invisivel toca um trecho. *Francisco* fica como numa especie de meditação, olhando para o ceu.

Depois da morte de *Francisco*, outra vez a orquestra de scena executa um trecho a simbolisar *S. Francisco* na gloria eterna! E' o fim do drama. Tambem não consegui saber o nome do autor da musica!

Le Mystère de Saint François

(Grande drama religioso em 3 partes, por Hilaire de Barenton)

O ilustre escritor franciscano, Barenton, neste seu grande *Misterio*, não fez mais que traçar largamente a vida de *S. Francisco* e a sua epoca, dando-lhe a forma teatral.

E' uma notavel obra, sempre baseada nas melhores fontes, mas em virtude da sua extensão, será muito dificil de ser representavel. São tres volumes muito instrutivos para serem lidos; alem do texto tem muitas notas explicativas sobre os costumes da época.

A musica tambem tem o papel de comentadora em diversas passagens. Sobre o autor da musica, Barenton teve a gentileza de nos elucidar que este seu *Misterio*, não tem parte musical especial, podendo as partes cantantes serem executadas sobre varios trechos á escolha dos executantes!

Nesta maneira de ver do autor do *Misterio* não vemos um criterio artistico muito em harmonia com o valôr da acção dramatica, no qual Barenton se revela um escrupuloso historiador!

O primeiro acto, da 1.ª parte, que é a revolução em Assis, quando chega á praça o cortejo, o povo canta:

«Domine salvum fac Pontificem nostrum Innocentium»

Na scena XI, *Francisco* canta, ao coroar *Leonino*.

No quarto acto da 1.ª parte, em S. Damião, quando *Giraldino*, *Paulo Scefi*, *Monaldo*, *Scefi*, escarnecem de *Francisco*, cantam e retiram-se, cantando.

Na segunda parte, scena V do acto 2.º, quando aparecem a Francisco varias pessoas, como o grande arquiteto de S. Damião, todos lhe dizem:

«Chante-nous donc, François, ton cantique des creatures, que nous aimons tant à entendre.

François

«Oh! volontiers, car le chant grandit l'âme, l'élève loin de la terre et le rapproche de Dieu.

«Benissez le seigneur suprême
Petits oiseaux dans vos forêts,
Dites sous vos ombrages frais
Dieu mérite qu'on l'aime.

Dans ces bosquets tout est fertile
J'y vois des fruits, j'y vois des fleurs
E je dis en versant des pleurs,
Je suis l'arbre stérile».

No 4.º acto, scena XIV, quando o *Leproso* pede pão a *Francisco*, e quando este, com os braços em cruz diante de uma Madona, pede alimento para a pobreza, ouve-se dentro da scena uma suave musica.

No final deste acto o povo de Assis canta em côro diante de *Francisco:*

«Peuple à genoux, chante ta délivrance,
Noël! Noël! voici ton rédempteur! (bis)
Hosannah! hosannah! gloire au Seigneur!
Beni celui qui vient sauver le monde.
Peuple à genoux...»

Na terceira parte, acto 1.º, scena V, *Baudouin*, conde de Bologna, canta a «canção da espada»:

«L'épée, au temps jadis, fit au prince un domaine,
Et c'est elle partont qui le conserve au fort.»
.....

No final deste acto, *Francisco*, canta:

«O Christ, tu m'as ravi le cœur.
Comment mettrai-je un frein à l'amour dont je t'aime?»

No 6.º acto, ao terminar, *Francisco* canta:

«Soyez béni, mon Dieu, pour celui qui pardonne
Et souffre les affrons d'un cœur tranquille et doux;
Heureux qui vit en paix sans offenser personne,
Il sera couronné par vous.»

No final do *Misterio*, quando transportam *Francisco* quasi moribundo o côro canta :

«Hosannah ! Hosannah ! Gloire au Seigneur !
Beni Celui qui vient sauver le monde !»

O pâno cai lentamente.

Neste notavel *Misterio*, onde a imagem de *S. Francisco*, nos aparece aureolada de um alto poder de penetração social e religioso, a musica suavisa sempre onde entra a situação dramatica, tornando-a mais sugestiva, mais emotiva.

La vie profonde de Saint François d'Assise

(Em cinco quadros dramaticos, por Henri Ghéon, musica de scena para grande orquestra e córos, do Padre José Antonio de Donastia)

Esta lindissima peça do ilustre escritor Henri Ghéon, a quem o teatro catolico tanto deve, é uma obra prima, no género, sendo matisada de linda musica, devida á suave inspiração de um frade franciscano, José Antonio de Donastia.

Embora a parte musical seja a que nos interessa mais para este nosso estudo de arte, não podemos deixar de fazer umas referencias, mesmo leves que sejam, do magnifico trabalho scenico, de Henri Ghéon, um escritor de grande envergadura.

Henri Ghéon, estudou a santa figura do *Poverello*, com um carinho digno de uma alma propensa para o ambiente franciscano, em que as azas policromas da humildade e da pobreza, pairam com todo o seu rosário de encantos. Ghéon, neste seu trabalho teatral, dá-nos a figura de *S. Francisco* nas principais fases da sua vida, donde podemos estudar quanto o Santo de Assis foi um apostolo, cheio da mais pura santidade. Tem paginas sublimes que empolgam pela grandeza da feitura, como por exemplo o dialogo, no *primeiro quadro*, entre *S. Francisco* e a *Pobreza* ; No *quarto quadro*, toda a

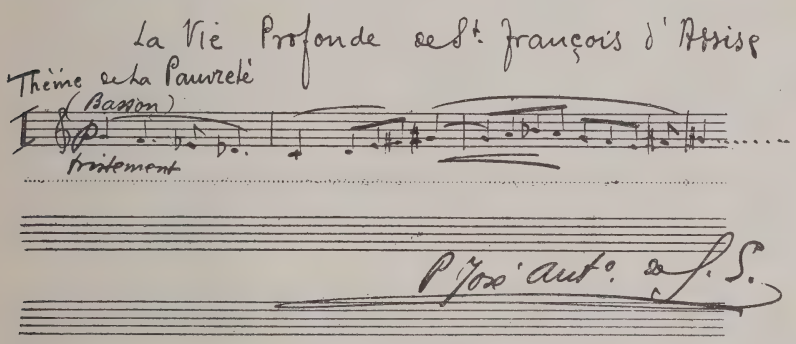
scena da tempestade, e o ultimo acto no convento de S. Damião, onde presenciamos a glorificação do Santo, pelos irmãos de Santa Clara, e por alguns franciscanos companheiros de *S. Francisco.*

Nesta peça não assistimos á morte de *S. Francisco*, mas vemo-lo transportado pelos seus companheiros, emquanto a multidão diz:

«Vive le Saint...»

Este ultimo quadro tem vida rial, e as figuras movem-se formando um conjunto de efeito.

Henri Ghéon não podia deixar de querer colorir estes quadros com a Divina Arte dos sons, e para isso escolheu um



compositor de talento e sobretudo um artista franciscano, vivendo num convento ao norte de Hespanha, no risonho logar de Lecaroz.

O ilustre frade franciscano José Antonio de Donastia, foi o musico que compreendendo bem a ideia de Ghéon, escreveu uma musica toda ideal, toda respirando encantamento mistico.

Este notavel frade artista, nasceu em 10 de janeiro de 1886 em San Sebastian, sendo por isto mesmo vasco de origem. Quando apenas tinha 10 anos, entrou no colegio de Lecaroz. Já nessa idade conhecia alguns estudos de solfejo e de violino. Depois dedicou-se com mais ardor á musica, estudando piano e harmonia com o distinto professor Ismael Echezarra.

Porem, desde os 16 anos, que recebeu o habito de franciscano-capuchinho, tem estudado a arte, completamente so

zinho, analisando e lendo partituras de diferentes escolas, antigas e modernas. Com a sua vida de professor, raras vezes pode sair, no entanto no verão, visita Barcelona e San Sebastian e mesmo Paris, afim de ouvir novas obras. Aos conventos de Silos e de Besalú, poude lá ir, afim de se dedicar aos estudos do canto gregoriano. Em 1920 e 1921 foi á capital da França, estudar contraponto, fuga e instrumentação com o *maestro* Cools.

Este notavel compositor, cujo talento está bem patente em todas as suas obras, é um incansavel trabalhador sobre o *folklor* vasco. Tem recolhido muitas melodias, acompanhadas de notas interessantes sobre os costumes, usos e crenças desse povo. A *Revista Internacional de estudos vascos*, tem publicado algumas paginas pela brilhante pena deste artista. Tambem Donastia é um conferente ilustre, algumas sobre a *canção popular vasca*, são dignas de serem conhecidas pela sua meticulosidade investigadora.

Encontram-se publicadas varias colecções de canções de egreja, 4 cadernos para piano sobre têmas vascos, outros cadernos com melodias vascas populares e religiosas, muito bem harmonisadas.

Tambem é autor de um *Quartetto melodico* para piano e cordas, trechos diversos para violoncello e piano, flauta e piano e tambem composições para orgão.

O drama sagrado, *Santa Cecilia* de Ghéon, tem colaboração musical deste compositor.

*

* *

A musica que Donastia escreveu para a *Vie profonde de Saint François d'Assise*, é um lindo arrendilhado de melodias em que a sua arte, iluminada, por uma elevada inspiração, conseguiu desenhar a figura do Santo e o ambiente onde ele vive naqueles cinco quadros, com as mais intensas côres do realismo franciscano!

Somente um artista com a alma perfeitamente ligada a toda a atmosfera da verde e risonha Umbria, onde *S. Fran-*

cisco lançou toda a semente da sua santa doutrina, poderia pôr em musica toda a acção dramatica em que Henri Ghéon colocou todo o seu talento de escritor catolico.

Ghéon e José Antonio de Donastia, revelaram ao mundo religioso, uma peça teatral de incontestavel merito, que na scena catolica possue um logar primordial, já como feitura, já como espirito moral e crente.

Todos os franciscanos deverão conhecer esta obra, pois cada passagem é uma tela cheia de pureza, cada pagina musical, uma prece melodica ao grande Santo-Poeta!

Foi levada á scena em Paris, no *Teatro dos Campos Eliseos* no 1.º de novembro de 1926.

La vie profonde de Saint François d'Assise

(Em cinco quadros dramaticos, por Henri Ghéon; drama musical, inspirado nesta peça, por Lucien Malwet).

Alem desta sugestiva obra de Ghéon, ter inspirado, como vimos, a linda e inspirada *musica de scena*, do Padre José Antonio Donastia, encontramos um *drama musical* do compositor belga Lucien Malwet, que tem sido cantado com exito em varios teatros de Flandres.

Lucien Malwet nasceu em 1875 nos arredores de Liège, tendo feito os seus estudos completos de orgão, piano, harmonia e fuga no Conservatorio Real de Liège, onde se encontra como professor desde 1909. E' um notavel organista da egreja de S. Jacques, e director fundador da Sociedade de concertos de Liège. As suas obras como compositor encontram-se editadas nas principais casas da Europa. A casa Herelle, de Paris, publicou uma colecção de 40 peças baseadas em varios têmas gregorianos, mas com caracter moderno; a conhecida casa Sénart, publicou tambem varios *lieder* sobre poemas de P. Verlaine. Este ilustre artista, tem as seguintes obras inéditas:

Scherzo, para orquestra; *Impression asiatique*, sobre um canto popular, para orquestra; *Impression musical*, sobre o notavel romance de R. Rolland, *Jean Chistophe;* musica dramatica, para o *Polypheme* de Samain; *Suite sinfonica* com piano, em tres partes; *6 poemas*, para instrumentos de corda e orgão; *Suite em 2 partes*, para quarteto de cordas; *Clamavi*, para solo, côro, orgão e cordas; *90 lieder*, etc.

Por esta lista de obras, poderemos avaliar da importancia musical de Lucien Malwet, que, afóra ser um bom musico, é tambem um artista erudito e um conceituado musicografo.

Sobre a ideia estetica que presidiu á feitura deste drama musical, o autor teve a gentileza de a explicar numa longa carta; aqui transcrevemos os periodos principais:

«.....

A scena VI do 2.º quadro, quando S. Francisco faz reconstruir a pobre egreja, no momento em que ele diz: «*Ma soeur la pierre, toi qui supporteras les autres, je te bénis,*» servi-me do inicio do introito da *Dedicace* das egrejas, e para a canção do Rei do mesmo acto, momento do mais puro lirismo, ou mesmo talvez o ponto culminante da obra, segui os dados do escritor, reservando ao alaúde o cuidado de colorir o poema, e a forma adoptada neste momento é o coral. Quando o heroi da peça, depois de uma interrupção, recomeça novamente a sua exaltação que vai aumentando cada vez mais, ocasião, que nos encontramos sob o poder ardente das palavras do *Poverello,* eu passo da sonoridade delicada do alaúde á dos instrumentos de corda, que tomam pouco a pouco a ligação com o orgão, dando á conclusão musical a impressão onde a arte dos sons, nos arrebata através das mais transcendentes regiões misticas.

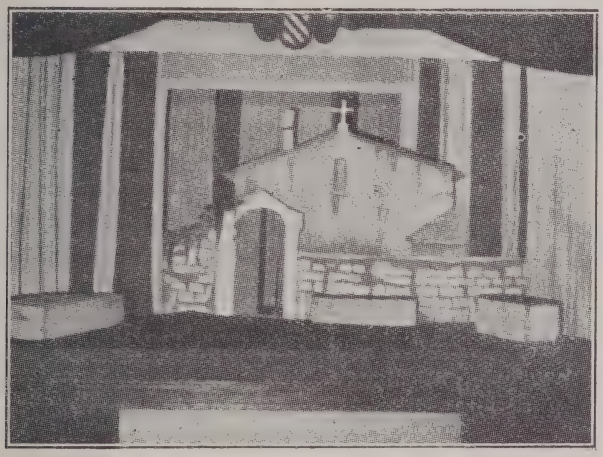
Volto atrás para vos dizer, que ao subir o pâno no 1.º quadro, utilisei o principio de um antigo Natal provençal, para a canção que uma criança canta quando passa em scena.

Agora, com respeito aos meios empregados, para a minha partitura, usei do quarteto de cordas, e nunca abandono este principio senão para o acto das aves, onde o elemento descritivo se justifica, e emfim, na scena dos estigmas onde o emprego sinfonico traduz a natureza em extase, neste momento dramatico e que reveste bem a tonalidade romantica. Ha ainda antes dos estigmas, um *nocturno* traduzindo o espaço de tempo emquanto S. Francisco se ajoelha diante da cabana, onde os naipes das madeiras têm um papel importante.

Chegamos emfim á conclusão, para o elemento vocal, esboçando o cantico do sol, sustentado pela orquestra numa grande força sonora, ou melhor, este final não pedirá, senão as vozes seguras pelos sons de um

grande orgão, frases esmaltadas pelo badalar dos sinos que dá á peça um colorido de serena alegria.

Os scenarios para esta peça são um exemplo da arte flamenga, como decoração do teatro cristão.» .....



SCENARIO DO 2.º ACTO

A esta amavel carta do distinto compositor, temos a acrescentar que toda a critica elogiou a sua musica inspirada e a forma como Lucien Malwet compreendeu a ideia mistica e literaria de Henri Ghéon.

Rosas Bravas

(Um acto em verso por Afonso Lopes Vieira, com um trecho musical de Tomás Borba, scenario original de Raul Lino e executado no teatro por Augusto Pina).

O distinto escritor e poeta Afonso Lopes Vieira, escreveu este encantador acto que foi representado pela primeira vez no *Teatro da Republica* em 5 de abril de 1911.

Tendo esta peça um acentuado perfume franciscano, te-

mos que a incluir neste estudo, demais tendo um pequeno trecho de musica.

Embora não apareça a figura de *S. Francisco*, temo-la bem patente numa das suas personagens, *Rafael*, á qual o autor acrescenta o seguinte: *Irmão franciscano. Cabeça desalinhada e bela, de vagabundo e de poeta. Barba e cabelos em fina maranha, começada a encanecer. Traz o hábito rasgado e esburacado, e adivinha-se por debaixo dele a nudez do peito e dos braços*, etc.

A acção passa-se na Italia no seculo XIV.

Toda a fala de *Rafael* é um eterno canto á natureza, que o ilustre poeta, através dos seus versos, pintou num emotivo quadro.

Um *Pastor*, toca uma melodia singela, rustica, como um toque de luz bucolica á tela da acção dramatica.

Por duas vezes se ouve:

Na pagina 34:

LEONOR

Rafael...

Ouve-se a frauta do pastor

RAFAEL

Estende o olhar pela amplidão do val:
onde conheces tu mais ampla catedral?
Vê como Deus, aqui, pode sorrir contente
nesta gloria da luz do Sol resplandecente:»
.....

Silencio. A frauta continua a tocar, e perde-se ao longe...

.....

Pag. 43:

RAFAEL

Vais partir? Mas primeiro
vou dar-te um ramo em flor-rosas do meu canteiro...

Colhe um ramo de rosas no valado. Ouve-se de novo a frauta do pastor.

Ouves tocar a frauta? E' um pastor que adora
Maria, a sua noiva, uma linda pastora...
.....

Nesta encantadora peça, a pequena melodia do Pastor, é um comentario á acção scenica.

Rafael, irmão franciscano, desenha-se cheio de misticismo e crença, no meio daquele ambiente tão banhado de luz, onde as aves com os seus chilreios parecem ser as mesmas que ouviram as dôces falas do *Poverello*.

Afonso Lopes Vieira, não se esqueceu de pôr o toque do *Angelus* na torre da catedral; momentos que na vida franciscana, são minutos nos quais as azas da Fé, volitam pelas altas regiões da bemaventurança!

Esta peça teve a seguinte distribuição:

Augusto Rosa *(Rafael)* — Emilia d'Oliveira *(Leonor)* — Leonor Faria *(O Pastor)*.

QUARTA PARTE

POEMAS SINFONICOS

Frate Sole

(Poema franciscano em cinco visões para orquestra e córos, de Giovanni Spezzaferri).

Entre as obras expressamente escritas para o centenario de S. Francisco, destaca-se este *poema sinfonico*, «Frate Sole», escrito por um jovem compositor italiano, que denota através das paginas desta partitura possuir incontestavel talento — Giovanni Spezzaferri.

Com 39 anos, Spezzaferri pertence, na escola moderna de Italia, á brilhante pleiade de compositores, que, embora acompanhando a evolução musical, jamais abandonam a melodia italiana tão tradicional, tão nascida na alma da sua patria. Por isso muito bem disse um critico do seu país, que ele é *italiano no gôsto e no estilo.*

Natural de Lecce, estudou primeiramente no *Liceu Rossini*, de Pésaro e depois no *Conservatorio* de Parma.

Giovanni Spezzaferri possue uma grande cultura musical alem de ser um distinto pianista.

As suas obras, que hoje já são ouvidas com infinito interesse em varios concertos de Italia, demonstram quanto Spezzaferri é respeitado pelo seu talento e quanto marca, na moderna arte italiana, uma individualidade digna de apreço.

E' neste seu poema *Frate Sole* que o ilustre *maestro* conseguiu pôr toda a sua alma de inspirado compositor. Entre outros artigos que apareceram referentes ao *Frate Sole*, mais ou menos analiticos da obra, sob os seus varios aspectos, disse o critico d'arte Renato Spagnolini, no *Il Cittadino*: «Lo Spezzaferri é musicista non comune: é um valente sinfonista: esprime con la sua arte, in un modo impressionante, i varii sentimenti; la sua musica é nello stesso tempo originale perchè ha un carattere proprio; il musicista moderno che non

dimentica la buona scuola del passato e ad essa dà quel carattere tutto personale».

Vejamos agora, sob o ponto musical, o *Frate Sole*, pois é uma prova evidente, como o autor *sentiu* a personagem religiosa de *S. Francisco*.

Spezzaferri dividiu o seu poema franciscano em cinco

MAESTRO SPEZZAFERRI

partes, chamando-lhes *visões*, tendo-se inspirado em *Carducci*, nas *Fioretti*, no *Frate Egidio*, e no *Frate Francesco*.

PRIMEIRA VISÃO

Paesaggio Umbro

Ancor dal monte, che di foschi ondeggia
frassini al vento mormoranti e lunge
per l'aure adora fresco di silvestri
salvie e di timi,
scendon nel vespero umido, O Clitumno
a te le greggi.....
.....

Salve, Umbria verde, e tu del puro fonte
nume Clitumno! Sento in cuor l'antica
patria e aleggiarmi su l'accesa fronte
gl'itali Iddii.

(Carducci)

SEGUNDA VISÃO

La Santa Umiltade

Beato quello uomo, che non vuole nelli suoi costumi e in nel suo parlare essere veduto, nè cognosciuto, se non in quella pura composizione e in quello adornamento semplice, lo quale Iddio gli adornò e lo compuose.

(Fioretti)

TERCEIRA VISÃO

Il Miracolo

Al tempo, che Santo Francesco dimorava nella città d'Agobio, nel contado d'Agobio apparì un lupo grandissimo, terribile e feroce, il quale non solamente divorava gli animali, ma eziandio gli uomini; intantochè tutti i cittadini istavano in gran paura, perocchè spesse volte s'appressava alla cittade; e tutti andavano armati quando uscivano dalla cittade, come se eglino andassono a combattere: .....

... Santo Francesco prese il cammino inverso il luogo dov'era il lupo. Il detto lupo si fa incontro a Santo Francesco colla bocca aperta: e appressandosi a lui, Santo Francesco, gli fa il segno della Santissima Croce, e chiamollo a sè, e dissegli così: vieni qui, frate lupo; io ti comando dalla parte di Cristo, che tu non facci male nè a me, nè a persona. Mirabile cosa! Immantinente che Santo Francesco ebbe fatta la Croce, il lupo terribile chiuse la bocca, e ristette di correre; e fatto il comandamento, venne mansuetamente, come un agnello, e gittossi alli piedi di Santo Francesco a giacere.

(Fioretti)

QUARTA VISÃO

Le Stimmate

E benchè quelle piaghe santissime, in quanto gli erano impresse da Cristo, gli dessono al cuore grandissime allegrezza, vientedimeno alla carne sua e ai sentimenti corporali gli davono intollerabile dolore.

(Frate Egidio)

QUINTA VISÃO

Il Cantico del Sole

Altissimo, onnipotente, bon Signore;
tue son le laudi, la gloria ed ogni
benedizione.

.....

Laudato sii, mio Signore, con tutte le tue creature
specialmente messer lo frate Sole,
lo quale giorna, e allumini per lui.
Ed Ello è bello e radiante con grande splendore;
da te, altissimo, porta significazione.

(Frate Francesco)

*

* *

Na *primeira visão*, toda a musica, ora na orquestra, ora no côro, pinta um sugestivo quadro campesino, risonho de frescura, como descrevendo a vida de trabalho da terra umbrica. Cada naipe orquestral se combina entre si e um têma em *lá maior,* é como um despertar de todo aquele sonho bucolico de paz e de amor. Depois de toda a musica nos ter dado um bem conduzido crescendo o canto vai deminuindo pouco a pouco, na tranquilidade do crepusculo, como se vissemos os pastores a descerem das montanhas, nesse terminar do dia; depois as vozes do côro, numa transparencia harmonica, fundem-se no silencio, que a natureza nos dá em toda a sua grandeza! Musica humilde a indicar a região por onde andou *S. Francisco.*

Na *segunda visão*, o notavel artista conseguiu dar-nos todo o ambiente do Santo de Assis. Com a sua arte tão cheia de relêvo e de misticismo, nascem paginas admiraveis que subjugam a nossa alma crente.

Toda a renda melodica da orquestra funde-se no *solo* do primeiro violino, frase tão chegante a Deus, como fosse a voz de *S. Francisco!*

O motivo é ouvido pelas violetas e depois pelos violon-

celos, emquanto que todos os naipes dos arcos, flautas e acordes na harpa, formam depois um conjunto que faz vibrar a nossa sensibilidade.

Na *terceira visão*, é onde poderemos avaliar melhor as qualidades dramaticas de Spezzaferri. Toda a musica move-se numa intima tragédia de elementos passionais. Mas quando o animal feroz ouve a palavra dôce do *Santo*, a musica transforma-se por completo numa caricia e as melodias lançam-se suavemente, cheias de amor e bondade.

Na *quarta visão*, o compositor traduziu todo o momento sobre-natural da acção. Paginas sentimentais, musica penetrante de grandeza e violenta emoção. Todos os executantes formam um todo unico, uma elevação ás regiões do perdão sem fim!

Esta passagem do poema sinfonico, é uma demonstração bem clara que o autor apresenta, como um inteligente sinfonista.

Na *quinta visão*, um côro a quatro vozes, sem acompanhamento, em *dó maior*, um verdadeiro coral classico, entôa o inicio do *Canto ao Sol*.

O naipe da corda ataca o têma da «paisagem da Umbria» que juntamente com os córos, fazem renascer nas almas todo o poder religioso de *S. Francisco*, crescendo de sonoridade que deslumbra e encanta.

O tom de *ré maior* serve de finalidade a esta *visão*, onde toda a musica, orquestra e córos, é uma autentica apoteóse á gloria do Santo de Assis!

Spezzaferri, tem nas paginas deste *poema* um dos seus melhores trabalhos, colocando-o como um compositor de róseos horizontes, como um artista de raros dotes de inspiração.

Este poema do *Frate Sole* foi executado pela primeira vez a 25 de abril de 1926, na cidade de Lódi, com grande exito.

Paysages Franciscains

(Poema sinfonico para orquestra, de Gabriel Pierné)

Não foi somente na *oratória, S. Francisco d'Assis,* como vimos, que o notavel compositor francês Gabriel Pierné, se inspirou na vida de *S. Francisco.* Neste seu notavel poema para orquestra, Pierné foi beber a sua inspiração no notavel livro «Pelerinages franciscains» do ilustre escritor Johannes Joergensen e sobre tudo durante a sua estada na Umbria, resultando que cada pagina, deste poema, é uma nota de impressão que ele anotou dando-lhe vida através da sua arte.

Este seu trabalho é dividido em tres partes:

I — *No jardim de Santa Clara (convento de S. Damião).*

II — *Os olivais dos campos de Assis (Crepusculo de outôno).*

III — *Na estrada de Poggio—Bustone (Procissão).* (1)

I

Descreve-nos Koechlin: a egreja de S. Damião encontra-se mergulhada numa semi-claridade. Vai-se aproximando a noite... o ar é como dourado através da delicada folhagem das oliveiras e a fonte murmura em baixo da sebe... ouço ao longe no campo verde o monotono cantar do cúco; sinos badalam vagamente como dormentes... o fumo das casas eleva-se calmo e direito pela atmosfera transparente, como o fumo do incenso subindo em direcção ao trôno do Senhor.

II

Sim, é bem a melodia que eu ouvi elevar-se dos olivais nos arredores de Assis pelas claras noites de outôno; vejo a

(1) Pierné, assistiu a esta procissão.

planicie infinita maravilhosamente verde e rodeada de montanhas que confinam na bruma azul da tarde, para desaparecerem completamente, esbatidas nas nuvens douradas, sob o ceu avermelhado do poente.

Uma forte réstea de sol cai sobre esta planicie, imenso mar verde; e as casas brancas, espalhadas, assemelham-se a uma frota de vélas brilhantes.

III

... E eu continuo subindo e descendo através dos campos ou das florestas, até que me apareceu um espectaculo novo e muito curioso.

Perante mim, uma pequena aldeia toda engalanada para uma festa. Vejo fatos vistosos e ouço grande vozearia. Apresso o passo, e encontro-me numa praça onde está a egreja. Vejo por toda a parte, raparigas e mulheres idosas, com os seus vestidos vistosos de côres, enfeitados com rendas; são todas habitantes da aldeia de Poggio — Bustone, vindas aqui em peregrinação e que se preparam já para a volta. Eis, que no interior da egreja se ouve um canto, aparecendo da parte mais escura do templo, um estandarte da Virgem, levado por um forte sacerdote e seguido por um grande numero de raparigas todas de branco; depois, muitas mulheres com trajes populares, dando uma nota de côr sob aquela viva luz italiana, como um campo de flores.

Depois segue-se o crucifixo, escoltado por homens e atrás a musica, uma fanfarra com instrumentos de cobre. Ora a fanfarra executa um trecho do seu reportorio, ora as raparigas cantam um cantico monótono onde sempre reaparece o estribilho:

«Evviva Maria — E chi la creô
Evviva Maria — E chi la creô»

*
* *

A musica que Pierné poz nestes tres quadros, são puras paginas sonoras desse lindissimo livro de Joergensen, cujos capitulos, ao serem lidos, têm para nós, crentes, a toada mistica dum canto franciscano. O notavel compositor francês ao escrever este *poema sinfonico*, conseguiu dar-nos uma musica suave, com todas as cadencias de singeleza, espontanea, nascida bem no fundo, da alma cristan.

A orquestração é um matiz de melodias, simples, como simples é o meio para onde a musica nos transporta.

Em toda a obra parece que vemos as azas puras, brancas de espuma, dos anjos da pobreza, da humildade, e da bondade, emfim, a serafica imagem de *S. Francisco*, fulgente de luz divina.

S. Francesco (Sulla Verna)

(Poemeto para orquestra e côro)

Il Mattino

(Para orquestra, musica de Vincenzo Di Donato)

Vincenzo Di Donato é dos compositores italianos que mais tem sentido, na sua arte, a influencia franciscana.

Estas obras são um chamejante hino de gloria a *S. Francisco*, onde o ilustre artista faz tremer bem fundo a sua grande alma vibratil, para a erradiação da beleza!

Vincenzo Di Donato tem hoje quarenta anos, encontrando-se pois, numa idade em que os projectos de arte, nascem cheios de risonhas esperanças, pela vida fóra, onde o artista, olhando para os purpurinos horizontes dos seus ideais, sabe

sempre levantar a sua inspiração ao alto cume da arte mais emotiva. Em Roma, onde vive Vincenzo Di Donato, as suas composições são escutadas com aplausos e bôas referencias criticas; nas outras cidades, as suas paginas musicais, são recebidas com o interesse que merecem pelo seu alto valor de melodia e na feitura que sempre denota uma nitida sciencia.

*
* *

S. Francesco (Sulla Verna) — E' uma obra em que a musica nos chama á Fé, melodia espontanea que nasce e vem pousar no nosso sentimento como as caricias leves de uma gôta de orvalho.

Esta obra foi executada em 1914 no Conservatorio de Santa Cecilia de Roma, sob a regencia do autor.

Mistér é notar que o compositor antes de se entregar a estes trabalhos, estudou nas melhores fontes literarias e historicas a figura de *S. Francisco* e as suas poesias, assim como visitando Assis, poude recolher na sua fantasia de inteligente artista, ótimas anotações que depois as coloriu pela sua musica.

Este seu trabalho é inspirado no seguinte comentario:

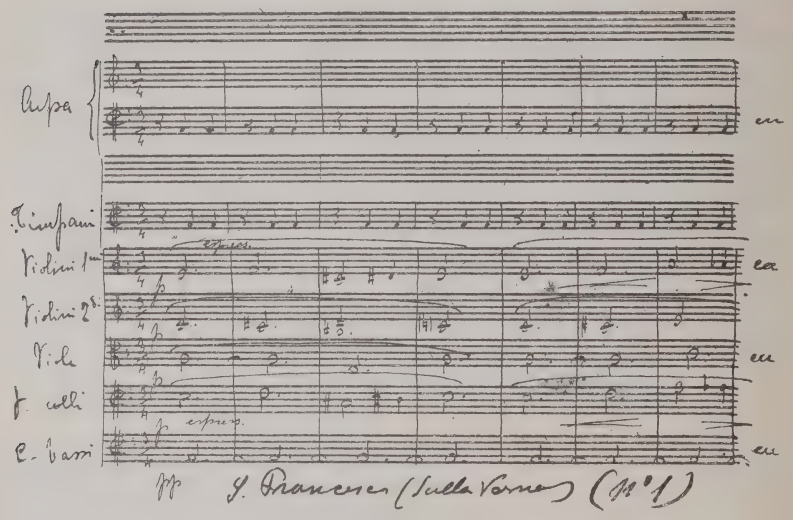
> «De noite sobre a montanha Verna. Pouco a pouco vai-se ouvindo a ária perfumada do alvorecer e os primeiros raios do sol começam a matisar a natureza. A vida resume-se numa sintese de harmonia, de paz; o Santo tem a visão de um anjo, sentindo-se transportado numa especie de extase divino. Um côro começa a iniciar um hino de louvor e a musica entôa uma passagem do *Cantico ao Sol*.»

Ainda não estão publicadas estas paginas, porem o distinto artista Vicenzo Di Donato, teve a gentileza de nos fornecer alguns apontamentos do seu trabalho orquestral, sobre os quais poderemos fazer uma ideia, com respeito ao seu valôr musical.

A orquestra deverá ser assim constituida: alem de todos os naipes da corda, duas flautas, dois oboés, um corne-inglês, dois clarinetes, um clarinete baixo, dois fagotes, quatro trompas, tres trombones, celeste, harpa, pratos, timpanos, sinos internos.

Tres vozes de homens internos, côro de primeiros e segundos sopranos e tenorés.

A parte musical inicia-se com um têma que é marcado no naipe da corda e depois nos timpanos e harpa — (n.º 1).

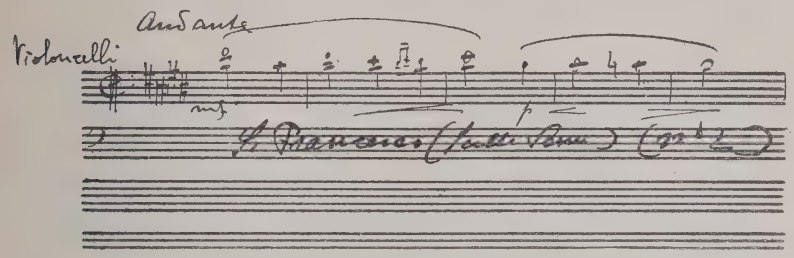


O mesmo têma repete-se no fim, mas com outra disposição; o côro num lindo *pianissimo* canta um trecho do Cantico ao Sol. Depois de um rapido desenvolvimento da primeira ideia melodica e depois de um suave e melancolico som de sino, a orquestra entra no papel de descrever o acordar da natureza, quando nasce o sol. A ideia melodica é confiada aos violoncelos, e depois aos primeiros e segundos violinos, harpa, celeste e metais — (n.º 2).

Em seguida toda a orquestra, numa verdadeira apoteose sonóra, enaltece a luz solar, o dia brilhante, nessas encantadoras manhãs da Umbria.

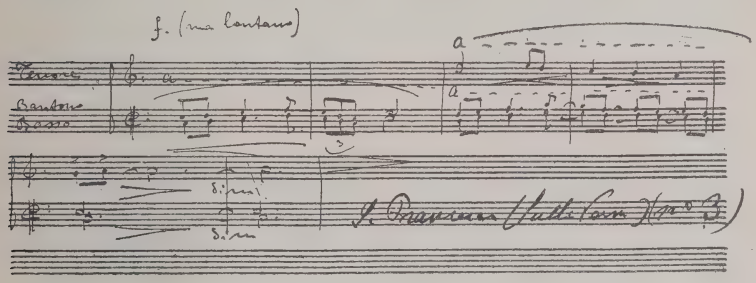
Depois a musica, num sublime contraste pinta-nos a tran-

quilidade da terra, durante os trabalhos dos camponezes, ouvindo-se então um canto longiquo de camponezes que estes costumam entoar emquanto trabalham. E' claro esta melodia



é toda estilizada, mas jamais perdendo o seu caracter bucolico, rustico — (n.º 3).

Através desta peça de paz campestre, o Santo tem a visão do anjo, então um solo de violeta é iniciado com o acompa-



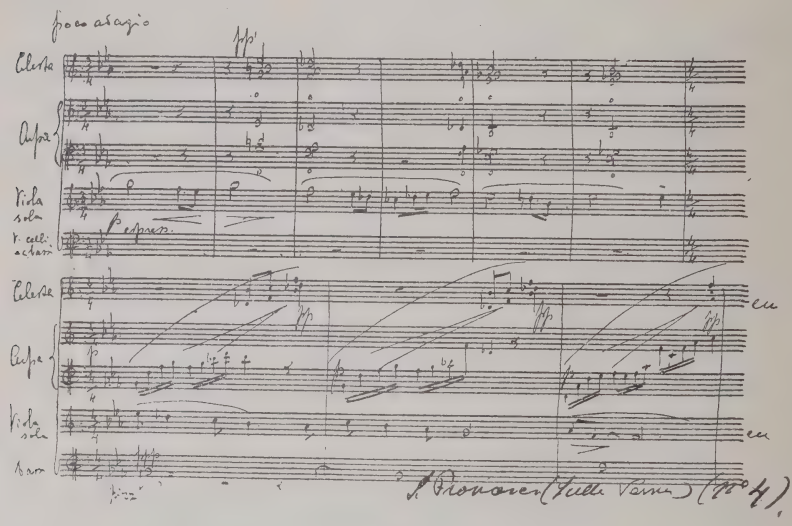
nhamento da harpa e celeste, entrando depois os violoncelos — (n.º 4). O solo continua desenvolvendo-se depois pela corda até ao côro que tem as palavras do *Santo* «Laudato...» — (n.º 5).

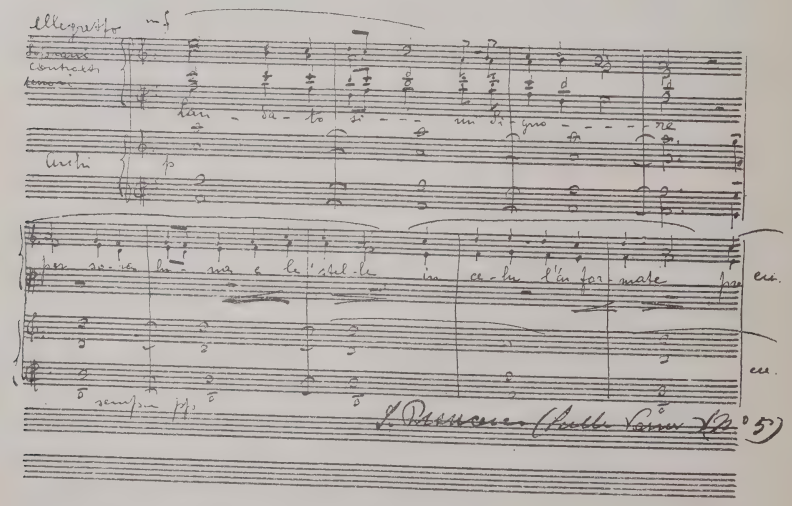
O côro mantem-se serenamente; depois tem um sugestivo crescendo até que num enorme *fortissimo* diz.....
... «e produz divinos frutos, com coloridas flores e relva».

Aqui a orquestra tem um notavel movimento de paixão ardente; depois a sonoridade declina pouco a pouco, através de um admiravel efeito de timbres; então o côro comenta, sob uma forma lindissima de humildade serafica, toda a acção.

Um sino toca novamente e tudo acaba...

Por esta brevissima analise poderemos avaliar como o poder descritivo do ilustre compositor, possue um raro vigor, sabendo usar da sua arte, com toda a técnica colorista de um paisagista e de um poeta!





E' curioso que um dos executantes foi o tenor Gigli, ainda aluno do Conservatorio e hoje, como é sabido, um artista de grande nomeada no mundo lirico.

O jornal *La Tribuna* disse que Vincenzo Di Donato conseguiu uma obra de arte sobria, serena e inspirada.

*

* *

Il Mattino — é somente para orquestra. Como o nome indica, é uma mancha impressionista posta em musica. O autor mais uma vez foi o habil artista que pela riqueza dos sons, nos deu um quadro bem sugestivo da paisagem umbrica. Vincenzo Di Donato, explicou-nos como *sentiu* tal pagina musical:

«Il Mattino» não é inspirado em nenhum texto literario, mas sim na clara paisagem, tranquila e diafana da manhã umbrica, que eu conheço muito bem, por ter estado diversas vezes em Lodi, a cidade muito cantada por Carducci, e que repousa no vale de Tévere, proximo de Perusia, verdadeira joia e panorama de uma doçura de raro encanto!»

A musica é o complemento verdadeiro do que o artista sentiu.

Assis

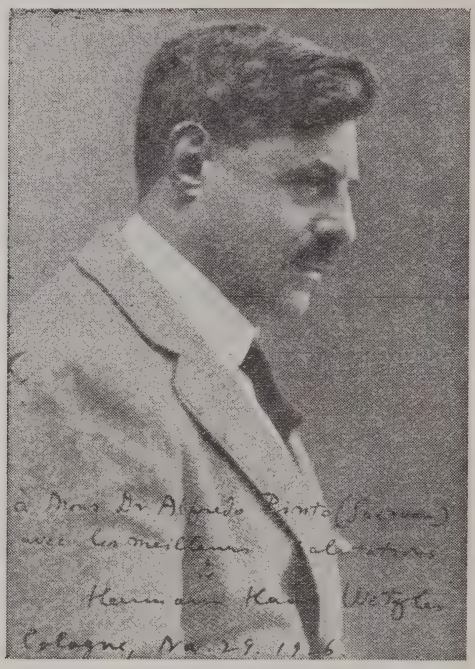
(Lenda para orquestra, orgão e piano, por Herm. Hans. Wetzler)

O notavel compositor Wètzler ao compôr esta lenda orquèstral, inspirando-se em *S. Francisco,* e tendo-lhe dado o titulo, *Assis,* que só por si sintetisa todo o meio franciscano, concorreu, para que dentro do dominio da Arte, nos desse uma obra, que é bem uma glorificação, através da musica, ao notavel *Santo*, o mistico esposo da Pobreza.

Wetzler, sentiu bèm a musica que lhe nasceu espontanea na sua sentimentalidade artistica e quando analisamos, como o ilustre compositor deu relevo ao seu trabalho de orquestra, avaliamos quanto a sua inspiração alcançou vôos de beleza e quanto ela se ergueu ás verdadeiras regiões da crença.

Herm. Hans. Wetzler ocupa actualmente no mundo musical um logar em destaque, já pelo seu valor como musico, já pela maneira como as suas obras têm sido recebidas na Europa e na America do Norte.

E' com infinito praser que incluo, neste estudo d'arte, o seu nome, pois na série brilhante das obras inspiradas em *S. Francisco*, a sua *lenda* para orquestra, *Assis*, são paginas



MAESTRO HANS WETZLER

que ficarão, como um nitido testemunho, como a Arte Musical, pode bem, através dos seus desenhos melodicos, dar-nos, nas suas linhas gerais, uma ideia como o *Poverello*, através da sua humildade e caridade, se unia tanto ao amor Divino.

Hermann Hans, Wetzler nasceu em 8 de outubro de 1870 em Francfort, tendo estudado no Conservatorio dessa cidade, com professores de valor como: Clara Schumann, Hermann, Scholz, Hoch, Humperdink, tendo sido sempre um artista de

raras aptidões, e em pouco tempo conseguiu ocupar certos logares, que outros somente ao fim de muitos anos, os alcançam.

Tendo depois fixado residencia em Nova-York, tornou-se notavel como director de orquestra, tendo organisado uma grande série de concertos, em varias cidades da America do Norte, com exito raro! Voltando á Europa, tem sido regente em Hamburgo, Petrogrado, Elberfeld, Riga, Halle, Lübeck, Cologne, etc. sempre com os aplausos da critica.

A *obra,* deste ilustre compositor se não é ainda muito vasta, no entanto, possue peças de responsabilidade e que têm sido acolhidas sempre com aplausos em toda a parte onde têm sido executadas.

Musica de scena para a peça de Shakespeare, *Como vos agradar. A abertura*, era um dos trechos mais favoritos do célebre director de orquestra, Antonio Nikisch. Uma *Fantasia sinfonica*, composta em 1922, *Visões* (1923), seis numeros para grande orquestra, *Sonata* de Bach para orgão, arranjada para orquestra, e outras obras interessantes, género, de musica de camara, etc.

*

* *

A sua obra *Assis*, nasceu depois de um aturado estudo que Wetzler fez sobre *S. Francisco*. Durante a sua visita a Assis, 1924, recebendo impressões nas montanhas onde o *Santo* fez as suas penitencias, poude o artista conseguir escrever uma obra musical que é uma pagina viva do que sentira e do que vira naquela região verdejante, palpitante sempre de Fé!

Tais paginas foram concebidas com tanta felicidade, que tendo-se o autor apresentado a um concurso de obras para orquestra em Chicago em 1925, conseguiu o *primeiro premio*, contra 84 obras! A partir desta epoca, *Assis* tem sido tocada por toda a parte na America do Norte, e pela Alemanha.

Ainda este ano, Wetzler, foi a Bonn, terra natal de Beethoven, dirigir esta sua lenda, *Assis*, tendo sido ouvida e apreciada por um publico verdadeiramente intelectual.

*
* *

Assis, tem sete partes, mas toda a obra é executada sem interupção, pois apenas indicam situações da total *ideia* musical.

Assim temos — *Solidão — Sinos de luto — Manhã de Pascoa — Prédica ás aves — Benção — Nosso irmão Sol — Nossa irmã a morte.*

Dificil se nos torna fazer uma analise completa desta partitura. Wetzler deu-nos nestas sugestivas paginas um notavel temperamento de artista descritivo, e a forma como os diversos naipes se combinam entre si, alem de revelar uma enorme elevação estética, possue um forte colorido, que dentro da escola moderna, jamais sai de uma linha perfeitamente compreensivel.

Wetzler na *Solidão*, apenas a obra começa com uma pequena frase nos 1.os violinos, violoncelos, fagotes, etc., o autor faz-nos preparar um perfeito ambiente franciscano de paz e de amor cristão; *andante* expressivo, mas sempre calmo. Aparecem *Os sinos de luto*, toda a orquestra toma outro aspecto, badalam os sinos como numa prece que sobe a Deus e a musica cheia de misticismo é duma grande suplica, ouvindo-se através de todos os naipes, o orgão e o piano num significativo *pianissimo*, *A Manhã de Pascoa* em que a harpa num *glissando* vem alegrar o ambiente, é uma notavel tela de frescura e vida. Wetzler é o artista musico que se serve dos contrastes da orquestra, como o pintor das tintas da paleta para nos revelar um assunto em que a arte tem que ser a ligação subtil entre o seu segredo e a alma de quem a contempla. Os violinos palpitam de emoção e a harpa em *pianissimo* vem como anunciar a *Prédica ás aves.* Nesta parte em *andante*, *quasi rubato*, a orquestra, não com tanta riqueza de sonoridade, dá a perfeita ideia de um lirismo cheio de ingenuidade em que *S. Francisco*, conversando com as aves as atrai e elas esvoaçando partem novamente como levando nos seus piares as palavras santas do *Poverello.* A orquestra num *pianissimo* em *tranquilo*, dá a entrada do *allegro vivace*, atacado pelas

flautas, oboés e clarinetes. Depois em quasi *presto*, toda a musica treme de vida até que entramos numa pagina importante da partitura, — *Nosso irmão Sol*. São paginas que parecem banhadas de luz dourada, falando á nossa alma, transportando-nos a esses sitios de Assis, onde a luz é um concerto divino com a Natureza! A corda tem um papel importante, — o artista trabalhou-a com rara felicidade e arte elevada, até que nos conduz á pagina mais triste, profunda e como fazendo-nos ver que chegou o fim dessa imagem santa, que, sem a vermos, a temos vindo sentindo através de toda a partitura!

Wetzler, na *Nossa irmã a Morte*, deu-nos uma parte da *lenda* de curta duração; mas no seu *grandioso funebre*, sentimos que a alma de *S. Francisco*, partindo da terra, sobe ao reino de Deus, afim de receber o premio das suas virtudes. Ouvem-se as vozes do orgão e tudo termina num profundo pianissimo. Este notavel compositor, se não tivesse um nome consagrado, bastaria esta partitura para ser encarado como um artista de invulgares qualidades de poder descritivo.

*
* *

Para que possamos avaliar como, *Assis* foi recebida pela critica, eis alguns fragmentos de diversos jornais:

Da *Guarda Rhenana:*

«Ideias melodicas de linhas nobres, têmas pateticos de grande energia e plasticidade, um poder de criação invulgar que atinge o grandioso, frequentes vezes o gigantesco, e um dominio soberano da paleta orquestral moderna e modernissima distinguem esta sentida visão: uma consagração musicalmente profunda das lendas que se criaram em volta da figura do santo de Assis.»

Das *Noticias Hamburguesas:*

«Depois de uma introdução melancolica, estática, levanta-se um poderosissimo dobre de sinos; segue-se um extenso Adagio de beleza comovente, que passa a uma especie de idilio florestal com gorgeios de passaros finamente tratados em estilo de musica de camara. O centro

desta parte é um longo sólo de violoncelo de expressão tão falante, mas tão simples apesar da sua distinção, que não será erro considera-lo como o sermão dos passaros de S. Francisco. Depois deste sólo de violoncelo, começa uma parte monumentalmente organizada, que, depois de episódios demoniacos, apaixonados, leva a uma culminancia espantosamente audaciosa e termina numa funebre musica de colorido gregoriano. A obra, dirigida sugestivamente pelo autor, foi recebida pelo publico com grande entusiasmo.»

Do *Diario de Colonia:*

«O autor não deu á sua obra o titulo *Francisco de Assis*, para não ser suspeito de fazer musica de programa.

Já se vê que os gorgeios dos passaros e o sólo de violoncelo fazem pensar no sermão ás aves, que Liszt tentou descrever na sua peça de salão com sonoridades exteriores, assim como reconhecemos a morte do santo, a sua canonisação e a sua ascenção aos campos eliseos. Tambem a introdução nos evoca a ascenção dificil e ingreme ao edificio, de onde os peregrinos ouvem soar os sinos solenes.

E' musica musical na acepção mais verdadeira da palavra, rica de invenção apesar de toda a complicação (mas não hipermoderna) nascida de germens naturais, de extraordinária fantasia nos têmas, fabulosamente mas nunca exteriormente instrumentada, rica em detalhes dignos da maior admiração mas formando um todo de grande unidade, da mais vigorosa concentração no sentido emotivo, intelectual e artistico. *Assis* é a prova de que Wetzler cria por necessidade interior e não pensa em efeitos exteriores, senão não teria terminado a sua peça (que pouco mais dura que $^1/_4$ h.) depois do crescendo gigantesco, mas ter-lhe-ia juntado mais um. A impressão e o exito foram o mais intenso imaginavel.»

Num Festival de musica aleman realisado em Chemnitz (Saxe) executou-se este poema sinfonico—*Assis*—sob a regencia do autor. Hermann Guther na *Revue Musicale* de outubro de 1926, disse desta obra: «Extase mistico melodioso, colorido serio, intensidade melodica.»

S. Francesco d'Assisi

(Para grande orquestra e vozes de Francesco Malipiero)

G. Francesco Malipiero na moderna escola italiana é um nome artistico que representa a tradição iluminada pelo espirito das novas ideias modernas. Malipiero é veneziano onde nasceu em março de 1882. Compositor de raras qualidades

emotivas, de alma sempre forte de poder descritivo, não podia deixar de se inspirar em *S. Francisco*, por isso que esta figura da egreja católica reune todos os predicados para um compositor nela se inspirar.

Tendo tido Malipiero uma vida errante, mesmo por vezes uma existencia bastante dolorosa, tendo-lhe valido para

seu confôrto apenas o carinho da avó, este ilustre artista melhor poude *sentir* a alma poetica do *Poverello*, e assim este seu trabalho *S. Francisco de Assis* dá-nos bem a nota impressionista como o autor poude sintetizar, através da musica, algumas passagens da vida do *Santo*.

Dissemos que Malipiero representa a tradição musical do seu país, da mesma opinião é Prunières, quando num estudo sobre o compositor italiano nos disse: «Malipiero tem sofrido, mais que nenhum outro do seu tempo, a influencia dos velhos mestres italianos. Certos recitativos das suas operas recordam muito mais pela sua linha melodica o estilo de Cavalli que o de Debussy ou de Wagner».

Como artista emotivo tambem o mesmo distinto musicografo francês, acrescenta que os seus *Poemetti lunari* para piano, foram-lhe inspirados pelos quadros fantasticos dum dos seus amigos, o pintor Marius Pictor.

E a sua obra, *Impressioni dal vero* com que o compositor nos dá tres instantaneos de passaros, numa paisagem banhada de sol, não será bem caracteristicamente uma prova bem evidente como Malipiero consegue traduzir pela sua arte tudo que sente através do seu espirito analista ?!

Malipiero começou em 1921, esta sua obra, *S. Francisco de Assis*, tendo dado a cada scena, a feitura de um quadro franciscano.

Decerto Malipiero pensou nos quadros de Giotto, ao escrever estas brilhantes paginas, e uma frase de uma carta que nos enviou vem confirmar a nossa ideia:

«Será cantada brevemente em Bruxelas mas sempre sem scenário, emquanto não fôr com a ajuda da visão scenica, que deverá reproduzir os frescos de Giotto».

*
* *

A partitura é dividida em 4 partes:

I — *O rebanho* — de ambiente rustico, de formação do sentimento franciscano.

II — *Prédica ás aves* — uma pagina encantadora da vida poetica de S. Francisco.

III — *A ceia de S. Francisco com Santa Clara* — parte inspirada no episodio da multidão quando esta viu as chamas sobre a egreja, paginas das *Fiorettis.*

IV — *A morte de S. Francisco* — seguindo o texto do «Cantico ao Sol».

Tanto a orquestra como as vozes, dão-nos todo o relevo da acção, onde a imagem do *Santo*, se apresenta com todo o seu esplendor.

Malipiero na construção estética destas paginas foi o compositor que sentiu a sua arte na bruma delicada da inspiração, e toda a melodia que aparece nos diversos naipes orquestrais, possue candura, tranquilidade, uma ascenção celestial bem manifesta.

Foi cantada em Nova York, Roma (1926), Bruxelas, Londres, sempre com agrado.

Os jornais, *Il Mondo, Il Messaggero*, *Giornale de Italia*, etc., fazem-lhe grandes encomios.

A revista *The Chesterian,* depois da analise da peça termina com estas palavras: «... a obra é feita com muita simplicidade e ternura».

Os folhetos *Miniature Essays* publicados pela casa Chester, de Londres dizem:

«A ultima obra de Malipiero, S. Francisco de Assis, revela uma nova fonte de inspiração, encontrada na arte do passado, mesmo um passado mais afastado, que o drama de Monteverde ou da epoca dos Misterios.

A obra é perfeitamente emotiva na sua maravilhosa simplicidade, uma singeleza que brota como um fruto de uma arte vívida na sua plena maduração».

O grande perdão de S. Francisco d'Assis

(Poema sinfonico para grande orquestra, por Timothy Spélman)

Nasceu Spélman em Brooklym em 21 de janeiro de 1891. Foi discipulo da Universidade de Harvard, tendo continuado os seus estudos com Spalding e com Hill (1909-1913). Mais tarde estevé em Munich, onde tambem recebeu lições com varios professores.

As suas obras principais são: *A cidade submergida*, opera em 3 actos; *O romance de Rosa*, pantomima em 1 acto, executada em S. Paulo em 1905; *Esboços Florentinos*, *suite* para orquestra, e varias *canções*.

Spélman, tambem desejou compor uma obra inspirada no *Santo*, de Assis, neste ano franciscano.

Foi um *poema sinfonico* intitulado, *O grandé perdão de S. Francisco*, que foi executado pela primeira vez em Boston, sob a regencia do notavel regente Kussevitzky.

Todos os jornais lhe fizeram grandes elogios, pois são paginas de um grande poder dramatico e mistico.

O ilustre compositor através da orquestra conseguiu colorir toda a ideia inspiradora que lhe serviu de ponto de partida para o seu *Poema*.

Trittico Francescano

(Poema para orquestra e vozes, de Licinio Réfice, libreto de Emidio Mucci).

Licinio Réfice é um dos modernos compositores mais notaveis da musica religiosa em Italia. Com 42 anos, já tem produzido obras de grande valor, como foi a sua *Madalena*, grande poema sinfonico em um prologo e tres partes, execu-

tado com grande exito no *Augusteo* de Roma; um *Stabat Mater, Missas* e varias pequenas peças para egreja.

Este *Trittico Francescano*, que foi executado pela primeira vèz em 4 de outubro de 1926 em Assis, na Egrèja de S. Rufino, agradou imenso, pela sua inspirada musica.

E' dividido nas seguintes partes:

a) — Sposalizio colla Povertá

b) — Stimmate

c) — Morte del Santo.

*

* *

O autor conseguiu pela sua musica dar-nos paginas de enorme relêvo de santidade. *S. Francisco*, aparece-nos nesta composição, sob uma aureola de luz celestial verdadeiramente encantadora.

Tendo sido tocado este *Poema* na propria Assis, a musica pareceu palpitante de alto relêvo, como nascida naquela região franciscana que viu o *Poverello* espalhando a bondade e o bem por toda a humanidade.

Poemes Franciscans

(Série de quadros para orquestra e vozes inspirados nos poemas de Francis Jammes, por Ermend Bonnal).

O compositor francês Ermend Bonnal, fez executar em janeiro de 1927, em Marselha, os seus *Poemes Franciscans*, que foram muito bem recebidos pela critica.

Cheios de simplicidade, o autor apenas desejou pela sua arte, dar-nos a impressão da humildade e da pobreza, tal como pensou *S. Francisco*. As vozes aliam-se cheias de encanto com a orquestra, formando um tôdo, matisado de misticismo, dentro da verdadeira religião franciscana.

QUINTA PARTE

PEÇAS DE VARIOS GENEROS

No capitulo das *oratórias* vimos que não encontramos nenhuma obra antiga no genero, inspirada em *S. Francisco,* apenas Leonardo Leo, escreveu uma *oratória*, *Santa Clara*, bafejada com o ambiente franciscano. Seria logico que os grandes compositores antigos italianos, como Carissimi, Caldara, Pergolesi, Traetta, etc., se tivessem inspirado no *Poverello* de Assis, figura da Egreja tão italiana; pois nada vemos e a primeira *oratória* que encontramos é, como vimos, a de Tinel. Porem, temos agora, devido ao *maestro* Guido Gasperini, uma composição de um autor anonimo do seculo XIV, uma *Lauda a S. Francisco de Assis* para côro e uma voz media. Esta obra é editada pela casa, *Sten Editrice*, de Turim.

Guido Gasperini, grande alma investigadora, escreveu umas palavras previas muito interessantes, dignas de serem arquivadas:

«O codigo II—I—122 da R. Biblioteca Nacional de Florença, do qual é tirada esta Lauda, a S. Francisco (codigo em pergaminho com iluminuras, contendo 96 laudas musicadas) foi escrito no seculo XIV e, com mais razão talvez na primeira metade desse seculo. As origens da propria Lauda podem, no entanto irem até aos ultimos anos do seculo XIII, isto é, no proprio seculo de S. Francisco.

A construção ritmica da Lauda é muito interessante. A Lauda desenvolve-se inteiramente sobre a forma mais clara, na modalidade de *dó maior* (modalidade não conhecida oficialmente naquela epoca), com repousos sobre a dominante, sol, e pura cadencia sobre a tonica, dando ao desenvolvimento melodico da Lauda um caracter muito moderno.

O desenvolvimento ritmico é por isso de grande clareza. Isto dá logar a tres frases, bem distintas e bem proporcionadas entre si, a primeira da qual é nitidamente quadrada, composta de dois membros de frase, cada uma das quais compondo-se

de duas incisas. Aquela ocupa os primeiros 16 compassos da Lauda; e depois se repete integralmente, no compasso 25 até ao 39. A segunda frase, de oito compassos é como uma *códa* da primeira, ou um *traço de união* entre as duas repetições da primeira e tem analogia com a terceira, que fecha o canto e é, tambem como aquela, nos seus 16 compassos, nitidamente quadrada e regularmente subdividida em dois membros de frase e quatro incisas.

Chamando **A** á 1.ª frase e **B′ B″** á 2.ª e á 3.ª, o esqueleto da Lauda apresenta-se assim:

A (16 compassos) — **B′** (8 compassos) — **A** (16 compassos) **B″** (16 compassos).

A interpretação ritmica por mim escolhida, como mais justa, deu á Lauda o movimento *ternario*, desenvolvendo a melodia sobre a base do primitivo modo ritmico medieval, a qual exige na sucessão dos *pés musicais* a alternativa constante da *longa* e *breve*.

No codigo *Trecentesco*, a Lauda é escrita naturalmente, com notação quadrada na forma usual da notação gregoriana; e desenvolve-se sobre *uma só linha* melodica sem nenhum sinal de segunda voz.

Muito poucas modificações quiz fazer na interpretação do texto, nunca tirando o desenho geral da Lauda.

Emfim, escrevi uma harmonisação que *não é, certamente no estilo da epoca*, mas para se seguir bem o canto.»

Esta pequena obrasinha, com acompanhamento de harmonio, é muito interessante sob o ponto de vista melodico, começando pelo *Ritornello:*

«Sia laudato San Francesco
Quei che apparve crocifisso
Come Redentore.»

O grande compositor do seculo XVI, Palestrina, escreveu dois *Hinos* em honra de S. Francisco, muito pouco conhecidos, que se encontram nos *Hymni Totius anni... 4 vocibus concinendi.*

O primeiro *hino* deve ser cantado nas *Primeiras Vesperas,* iniciando-se com as palavras:

«Novis utens prodigiis»

Segue-se um *canon in Subdiapason* a 5 vozes, com a forma gregoriana.

O segundo *hino* é para as *Segundas Vesperas,* com as palavras:

«Franciscus tenens»

Ambos estes hinos são de uma grande emoção religiosa, com uma linda construção polifonica, digna do notavel compositor.

---

3 Fioretti di Santo Francesco, para uma voz e orquestra, por Mario Castelnuovo-Tedesco (1).

Na musica italiana actual, Castelnuovo-Tedesco, é um dos compositores de mais forte inspiração. Nasceu em Florença em 1895, tendo hoje 32 anos, possue todo o vigôr do seu talento como tem demonstrado em algumas das suas obras.

Quem ler o estudo que fez o ilustre critico de arte, Fernando Liuzzi, sobre a sua obra, ficará seguro do valor deste jovem artista, que, perfeitamente italiano, da-nos musica de uma alta beleza e encanto. Sobre estas *Fioretti,* diz-nos o distinto critico:

«As *Fioretti* ao mesmo tempo cheias de melodia pura e duma vasta elevação sinfonica que parece evocar a vida universal, a transfiguração mistica das coisas á roda das palavras e das virtudes divinas do Santo, são uma demonstração singular da intensidade de lirismo de que é capaz a alma de Castelnuovo...»

Como as «Florinhas de S. Francisco», são uma obrasinha que pinta bem a alma singela do *Poverello* de Assis, transcreverei para aqui os episodios em que o compositor se inspirou,

(1) Casa editora — A. Forlivesi e C.ia — Florença.

afim de se compreender melhor a força descritiva da musica. Estas passagens são da tradução de P. A. Tomás Gonçalves.

I

«S. Francisco e as rôlas bravas»

(CAP. XXI)

«Tinha um jovem caçado umas rôlas, e levava-as a vender. Encontrando S. Francisco, — que sempre tinha tido singular piedade para com os animais mansos — pôs-se ele a olhar para as rôlas com olhos de compaixão, e disse para o jovem:

— O' bom moço, rogo-te que me dês estas rôlas para que as aves tam mansas e inocentes, as quais na Escritura são comparadas ás almas castas, humildes e fieis, não venham a cair em mãos crueis, que as matem.

Imediatamente aquele jovem, inspirado por Deus, deu-as todas a S. Francisco, que as recolheu no regaço, e, falando com elas, dizia-lhes:

— O' irmãs minhas, rôlas simples, inocentes e castas, porque vos deixastes apanhar? Desta vez quero eu livrar-vos da morte, e fazer-vos os ninhos para que deis fruto e vos multipliqueis, segundo o mandamento de Deus, nosso criador.

E vai S. Francisco a todas fez ninho. E as rôlas aproveitando-se dele começaram a pôr ovos e criarem seus filhinhos na presença dos frades, e chegaram a tal familiaridade com S. Francisco e demais frades como se fossem galinhas criadas por eles, e não se foram dali embora emquanto S. Francisco, com a sua benção, lhes não deu licença de partirem.»

. . . . . .

A musica deste trecho em *Tranquilo e sereno*, tem todo o caracter de musica religiosa. O canto é muito simples, sendo todo o efeito na orquestra, com lindas côres de lirismo. Depois da voz cantar: «del nostro Creatore» até ao aparecimento da frase — «E va Santo Francesco e a tutte fece nido», ha um canto em fortissimo, mas nunca perdendo o caracter de santidade. Quando a voz diz: «colla sua benedizione, diede loro

licenza di partirsè», a musica parece traduzir a voz das aves, primeiro num canto quasi celeste e depois *come un improvviso volo,* em pianissimo, fazendo aqui recordar um pouco a feitura pucciniana.

II

«Como S. Francisco livrou um frade do demonio»

(CAP. XXII)

«Estando uma vez S. Francisco em oração no conventinho da Porciuncula, viu por divina revelação todo o eremiterio rodiado e assediado de demonios, ao modo dum grande exercito; contudo nenhum deles podia entrar dentro, porque todos aqueles frades eram de tão grande santidade que os demonios nada podiam com eles. Mas perseverando assim nesta atitude sucedeu que, um dia, um irmão se agastou com outro e pensou em seu coração como poderia acusa-lo e vingar-se dele; pelo que o demonio, vendo uma porta aberta, entrou no eremiterio e foi sentar-se sobre o pescôço do tal frade. Vendo o solicito Pastor, que de continuo vigiava por sua grei, que o lobo tinha entrado a devorar a sua ovelhinha, mandou imediatamente chamar aquele irmão e mandou-lhe que, logo ali, descubrisse a peçonha de odio concebido contra o proximo, por cujo motivo já estava nas mãos do inimigo. O irmão, assustado por se ver assim surpreendido pelo santo Padre, descubriu ali todo o veneno e todo o rancôr, e reconheceu a sua culpa e pediu humildemente a penitencia, com misericordia; feito isto, e logo que foi absolvido do pecado e recebendo a penitencia, ali mesmo em presença de S. Francisco, se pôs o demonio em fuga; e ficou aquele irmão livre das garras da besta cruel, pela caridade do grande Pastor, dando a Deus graças: .....
.....»

O compositor logo no principio deste trecho escreveu uma musica toda movimentada, a indicar o que se vai passar, perfeitamente contrastando com o final, que parece uma especie de bonança, á tragedia e luta de almas, do inicio da acção.

No entanto todo o canto é apenas a narrativa simples, respondendo-lhe a orquestra bastante rica em poder descritivo.

Depois da partida do *demonio,* a musica da-nos a impressão de paz e de amor, terminando num *lento* em *pianissimo* e nuns acordes que se perdem como tudo voltasse ao silencio antigo banhado de crença.

III

«Como S. Francisco e Santa Clara jantaram em Santa Maria dos Anjos, parecendo que o logar estava cheio de chamas»

(CAP. XIV)

«Costumava S. Francisco, quando estava em Assis, visitar muitas vezes Santa Clara, para lhe dar santas instruções. E apesar de ela ter grandes desejos de comer uma vez com ele e de lh'o ter pedido repetidamente, nunca lhe quiz dar esta consolação; mas os companheiros vendo o desejo de Santa Clara, disseram a S. Francisco:

— Padre, parece-nos que não é conforme á caridade divina este rigor em não quereres atender a irmã Clara, virgem muito santa, querida de Deus, em tão pequena coisa, como é comer contigo; especialmente considerando que ela, por tua pregação, abandonou as riquezas e as pompas do mundo. Em verdade, ainda que ela te pedisse maior graça, devias concedê-la á tua planta espiritual.

Então respondeu S. Francisco:

— Parece-vos que a devo atender?

Ao que eles responderam:

— Sim, Padre, digna coisa é que tu lhe dês esta consolação.

— Pois já que vos parece bem, — disse S. Francisco, tambem a mim. Mas para que ela fique mais consolada, quero que esta refeição seja em Santa Maria dos Anjos; e como ela, ha já tanto tempo está reclusa em S. Damião, hade ter muito contentamento em ver o conventinho de Santa Maria, donde

foi conduzida e feita esposa de Jesus Christo; lá pois comeremos juntos, em nome de Deus.

Tendo chegado o dia aprazado, saiu Santa Clara do seu mosteiro com uma companheira, e guardada por alguns companheiros de S. Francisco, chegou a Santa Maria dos Anjos; e depois de ter devotamente saudado a Virgem Maria, diante do seu altar, ante o qual lhe fôra cortado o cabelo e imposto o véu, conduziram-na a ver o eremiterio, até que fosse hora de jantar.

Entretanto mandou S. Francisco preparar a mesa, sobre a terra nua, como de costume. Chegada a hora de jantar, sentaram-se juntos S. Francisco e Santa Clara, e um dos companheiros com a companheira de Santa Clara, e depois todos os outros irmãos se aproximaram da mesa, humildemente.

Como primeiro vianda começou S. Francisco a falar de Deus, tão suavemente, tão maravilhosamente que, baixando sobre eles a abundancia da divina graça, todos foram arrebatados em Deus. E estando deste modo arrebatados, com os olhos e com as mãos levantadas ao ceu, viram os homens de Assis e Betona, e os habitantes dos logares visinhos que Santa Maria dos Anjos, e todo o eremiterio e o bosque, que então existia junto da casa, ardiam em chamas, parecendo ser aquilo um grande incendio, que consumia a egreja, o conventinho e bosque, juntamente; pelo que os Assisienses, com grande pressa correram ao logar para apagar o fogo, julgando firmemente que tudo estava ardendo.

Mas, ao chegarem ao sitio, e não encontrando sinais de fogo, entraram dentro, e encontraram S. Francisco com Santa Clara, e todos os seus companheiros, arrebatados em Deus, por contemplação, e assentados em volta daquela humilde mesa. Do que concluiram, com certeza, que aquele fogo era divino, e não material, o qual Deus tinha feito aparecer milagrosamente para significar o fogo do divino amor, em que ardiam as almas daqueles santos frades e santas monjas, — e assim se foram embora com grande consolação.»

Musicalmente, são as paginas mais sugestivas da obra. No começo deste numero logo no terceiro compasso, encontra-se uma frase que é em todo o trabalho orquestral como o

motivo melodico a indicar varias situações da letra. Esta frase modifica-se sob varias formas até que reaparece, cheia de vigor, quando a voz canta: «Estando cosi rapiti, con gli occhi e con le mani levate al cielo...»

Quando as chamas aparecem, a musica toma o colorido de inquietação e de dramatico, onde uns acordes em fortissimo formam a palêta com toda a força de intensidade.

Onde o acompanhamento se enriquece de melodia é ao comentar as palavras: «quello era stato fuoco divino, e non materiale.»

Até ao fim, depois da voz cantar, «ardevano le anime», a orquestra acentua bem um *largo grave* que se vai perdendo até diluir-se num pianissimo.

Quasi stella matutina — *Graduale per la festa di S. Francesco d'Assisi*, para 2 vozes, com acompanhamento de orgão ou harmonio, por P. Hartmann.

Sobre o valor deste compositor franciscano já fizemos referencia quando tratamos da sua *oratória*, na primeira parte deste livro, agora só nos resta dizer algumas palavras sobre esta sugestiva pagina.

O caracter puramente religioso que vimos na sua *oratória*, aqui se encontra tambem bem vincado.

Depois de uma curta exposição em tres compassos no orgão entra a voz cantando as palavras: «Quasi stella matutina.» O canto segue sempre muito simples em *andantino*, até que na segunda parte em *lento*, as vozes cantam: «O Patriarcha pauperum, Francisce...», assim vai num *decrescendo* até final; então o orgão ataca a solo os primeiros compassos do inicio, terminando num longo acorde. E' um pequeno trabalho, mas de perfume franciscano.

Le Laudi di San Francesco d'Assisi, para coros e orquestra, por Hermann Suter.

Este ilustre compositor, na historia da musica suissa, teve um logar bem em evidencia. Faleceu apenas com 56 anos em 22 de junho de 1926. Fez a sua estreia como chefe de orquestra em Zurich, sendo tal o exito que foi nomeado director do Conservatorio, em Bâle. As suas execuções, da *Paixão* de Bach, chamaram a Bâle um publico internacional.

Estas *Laudi,* são as suas melhores paginas, e a critica consagrou-lhes artigos magnificos, pois encontra se na sua musica uma notavel tendencia da mais elevada religiosidade.

Maurice Boucher, no *Monde Musical,* disse das *Laudi:* «Suter conseguiu tirar um grande partido. E' uma musica com muitos contrastes e de seguro efeito.»

Pode-se concluir que o ilustre artista estudou e sentiu bem a figura mistica do Santo italiano.

Al Serafino di Assisi, canto popular sobre versos de P. Santarelli. — **Inno Populare,** versos de P. G. Cantini, musica de P. M. Galletti.

Sobre este compositor, dissemos algumas palavras quando estudamos a sua *oratória,* «Mistiche Nozze di S. Francesco con Madonna Povertá», e reconhecemos que este artista tendo um profundo enlêvo por S. Francisco d'Assis, traduz o seu poder mistico através da sua musica. Nestas duas obrasinhas iremos encontrar as mesmas qualidades, e sendo paginas verdadeiramente simples, todavia nunca abandonou o seu poder de colorido franciscano.

Nas paginas do *Al Serafino di Assisi,* com acompanhamento de harmonio ou piano, o canto é sempre de uma notavel simplicidade, desde o principio ao fim, em *andantino.* De facil execução é uma obra muito acessivel para ser cantada nos nossos templos.

Santarelli, fez-lhe uns versos com bastante candura e religião. Termina assim esta linda pagina musical:

«Or torna, Francesco,
Deh! torna fra noi:
Nell'aspre battaglie
Salvarci tu puoi,
Levando sempre alto
Il bianco vessil.»

*

* *

No *Inno Populare*, Galletti, desejando que fosse cantado especialmente pelos irmãos da *Ordem Terceira,* escreveu uma musica tambem muito sugestiva. Em tempo *marziale*, os desenhos melodicos desenvolvem-se, de modo que a voz acompanha simultaneamente o acompanhamento, nascendo umas paginas muito interessantes e espontaneas de inspiração.

A parte literaria de G. Cantini está dentro do espirito da musica, isto é, na forma de *hino.* Começa assim:

«Siam Terziari! la santa promessa
noi facemmo all'altare di Dio:
«fin ch'io viva, del vivere mio
di Francesco la norma sarà».
Quella norma che è fior di Vangelo,
fida scorta all'errante cammino,
pegno certo di un regno divino,
fiamma e vita per tutte le etá.»

«O Padre, infiammaci
di santo ardor,
scenda et tuo spirito
nel nostro cuor.»

.....

Esta obra é muitas vezes cantada nos conventos franciscanos.

Sonetti Francescani—I, *Confessione*—II, *La vocazione di S. Francesco*, versos de R. M. Pierazzi. (Casa editora Carisch e C.ta, de Milão.)

Tre Salmodie—sobre as «Florinhas» de S. Francisco, para uma voz e piano (só mão esquerda) ou harmonio. (Sten Editrice, de Torim), musica de Lodovico Rocca.

Nestas duas obras, o compositor Lodovico Rocca, conseguiu escrever uma linda musica, onde passa por toda ela, uma verdadeira emoção de santidade.

Nos dois *sonetos* de Rina Maria Pierazzi, nós vemos S. Francisco em duas fases da sua existencia religiosa. No primeiro é uma especie de invocação franciscana; a imagem do *Poverello* pelas ruas de Assis, á sombra da dourada folhagem, a sua fala com Jesus, o seu ardente amor pelo Divino Mestre.

No segundo, é quando S. Francisco, abrindo as paginas do Evangelho, através das suas palavras, resolve cumprir a ordem do Senhor, e casando-se com a Pobreza, ei-lo pela vida fóra, como exemplo de santidade.

O inteligente compositor, segue toda a narrativa do canto no primeiro *soneto*, apenas com acordes. Assim as notas da voz, marcam a acção poetica, como apenas desejassem acentuar o caracter descritivo.

No segundo *soneto,* a feitura melodica é mais rica em contrastes. Se ao principio tudo é calma, quando o cantor diz: «per la strada del dolore», o acompanhamento anima-se até que, quasi no final, acordes em *pianissimo* completam a frase vocal quando diz: «Son con Te, Signore!»

A musica fala-nos á alma; a arte religiosa consegue evocar o Santo de Assis!

*

* *

As *Tre Salmodie*, indicam uma curiosa manifestação artistica. Rocca não quiz fazer uma obra de canto vulgar. Ao

escrever estas *Salmodie*, pensou num frade franciscano que lendo com devoção as *Fioretti*, seguras na mão direita, fosse seguindo com a esquerda no *cravo*, pela musica, a sua meditação.

A *primeira* meditação, — é do, *dia e do ano da morte de S. Francisco.*

A *segunda: — Como Fr. Ginepro permaneceu silencioso durante seis meses.*

A *terceira: — Como um santo homem, estando em oração, viu a alma do frade Egidio andar para a vida eterna.*

Estes tres trechos, são perfeitos recitativos, seguidos pela musica. Não se poderá dizer que sejam escritos com efeitos para um espontaneo agrado de quem os ouvir numa simples audição, mas sob o aspecto de pura arte, é uma obra de merecimento, feita com talento.

Trois cantiques à Saint-François d'Assise et cantique à Sainte-Claire, poesias de M. Serville, musica de F. de La Tombelle.

Na escola francesa é bem notorio o talento do compositor Fernand de La Tombelle, que principalmente em musica religiosa, tem conquistado uma bela posição. Nasceu em Paris a 3 de agosto de 1854, tendo sido discipulo no Conservatorio de Th. Dubois (composição) e de Guilmant (orgão). Como organista e como professor de *teoria* na *Schola Cantorum* de Paris, La Tombelle é muito considerado no meio musical da capital da França.

Como compositor formou obras muito importantes como, *Impressões matinais, suites* para orquestra, *oratórias, Santa Cecilia, Sant'Ana* e a notavel *Cantata, a Joana d'Arc*, para córos e grande orquestra, não contando, com *Seis canticos* para córos e orgão, *Noel au Village*, vozes e orgão, *Cantico ao Santissimo Sacramento,* para vozes e orgão, etc.

Ora, La Tombelle não podia deixar de se inspirar em S. Francisco de Assis e assim escreveu tres canticos ao grande

Santo e um a Santa Clara, repassado este, de todo o sabor franciscano.

Os *Canticos franciscanos* são assim denominados:

1 — *O grand serviteur de l'Eglise.*

2 — *Gloire à vous, Séraphique Père.*

3 — *Saint-François, Père Séraphique.*

I

A feitura deste primeiro canto é de facilissima execução. Em *moderato*, o acompanhamento segue a mesma melodia das vozes, que por um canto simples segue toda a ideia do poeta. Depois de dois compassos rompe o côro: «O grand serviteur de l'Eglise». Depois canta o solista, numa frase mais descritiva: «Les biens qu'adore la jeunesse», terminando o côro, com as palavras: «Saint-François, Saint-François, Saint-François d'Assise».

Toda a musica, dentro de uma caracteristica singelesa, é muito interessante.

II

Esta pagina ainda é mais facil. E' para uma voz só. O lançamento da melodia é a perfeita tradução do pensamento da letra. A inspiração do artista eleva-se pouco a pouco, numa especie de sonho, mas nunca saindo do seu caracter de religiosidade humilde.

Os versos cantam muito bem a nobre figura do Pobre de Assis. Os ultimos versos são:

«Votre humilité si profonde
A permis que Dieu nous inonde
De dons et de grâces de choix.
Prenez le trône du rebelle,
Préparez-vous place très belle,
Au Ciel, près de vous, Saint-François!»

III

E' talvez este *cantico* o que tenha maior riqueza de côres franciscanas! O artista sentiu bem a letra e a musica, possue essa pureza das almas castas, desprendida dos bens do mundo. As frases não têm vôos de grande inspiração, mas a musica entra bem nas almas que a escutam, como um balsamo de candura. Esta pagina tem um côro, como o primeiro *cantico,* sempre enaltecendo o valor do *Santo.* O trabalho literario é todo em *quadras;* eis a ultima:

«Dans la joie et dans la souffrance
Vous avez chantè son amour.
Le Ciel est votre récompense!
Puissions nous vous y suivre un jour!»

*

* *

No *cantico a Santa Clara,* desenha-se bem um quadro de puro meio franciscano. Um côro inicia os primeiros compassos, em *assaz lento*, e depois o *solo*, segue a melodia sem nunca abandonar o caracteristico da obra. Neste trecho o acompanhamento não é tão singelo, como nos anteriores *canticos,* todavia jamais se afasta do ritmo do canto. A musica é sugestiva e a letra cheia de frescura mistica. Musica e letra formam uma linda ligação espiritual, bem compreendida pelo compositor, estando nisto o seu encanto. Os versos, como disse, refletem bem a humildade do socego claustral:

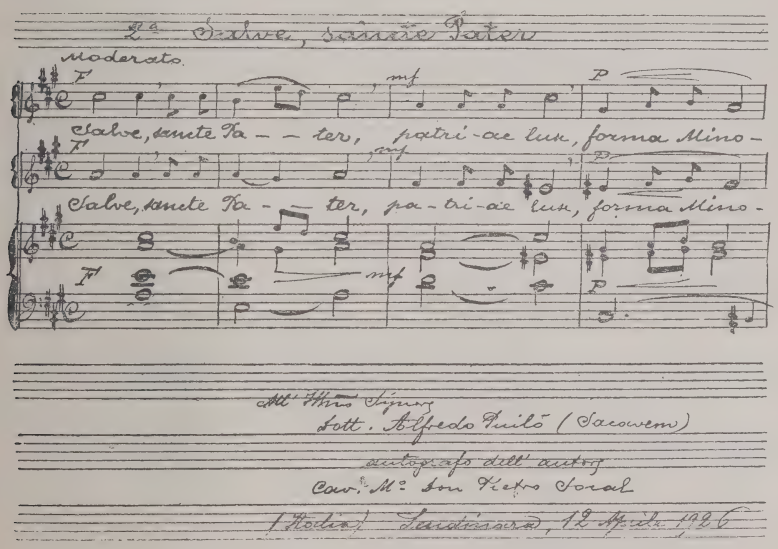
«Le bienheureux François d'Assise
Vous fit voir le chemin des cieux.
A son autorité vous vous êtes soumise.
Vous avez coupé vos cheveux
Pour marcher près de lui vers la cité promise.»

«Sous les voiles d'un monastère,
Ceinte de bure et les pieds nus,»
.. ..
....
....

Dentro das simples execuções destas obrasinhas, é todavia necessario haver bons executantes, pois na sua propria singelesa encontra-se a sua grande dificuldade!

In Transitu S. Francisci, duas *antifonas* para côro: a) *O Sanctissima anima;* b) *Salve, sancte Pater,* musica de Don Pietro Socal, organista da catedral de Lendinara (Rovigo).

O compositor Don Pietro Socal, é um veneziano, de 48 anos de idade, que se tem sempre dedicado á musica religiosa, organista da catedral de Lendinara, onde o seu talento é muito



apreciado, revelando as suas peças, alem de uma séria feitura, uma inspiração bastante elevada. Longa é a lista das suas obras de caracter religioso, executadas nas egrejas de Italia, com seguro exito.

Como artista italiano não podia deixar de prestar culto a S. Francisco de Assis através da sua arte, por isso compoz duas *Antifonas,* cuja musica alem de revelar o seu talento

como musico, faz-nos penetrar num estilo, puramente em ligação intima com as qualidades morais do *Poverello*. São duas obrasinhas dignas de figurarem nas peças, melhores inspiradas na grande figura do Santo.

La prière de S. François d'Assise, cantico do amor divino, para baritono e córos mixtos, musica P. Goudard.

Esta composição é uma pagina musical não de muitas dificuldades, mas que necessita um belo temperamento de cantor, para lhe poder dar o colorido que ela pede.

P. Goudard é um compositor de obras religiosas, bem conhecido no meio catolico francês. A lista das suas peças demonstra quanto este artista, tem ido procurar em assuntos religiosos, motivos para as suas composições. São bem populares as suas obras: *Les cloches de Noël, Hymne de la France au Sacré Cœur, A Marie Immaculée, Stabat Mater* e um dos seus dramas historicos, *La revanche de Jeanne d'Arc.*

Esta *Prière de S. François d'Assise*, é muito melodiosa e todo o acompanhamento do orgão é feito dentro de uma singelesa bem marcante. Os córos:

«O Christ, tu m'as ravi le cœur.»

completam muito bem todas as frases do baritono.

P. Goudard. poz bem nesta musica a sua alma de artista crente.

Transito, para orgão e vozes, por Falconára.

Este modesto compositor ao escrever esta obra, nota-se claramente que não teve outro fim, senão colorir e patentear ás almas dos crentes, a imagem sagrada de S. Francisco. Musica pura, intensamente religiosa com todo o seu perfume de santidade. Está na sua humildade todo o seu valôr.

Responsori a S. Francesco, pelo monge franciscano Tommaso Graziani.

Graziani, é actualmente mestre de capela num convento, em Milão. E' autor de *Missas*, *Motetes*, *Madrigais*, *Ladainhas*, etc.

Estes seus *Responsori*, a S. Francisco, são muito bem escritos, sob um intenso prisma de caracter liturgico.

As vozes estão muito bem tratadas, conservando sempre um notavel equilibrio, o que não é vulgar.

Psalmo 148, para 8 vozes, por G. Holst.

Parecerá á primeira vista que não deveria ser incluido neste estudo musical, este *Psalmo 148*, por isso que não faz referencia ao Santo de Assis, mas o compositor Holst, ao compor esta musica, foi inspirado, decerto, pelo ambiente franciscano, pois bastará recordar, que com certeza, S. Francisco, ao escrever o seu *Hino ao Sol* ou o *Cantico das Criaturas*, se inspirou neste *Psalmo*.

Numa festa de arte realisada este ano em Tourcoing, pelo Padre Bayart, dedicada a S. Francisco, uma das peças executadas foi este *Psalmo 148* de Holst, por isso que através das suas paginas passa um forte perfume dessa grande figura da egreja catolica.

Eis algumas passagens do *Psalmo*, onde se poderá ver as grandes semelhanças com o *Hino ao Sol:*

.....

3 — «Louvai-o, Sol e Lua; louvai-o todos, as estrelas da noite e a luz do dia.

4 — Louvai-o Ceus dos Ceus; e todas as aguas que estão sob os Ceus.

5 — Louvem o nome do Senhor.

8 — O fogo, o granizo, a neve, a geada, os ventos de tempestades que executam a sua palavra.

9 — Os montes e todos os outeiros; as arvores frutiferas e todos os cedros.

10 — Os animais selvagens e todos os gados; as serpentes, e as aves que vôam.»

. . . . . .

*

* *

G. Holst nasceu em Cheltenham a 21 de setembro de 1874. De origem sueca, a sua familia estabeleceu-se em Inglaterra. O pai deste compositor era pianista e organista. Desde tenra idade Holst pensou em dedicar-se á composição. Entrou no *Royal College of Music*, estudando composição com Stemford. Gustavo Holst, sempre sentiu uma grande predilecção pela canção popular inglesa e assim grande numero das suas obras, principalmente córos, possuem a caracteristica da melodia do povo.

Holst, nesta sua obra, consegue reflectir bem nitidamente a sua alma emotiva e as vozes dão-nos, como uma bela paleta de côres, todo o comentario musical das palavras do inspirado *Psalmo*.

Mottetto Franciscano, (de uma *suite* antiga), por Pietro Dentella.

Este compositor na musica contemporanea da Italia tem um nome muito conhecido, principalmente em composições no genero sacro. Pietro Dentella ha muitos anos é director da Capela Musical do Oratorio da Imaculada, em Bérgamo e professor de musica no Seminario. A sua cantata *Moyses* para solo, córos e orquestra, fê-lo conhecido e respeitado como professor e musico.

Este seu *Motete*, é uma pequena obra muito apreciavel e de facil musicalidade. O autor não quiz deixar, como italiano, de prestar homenagem a S. Francisco.

Existem no genero de: *Cantos*, *Hinos*, *Gósos* bastantes composições em honra de S. Francisco. Todas estas obras, com musica facil, tanto no trabalho das vozes, como na parte do orgão, são quasi todas, compostas por irmãos franciscanos.

Neste estudo de arte musical, como já tivemos ocasião de ver, os irmãos franciscanos revelaram-se inspirados compositores, em varias obras aqui citadas e estudadas.

No precioso Catalogo *De-Marinis*, de *manuscritos*, vemos versos de frades franciscanos, com belas composições como: *Fr. Girolamo da Deruta*, *Fr. Bonaventura*, *Fr. Orazio Colambari*, *D. Egidio Jarram*, *Fr. Francesco Vannarelli* e outros.

Num *Album* editado em Barcelona, fômos encontrar bastantes musicas, com letra hespanhola, reunindo composições executadas nas festas em honra de S. Francisco.

a) Cantos

Ao Serafico S. Francisco, letra de Antonio Arruti, musica de Juan José N. Garmendia:

«Gloria a Francisco cantemos,
Nuestro Padre y fundador,
Gloria a una voz entonemos.»
etc.

Canto popular a S. Francisco d'Assis, musica tambem de Garmendia:

«Cantemos dulces himnos
al Serafin de Assis;»
etc.

*

* *

Alguns irmãos menores, da Belgica, escreveram os *cantos* seguintes, já traduzidos em hespanhol:

Canto em honra de S. Francisco:

«Francisco, Padre excelso,
Serafico de Assis.»

Canto em honra de S. Francisco:

«La vida tuya transcurrió
en humildad profunda.»

Canto em honra de S. Francisco:

«A ti Francisco, recurrimos.»

Canto em honra de S. Francisco d'Assis:

«Reinaba la oscuridad,
en la doctrina de Jesus...»

Canto em honra de S. Francisco d'Assis:

«Resuene una voz mundial
de canticos y amor.»

Canto ás chagas de S. Francisco d'Assis:

«En alta roca contemplo Francisco a
Jesus en Cruz, orando extasiado.»
etc.

A musica destes cantos é facilima, não revelando nenhuma elevação transcendente.

*
* *

Canto para 1.os tenores, 2.os tenores e baixos, letra de L. Garcia Rodrigues, da catedral de Santiago de Compostella; musica de Eduardo Mocaroa, organista de Tolosa:

«Serafin del amor
hoy te vengo a cantar
Por calmar mi dolor.»
etc.

Côro popular a S. Francisco d'Assis, musica de Juan José N. Garmendia:

«Escuchad nuestra voz
oh Francisco!
y alentad nuestra fuerza y valor»
etc.

b) Hinos

Hino Nacional dos Terceiros, letra de Fr. Pedro R. Pumarega, musica do maestro Busca de Sagastizabol.

Musica muito facil.

Côro

«Las huellas del candello enamorado
sigamos con fervor.
Vamos tras el! Su voz ha resonado;
tremolemos la insignia del amor.
Su sendero es de luz; Fieles Terciarios
a Francisco seguid;
Honor y bendicion al Padre amante!
Honor y bendicion al Serafin!»

Solo

«En redes amorosas te viste prisionero;
«Amor» fuè tu devisa, tu leme y tu ideal.»
.....

Côro

«Las huellas, etc.

Hino dos Terciarios Franciscanos, letra de D. Juan B. Caballero, musica de Massot. Paginas faceis.

Côro

«Gloria al humilde que fué en la tierra
de Cristo vivo trasunto fiel;»
.....

SOLO

«Por la pendiente de negro abismo
rodaba ciega la Humanidad.»
.....

Hino a S. Francisco, musica de S. Tafall, letra de (?). Melodia inspirada e facil.

CÔRO

«A Francisco de Assis tributemos
homenaje de gloria y honor;
sus virtudes y triunfos cantemos.»

SOLO

«En humilde pesebre nasciste
imitando a tu Dios-Redentor,
y de joven la senda escogiste
del trabajo, pobreza y valor.»

Hino Popular a S. Francisco de Assis, musica de Fr. Luiz M. Fernandez. Letra de (?). Musica muito facil.

Hino A. N. P. San Francisco, musica de Fr. José Maria Arregui. Letra de (?). Musica facil.

Hino ao Serafico Padre S. Francisco de Assis, musica de Fr. Juan José N. Garmendia, letra do Padre Jayme Otalosa.

A musica deste *Hino*, é de todas a mais elevada e sugestiva. Tanto o canto como o acompanhamento, ligam-se com inspiração.

SOLO

«Gloria a ti Serafin da Umbria,
pregonero immortal del gran Rey
gloria, gloria te canta este dia
con sublime entusiasmo tu grey»
etc.

Hino a S. Francisco de Assis, musica de D. José Beobide, organista em Burgos, letra do Padre Gaspar Pintado. Musica em forma marcial.

«Cual escuadron que al cielo se encamina,
tu grey, Francisco, combatiendo va.»
.....
«Padre Francisco, somos tus soldados;
flote al viento la Cruz del Redentor»
etc.

Hino de S. Francisco d'Assis, musica de B. Iraisas, organista em Pamplona, letra de D. Gervasio Villanueva. Musica muito facil.

«Al Serafin de Assis,
crucificado en cruz de caridad,
al pobre penitente, Padre amado,»
.....

Hino a S. Francisco de Assis, musica de Massana. Letra de (?) em catalão.

«Oh! gloria de Assis,
Serafin de amor!
Cuan dichoso sois»
.....

Hino a S. Francisco de Assis, musica de D. Alberto de Garaizóbal, organista na Coruña. Letra de (?). Musica facil.

«Compendio de carismas,
perfecciones y virtud
insigne y gran Francisco
de tres Ordenes autor»
.....

Hino a S. Francisco, musica de Juan José Garmendia. Letra de (?). Musica facil.

«Santo Francisco,
muy amado Padre,
en llamas vivas
ardes de Serafin.»

Hino para as procissões (muito popular), musica do Padre Martin Monterola.

«Gloria, honor, bendicion perdurables
del «Gran Rey» al gentil trovador!»
.....

Musica sugestiva.

Hino a S. Francisco, letra do Padre Samuel Eijon, musica de Soler, mestre de capela em Santiago (Coruña). Musica facil.

«Luz, de amor en los ojos radiando
nunciadora de excelso ideal...»

c) Gôzos

A S. Francisco d'Assis, musica dos antigos cantos da Ordem Franciscana; letra de D. Luciano Garcia, de Santiago (Coruña).

«Tal se llo improso traeis,
Francisco en Vos, que pregunto,
Si sois Cristo.....
pues mucho os le pareceis.»

Côro

«Oh Serafin abrasado,
imagen del Redentor!
transformando vos por amor
en Cristo crucificado.»

Ao Serafico S. Francisco, musica de Gabiola. Musica facil.

«Oh Serafin abrasado
imagen del Redentor!»
....

Saludo, peticion y adios, musica de Luiz de Urteaga. Feitura interessante, mas facil.

«Francisco nuestro guia,
Francisco nuestro Padre.»
.....

Chant des Tertiaires, sólo e vozes com acompanhamento de orgão.

Respice Beate Pater Francisce e *Psalmo «Voce mea ad Dominum clamavi»*, musica do Padre Aug. Perreau.

O Padre Perreau, se não tem ainda o seu nome nas paginas da historia da musica, não deixa todavia de possuir um grande valor, como compositor de musica sacra. Director de musica na Catedral de Nevers, as suas obras, salientam bem o seu valôr como artista.

Chant des Tertiaires, é uma obra de musica intensamente clara e de melodia espontanea. O solo lança um canto, que encarna o papel narrativo, e no fim de cada quadra, responde o côro, sempre com os mesmos versos:

«Allons, chrétiens, sous sa bannière,
Rallions-nous, serrons nos rangs;
Prenons pour glaive la prière;
C'est l'arme chère à ses enfants:»
.....

*
* *

A sua pequena obra, *Respice Beate Pater Francisce*, é uma pagina musical de valor, já pela musica, já sob o ponto de vista como foi escolhida a letra.

O solista canta através de uma frase simples e melodica, toda a *antifona:* «Respice Beate Pater Francisce, de excelso Cœlorum habitaculo, etc.»; em seguida o côro ataca o *Psalmo* CXLI, *Voce mea*, que S. Francisco de Assis, recitou no momento da sua morte.

Em toda esta obra, a musica traduz bem a humildade do Santo, e o côro, apenas nuns simples acórdes, imprime ao trecho uma tonalidade de prefunda tristeza, cheia de emoção serafica.

Franciscuslied, por Tinel.

Esta pequena composição do notavel artista Tinel, o glorioso autor da *oratoria*, *Franciscus*, é muito pouco conhecida, marcando na vida do artista uma passagem curiosa. Em 4 de abril de 1888, de manhã, Tinel e sua mulher, entraram para a *Ordem terceira* de S. Francisco. Foi então que o compositor escreveu esta pagina de musica para os membros da *3.ª ordem*, afim de ser cantada nas suas reuniões mensais. E' baseada nos motivos melodicos da *Pobreza* e da *Glorificação* da sua *Oratoria*. Esta obra não entrou no mercado, tendo sido oferecida aos irmãos franciscanos.

«.....
Canta, geme, sorri, murmura, chora
seu canto lindo:
são pingos de luz do Sol
na noite escura caindo...
E diz-lhe o Santo, sorrindo:
—Venceste, irmão roussinol!...»

AFONSO LOPES VIEIRA

Uma das passagens mais sugestivas da vida de S. Francisco de Assis, é como se sabe as suas predicas com as aves, têmas que a Arte tem procurado traduzir em magnificas obras antigas e modernas, telas imortais a cantarem sempre o poder sobrenatural do Santo.

Ora a Musica, como já vimos em algumas *oratorias*, foi inspirar-se nessas fálas de S. Francisco com as dôces avesinhas que o escutavam, cantando-lhe hinos através dos seus trinados. Em Pierné e em Malipiero, esta passagem da vida de S. Francisco, é uma das paginas mais importantes das suas obras. Na partitura de Malipiero, o artista Valdo Barbey, chegou mesmo a desenhar uma pagina, representando uma paisagem da Umbria, vendo-se no primeiro plano S. Francisco, falando ás avesinhas.

Mas, se encontramos em *Oratorias*, trechos inspirados no motivo delicado e simples das aves, a arte musical, fez

mais ainda, apresentando obras essencialmente dedicadas aos dialogos do *Poverello* com os passaros e assinadas por notaveis compositores.

Temos conhecimento de peças firmadas com nomes de: Liszt, Mauri, M. Eurico Bossi, Luigi Torino e uma de autor anonimo.

*

* *

Liszt na sua longa lista de obras pianisticas legou-nos essa inspirada obra, *S. Francisco d'Assis falando ás aves*. Não poderemos compreender bem esta musica, se não soubermos quanto esta obra reflecte claramente a poesia franciscana, que Liszt, sentiu desde tenra edade.

Quando perante a nossa vista cáem certas passagens da sua vida, vemos como Liszt, teve sempre o seu espirito banhado de crença. Como são sugestivas, essas palavras de Liszt, quando aos dez anos, depois da influencia da leitura da *Imitação de Christo*, revelou ao pai que desejava entrar numa ordem religiosa! Depois as suas idas ás egrejas, onde permanecia longo tempo, resando; em Veneza a impressão que lhe fez o badalar dos sinos das egrejas; a sua estada em Pest, num convento de franciscanos. Na cidade de Assis em companhia de um amigo, lia o breviario com devoção, e quando passeava mais tarde pelos jardins de Roma, distribuindo esmolas ás crianças, era uma verdadeira alma franciscana! Todas estas pequenas notas da sua vida, explicam bem, a poesia religiosa que dimana desta obra.

Liszt compoz esta linda peça em 1862, tendo sido publicada em 1866. Na memoravel visita que o Papa Pio IX fez a Liszt em 1863, no convento *Madonna del Rosario*, no Monte Mario, onde o notavel compositor passava o verão, depois de ter recebido as ordens menores, executou-lhe esta obra inspirada em *S. Francisco*, que foi escutada com profundo recolhimento. *S. Francisco d'Assis falando ás aves*, faz parte do reportorio dos mais notaveis pianistas, musica descritiva, bem penetrante de beleza.

O nosso grande pianista Vianna da Motta, é um ilustre

interprete desta pagina musical, e que temos aplaudido em varios concertos. Uma vez falando desta peça, tão bela de Liszt disse-nos o nosso notavel artista:

«Nesta obra conseguiu Liszt reproduzir musicalmente o amor á natureza que o Santo sentia, tão ardentemente expresso no Hino ao Sol, o carinho e frescura que respira o encantador episodio das «*Fioretti*». A primeira parte sugére o gorgear alegre e inocente dos passarinhos. A segunda, em forma de recitativo arioso, representa a prédica suave, por vezes majestosa do Santo. Toda a obra respira a frescura duma dôce manhã perfumada dos campos.»

Depois destas palavras, ditas por um pianista de tanto valôr, desnecessario se torna fazermos mais comentarios á obra de Liszt.

E' interessante saber-se que esta musica fez tal impressão ao pintor inglês Smallfield, que pintou um belo quadro, inspirado no mesmo assunto. Assim nos conta Janka Wohl, na sua obra sobre Liszt.

La predica agli uccelli, para 3 vozes eguais, por A. Mauri.

Não tivemos conhecimento directo com esta partitura. Todavia as criticas foram-lhe favoraveis, dizendo ser musica inspirada com perfume bastante religioso.

Momenti francescani, para orgão, por Marco Eurico Bossi (1861-1925).

E' bem conhecido o valôr deste compositor, pois nos concertos sinfonicos, dirigidos pelo nosso inteligente *maestro* Fão, tivemos a sua belissima obra *Canticum Canticorum* op. 120, paginas de linda feitura de musica sacra. Nestes seus *Momenti francescani*, para orgão, divididos em duas partes, iremos encontrar umas inspiradas paginas de musica descritiva, quando principalmente trata de um encantador dialogo de S. Francisco com as andorinhas.

O carinho, a ingenuidade como está escrita esta musica, revela o talento do artista e como ele sentiu bem intimamente esta pagina do bom Santo da Umbria.

S. Francesco parla alle tortore, para quatro violoncelos, por Luigi Torino.

Este artista italiano, é um conhecido violoncelista, professor em Santa Cecilia, em Roma. Desejando compôr para o seu instrumento, um episodio de S. Francisco, foi buscar a passagem quando o Santo, dialóga com as rôlas.

A forma deveras feliz como os quatro violoncelos traduzem, na musica, o episodio, alem de denotar um grande conhecimento da alma do instrumento, a frase é de uma elevada e espontanea melodia! Por toda a obra passa um colorido delicioso de ambiente campezino simplesmente admiravel!

Le sermon de Saint François aux petits oiseaux. Letra de Bernardin Fernique, franciscano, musica de (?).

Esta pequena pagina musical dentro da sua humildade artistica, representa um enorme valôr de evocação franciscana! O canto do *Santo* é tão singelo, que não repugna á nossa fantasia, o pensarmos que S. Francisco falaria assim ás suas queridas avesinhas!

Fernique tambem compoz uns encantadores versos; eis duas quadras:

«Chantez, gai rossignol, fauvette;
Colombes, faites leur écho;
E toi, beau coq. lève ta tête
Et lance ton cocorico!»

«Je vous bénis au nom du Père
Et du Fils et du Saint-Esprit!
Envolez-vous dans la lumière
Vers le bon Dieu que vous sourit!»

Musica e poesia aliam-se espiritualmente em vinte e cinco compassos apenas, mas através de uma arte simples e encantadora!

Laudi Francescane, *suite* para orquestra, por Giacomo Orefice, (1865-1922).

Deste distinto compositor italiano já em S. Carlos, esteve para ser levada á scena a sua opera *Chopin*, toda composta com têmas do notavel musico polaco. Mas a sua melhor obra teatral é sem duvida a opera *Mosé*, cantada em Padua e Genova.

No genero sinfonico, Orefice, deixou-nos bons trabalhos, como duas *Sinfonias* e a *Sinfonia del bosco;* estas *Laudi Francescane* em que a orquestra nos dá um intenso quadro da Umbria, é uma obra de grande valôr descritivo. Orefice foi sempre um colorista e nestas paginas o seu talento musical fica bem patente.

Flos rosarum, por Guglielmo Mattioli.

Este artista que nasceu em Regio Emelia em 1859, é um compositor digno de merecimento, cujas obras religiosas têm sido apreciadas com a devida justiça. As suas *Missas*, o seu poema religioso, *L'Immaculata*, são paginas onde notamos uma bela sciencia orquestral e uma inspiração fácil.

Flos rosarum, pequena obra franciscana, é uma delicada tela musical digna de ser conhecida.

A Saint-François, musica de P. Didace, poema de P. Sylvani.

E' um delicado cantico no qual se enaltece a simplicidade e o amor pela pobreza, de *S. Francisco*.

Em poucas paginas encontramos uma obra de musica agradavel, e de fácil execução.

O rev. Padre Stella é um compositor que tem escrito algumas obras de merecimento, inspiradas em S. Francisco; peças dignas de apreço, por isso que todas têm um caracter puramente popular.

A musica de todas elas é inspirada e de melodia verdadeiramente italiana:

Gloria, (hino franciscano), para côro e vozes com acompanhamento de orgão ou piano (1).

Iam Noctis umbra, (hino del Transito), para 4 e a 6 vozes, com acompanhamento de orgão, para as *Vesperas* de S. Francisco.

O Divi amoris, hino das primeiras *Vesperas* de S. Francisco, para vozes, com acompanhamento de orgão.

Salve, Sancte Pater, *antifona* a S. Francisco d'Assis, para 3 vozes diferentes, com acompanhamento de orgão.

O Sanctissima Anima, *antifona* a S. Francisco d'Assis, para 4 vozes diferentes com acompanhamento de orgão.

Hino Solene, musica de Arnaldo Fortini.

A critica italiana teceu elogios a este trabalho. Foi executado em Assis, na Praça do Duomo, á meia noite de 31 de julho de 1926 por diversas bandas reunidas sob a regencia do *maestro* Filippo Garagnani. Este numero fazia parte do programa das festas do ano franciscano.

Hino Popular, letra de Giuseppe Matranga, musica do Padre Antonio Matera, para duas vozes com acompanhamento de piano.

O estilo desta obra conserva sempre o ritmo de um caracter popular. Musica fácil, não deixando de ser inspirada.

---

(1) Existe instrumentada para banda, pelo maestro Rocco.

Hino Popular a S. Francisco d'Assis, para uma voz, com acompanhamento de orgão, musica do Padre Francesco Lanec. A letra não tem nome de autor.

Esta obra, possue já uma musica, com um pouco mais de dificuldades. A melodia é bem lançada e o acompanhamento escrito com relêvo melodico, principalmente com a forma bem italiana.

Chant à S. François, letra de J. Debout, musica de Henri Elié.

Os jornais franceses fizeram agradaveis referencias a esta obra. Foi executada em Paris, depois de uma conferencia de Emilio Baumann; esta festa foi presidida pelo Cardial Dubois.

Mihi Autem, *ofertorio* para a festa de S. Francisco, para 3 vozes, (tenor, baritono e baixo), com acompanhamento de piano, musica do Padre Barroni.

E' uma obra que apenas tem em mira prestar homenagem a S. Francisco, não entrando no campo das dificuldades. Pode ser executada com relativa facilidade.

Franciscus pauper, *graduale* em honra de S. Francisco d'Assis, para tenor, ou soprano e côro, a duas vozes, musica de Giuseppe Calamosca.

Já este compositor tem um nome muito mais conhecido. Nasceu perto de Bologna em 1872, depois de ter tido lições com varios professores, esteve trabalhando sob a direcção de Pietro Mascagni. A sua obra como compositor é bastante vasta, principalmente em musica religiosa. Esta obra demonstra uma feitura honesta, traduzindo bem o seu ambiente de religiosidade.

Hino serafico a S. Francisco d'Assis, para um côro mixto popular, letra de G. Manni, musica de F. Caudana.

Musica fácil, propria para o fim que o autor teve em vista. Esta obra tem duas edições: *a)* para canto e orgão — *b)* para canto e banda.

In Transitu S. Francesci, para duas vozes iguais *(O' Sanctissima Anima — Psalmo, Voce mea — Salve Sancte Pater)*, musica de Luige Trecote Ferrari.

Este compositor possue apenas 43 anos, mas é bastante respeitado o seu valor em Italia. Tem várias *peças teatrais*, *poemas sinfonicos* e pequenas obras de salão, para *piano*, e para *canto e piano*. Tambem desejou prestar homenagem ao Santo de Assis, sendo esta sua obra, um trabalho serio, demonstrando conhecimentos da sua arte.

In Transitu S. P. Francesci, *(O' Sanctissima Anima, Salve Sancte Pater)*, para uma voz, musica de Gio. Battista Marabini.

As obras religiosas deste artista assinalam uma inspiração elevadamente mistica, que o têm colocado como um compositor de merito. A sua carreira musical é bem conhecida em Italia, e a sua notavel obra *Messa degli angeli* na forma gregoriana, chamou a atenção dos grandes criticos em Italia.

Esta composição inspirada no *Poverello*, marca uma forma de arte deveras apreciavel, por isso que a sua musica, dentro de uma significativa singeleza, procura traduzir a figura de S. Francisco em toda a sua aureola de Santo.

O Patriarcha Pauperum, *Antifona* a S. Francisco d'Assis, para vozes, com acompanhamento de orgão, por P. L. Pona.

E' uma pagina simples, tendo porem a qualidade de nunca sair da senda religiosa do mais puro franciscanismo.

Hino das primeiras Vesperas de S. Francisco d'Assis, para 4 vozes iguais, sem acompanhamento.

Ego Autem, Moteto franciscano, para 4 vozes, com orgão, por P. B. Rizzi.

Paginas simples, mas de franco agrado. Rizzi não desejou compôr estas obras com grande relêvo artistico, antes desejou dar-lhe um aspecto muito popular.

Fioretti Francescani, seis trechos para orgão ou harmonium, por P. S. Zimarino.

Este artista, inspirou-se nas *Fioretti,* encantador livrinho por onde passa, como uma delidada brisa, a bôa alma de S. Francisco, escrevendo seis trechos que são umas encantadoras paginas emotivas, belamente tocadas de sentimento alado, desenhando-se á nossa mente a imagem do Santo, espalhando o bem, no mais sujestivo do realismo.

O' Sanctissima Anima, para canto e orgão, pelo Padre Basilius Rövves.

Franciscus Pauper et humiles, para canto e orgão, por Oreste Ravanello.

Oreste Ravanello, é director da Basilica de Santo Antonio, em Padua; tem composições bastante apreciaveis.

Estas duas obras foram executadas em Leiria durante as festas franciscanas.

Antologia: «In honorem Sancti Francisci — Selecti Concentus», dividida em 4 partes e publicada em Roma.

Este livro contem as seguintes obras, de musica fácil, mas algumas bastante inspiradas, com acompanhamento de orgão. Compositores franciscanos.

1.ª PARTE

«In honorem»

Gaudeamus (introito), para 3 vozes desiguais, por Fr. Odoricus Caramelli.

Este musico nasceu em 1884, tendo sido discipulo de Anselmo Latimori. Tambem teve lições com Pizzetti. E' um artista muito instruido.

Quasi stella matutina (Graduale), para duas vozes iguais, por Fr. Hyacinthus Burroni.

Nasceu este em Zerbaló em 1882, a 22 de novembro. E' autor de *Motetes sacros*, *Missas* e cantos populares (estilisações).

Quasi stella matutina (Gradule), para tres vozes desiguais, por Fr. O. Caramelli.

Quasi stella (Graduale), para tres vozes iguais, por Fr. Robertus Rosso.

Nasceu este compositor em Palazzolo em 1881; como professor de orgão, harmonio e contraponto, o seu nome é muito estimado; alem desta composição escreveu o «*Frate Sole*», inspirado no Santo.

Alleluya V. Christo confixus, para tres vozes iguais, por Fr. V. Guidi.

Nasceu Fr. Guidi em Bibbienae em 1878. Estudou no Liceu Musical Rossini. E' autor de quinze peças para harmonio.

Fanctitatis (Sequentia), para quatro vozes iguais, por Fr. V. Guidi.

Magnificabitur (Offertorium), para duas vozes desiguais, por Fr. O. Caramelli.

Magnificabitur (Offertorium), para quatro vozes iguais, por Fr. Th. Grau.

Este musico nasceu em Kelheim, em 1886, é um sacerdote muito culto. Alem da sua arte, tem-se dedicado ás sciencias filosoficas. A musica religiosa tem sido o seu constante ideal artistico.

Magnificabitur (offertorium), para tres vozes iguais, por Fr. Basilius Röwer.

Nasceu no ano de 1877, em Hardinberg. E' um grande reformador da musica religiosa. Pio X, tinha por ele grande estima. Tem escrito, *Missas*, *Litanias*, *Motetes* e *Cantos populares*, estilisados.

Magnificabitur (offertorium), para uma voz, por Fr. B. Sokel.

Este artista nasceu em 1888. Tem-se dedicado ao estudo profundo do canto gregoriano. Saiu da Universidade Pontificia de Musica Sacra, em Roma, sempre com bôas classificações.

2.ª PARTE

«Ex officio S. P. N. Francisci»

Prales de Cælo, para quatro vozes iguais, por Fr. E. Bruning.

Fr. Bruning, nasceu em 1892. E' franciscano desde 1919. Foi aluno em Roma, da Universidade Pontificia. Passa por ser um compositor de grande merito.

Prales de Cælo, para quatro vozes iguais, por Fr. A. Facchini.

Nasceu em territorio tridentino em 1881. Estudou musica com o Padre Frapiccini. Tem muitas obras ainda ineditas.

Prales de Cælo, para duas vozes iguais, por Fr. S. Zimarino.

Nasceu em 1885. E' autor de varios *Motetes*, *Laudes eucaristicas* e obras de genero diverso para orgão.

Plaude turba paupercula, para quatro vozes iguais, por Fr. E. Bruning.

Plaude turba paupercula, para quatro vozes iguais, por Fr. P. Szabó.

Nasceu em 1894. E' muito instruido em sciencias musicais. A sua obra religiosa é bastante vasta.

Decus Morum, para quatro vozes iguais, por Fr. E. Bruning.

Decus Morum, para quatro vozes iguais, por Fr. A. Facchini.

Decus Morum, para tres vozes iguais, por Fr. L. Pacini.

Nasceu este compositor em 26 de maio de 1885. Depois da Grande guerra, começou a dedicar-se mais á musica. Teve grande exito a sua *oratoria*, *Transitus divi Dominici*. Depois escreveu outras entre elas: *Chiesetta Franciscana*, *Trittico Franciscano*, etc.

Decus Morum, para duas vozes iguais, por Fr. R. Rosso.

Decus Morum, para duas vozes iguais, por Fr. S. Zimarino.

O virum mirabilem, para córos, por Fr. R. Rosso.

Salve Sancte Pater, para duas vozes iguais, por Fr. Marabini.

Nasceu em 1873, entrando para a Ordem franciscana em 1888. Tem escrito muitas obras religiosas, talvez para cima de quarenta.

3.ª PARTE

«Memoria Transitus S. P. N. Francisci»

O Sanctissima Anima, para duas vozes iguais, por Fr. O. Caramelli.

Salve Sancte Pater, para tres vozes desiguais, por Fr. O. Caramelli.

O Sanctissima Anima, para quatro vozes iguais, por Fr. B. D'Hooghe.

Nasceu D'Hooghe em 1858, tendo entrado para a Ordem serafica em 1879. E' autor de dôze cantos populares em honra de Santo Antonio e de outras obras.

Voce mea ad Dominum clamavi, por Fr. D'Hooghe.

Salve Sancte Pater, para quatro vozes iguais, por Fr. D'Hooghe.

O Sanctissima Anima, para quatro vozes iguais, por Fr. Th. Grau.

Salve Sancte Pater, para quatro vozes iguais, por Fr. Th. Grau.

O Sanctissima Anima, para quatro vozes iguais, por Fr. C. Huigens.

Este artista nasceu em Bolsward no ano de 1878. E' muito considerado pelo seu grande valor musical. E' director da Escola de Santa Cecilia, em Utrecht.

Voce mea ad Dominum clamavi, por Fr. C. Huigens.

Salve Sancte Pater, por Fr. C. Huigens.

O Sanctissima Anima, para tres vozes desiguais, por Fr. Marabini.

Voce mea ad Dominum clamavi, por Fr. Marabini.

Salve Sancte Pater, por Fr. Marabini.

O Sanctissima Anima, para duas vozes desiguais, por Fr. Marabini.

Voce mea ad Dominum clamavi, por Fr. Marabini.

Salve Sancte Pater, por Fr. Marabini.

Salve Sancte Pater, para quatro vozes iguais, por Fr. L. Pacini.

4.ª PARTE

«Responsoria et antiph. variae»

Francisce, Christi signifer (responsorium), para tres vozes desiguais, por Fr. L. Pacini.

Humilem spiritu, para quatro vozes iguais, por Fr. R. Rosso.

O Sanctissima Anima (antifona), para quatro vozes iguais, por Fr. Rosso.

O Sanctissima Anima (antifona), para quatro vozes iguais, por Fr. B. Röwer.

Totus amor es, Francisce (Responsorium), para 3 vozes iguais, por Fr. R. Rosso.

Trinodei Serafica, solos, coros e orquestra, por Giuseppe Maggio, sobre 50 psalmos de Benedetto Marcello.

Maggio, tem hoje 62 anos, notavel investigador do canto gregoriano, tendo a sua voz sido escutada em varios congressos de Italia. Como compositor, esta obra tem merecimento pois denota um belo trabalho de tecnica e de inspiração.

Officium et Cantus selecti in honorem S. P. N. Francisci, por Bruning.

Deste compositor franciscano já se fez referencia a respeito de outros trabalhos.

Esta colecção é interessante e util.

Cantico e Salmo del Beato S. Francesco d'Assisi (testo di lingua dal MCCX al MCCXXIV), posto em musica por Jacopa Tomadini (1820-1883).

Foi um notavel compositor. Podrecca, em um dos seus estudos de arte, consagra-lhe bastantes palavras elogiosas referentes ao seu valôr como compositor de musica religiosa.

Arnaldo Bonaventura na «Vita Musicale Italiana», escrevendo sobre esta composição diz: «*Il cantico*, dopo un arpeggio iniziale, ha una frase di stile recitativo cui segue un *cantabile* con accompagnamento ad arpeggi quindi si ha la represa del *Recitativo* e tutto il *Cantico* si ripete più volte. Il *Salmo*, che è scritto nel primo tono, con organo o armonio, è tutto in stile gregoriano, a due cori che si alternano e si rispondono».

La Crociata di S. Francesco, musica de Domenico Alaleona.

Este notavel compositor, nasceu em Montegiorgio, em

novembro de 1881. Compositor e ilustre professor de canto coral, é muito considerado em Italia, e especialmente em Roma, onde vive.

Hoje a sua obra é imensa, e debaixo do ponto de vista de educação musical, o seu nome é citado em livros e em artigos de jornais.

Esta sua *Crociata di S. Francesco*, é de uma alta inspiração franciscana; foi executada ha pouco tempo em Roma na sala Borromini, com exito.

Santo Francisco d'Assis, *suite* para piano, por Aldo Mantia.

Este jovem artista italiano, foi buscar ás *Fioretti*, motivos para estas paginas pianisticas, sobre as quais a critica italiana fez os mais rasgados encomios.

Esta obra é editada pela casa W. R. Hackländer.

Saluto Francescano, para vozes e orgão, pelo *maestro* Umberto Grassi.

Se não é uma partitura de grandes vôos esteticos, no entanto, possue paginas aproveitaveis.

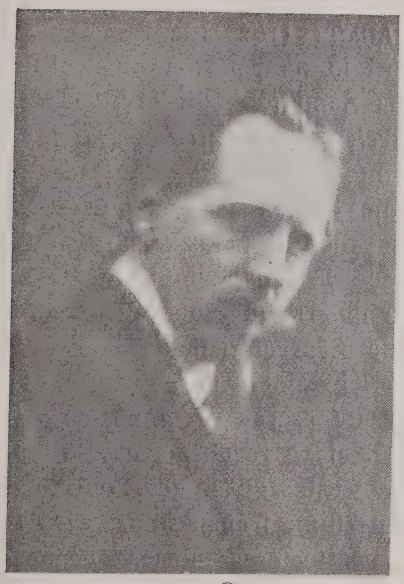
Canto escolar de S. Francisco, musica de P. V. Guidi.

Para o fim a que é destinado, é uma obra bastante sugestiva que se pode ouvir com legitimo agrado.

Cantate à Saint-François d'Assise, para solos e côro a tres vozes iguais, poema de R. P. Benardin Fernique.

La sainte Pauvreté, complainte Franciscaine, letra de R. P. Bernardin Fernique, musica de Edmond Dierickx.

Edmond Dierickx, que foi inspirar-se no Santo de Assis,



A Monsieur le Docteur
Alfredo Pinto Sacavem
En toute sympathie
Edmond Dierickx

para estas duas interessantes obras, é um compositor de invulgar talento, dando honra á moderna musica religiosa da França.

Ao lermos as suas paginas religiosas, através das suas aladas melodias, paira em todas, a sua alma de compositor crente, e a sua arte não é mais que o espêlho das vibrações da sua alma, nessa elevação ideal para as altas regiões do alem...

Nasceu Dierickx em Roubaix em 1880, e desde muito novo a musica foi para ele um constante enlêvo. Teve como mestre o notavel professor Alphonse Gadenne, que foi mais de trinta anos organista da Madalena, em Lille, e Julien Koszul, antigo director do Conservatorio de Roubaix.

Este ilustre artista é laureado pela Academia dos Jogos Florais de Cherburgo e primeiro premio do Concurso musical das *Rosati de Flandres* (1922-1923).

Grande apostolo da reforma musical que a egreja teve ultimamente, Sua Santidade Pio XI, concedeu-lhe a condecoração de *Pro Ecclesia et Pontifice,* grande prova de admiração pelo seu talento musical.

Quando lemos todas as suas obras, vê-se claramente quanto Dierickx procura, pelas suas melodias, realisar essas verdadeiras preces a Deus, simplesmente o que a sua alma sentiu, sem usar os artificios que outros compositores empregam, tirando toda a caracteristica das obras!

Edmond Dierickx, notavel organista em Tourcoing (Norte), não quiz deixar de escrever composições inspiradas em S. Francisco d'Assis, eis a razão porque na longa lista das suas obras, encontramos estas duas peças, que são matisadas de um raro e delicado perfume franciscano.

A *Cantata* possue uma musica que nos encanta, já pela forma como as frases são lançadas, já pela sua caracteristica, verdadeiramente mistica. Os córos são de uma pureza de estilo que nos prende, e quando o *sólo* diz:

«Ma sœur la mort»

o acompanhamento da-nos perfeitamente o colorido do ambiente, a força da resignação cristan.

La sainte Pauvreté, é uma pequena pagina musical onde existe a mais sublime ligação entre a inspirada letra de Fernique e a sublime arte de Dierickx.

Este artista assinando esta obra prova-nos quanto a nobre imagem de S. Francisco, lhe ditou esses encantadores compassos que nos fazem desvendar todo aquêle misterio da

Pobreza, ideal esposa e paixão do Santo. Musica simples, ingenua e bôa.

Edmond Dierickx terminou ultimamente uma *Cantata* para a Epifania em 1 prologo e 2 partes, que será editada na America; é de crer que esta sua nova composição venha aumentar ainda mais, a sua corôa de gloria.

Cantique à S.t François d'Assise, musica de Raffat de Balhac.

E' uma pequena musica, aliás inspirada, e de facil execução; pertence ao reportorio da «Schola Cantorum» de Paris.

Salutation des vertus, musica de, De Costera.

Este artista pertence á escola de V. D'Indy, tendo bastantes obras em estilo sacro. E' um trecho de musica espontanea e facil.

Cœlorum candor splenduit, para quatro vozes mixtas ou iguais, musica de Joseph Stolle-Werk.

Muito executada nas egrejas. Feitura simples mas inspirada; possue sabôr franciscano.

Saint François d'Assise, poema sagrado para solo e côro a 2 vozes iguais com piano ou orgão, musica de H. d'Aubel.

Tem sido muitas vezes executado em França.

Il Miracolo delle rose, para orquestra (de uma antiga lenda franciscana), por Daniele Amfitheatrof.

Este já notavel compositor nasceu em Pietrogrado em 1901, mas tendo vindo muito jovem para Italia, resolveu naturalisar-se italiano. Os seus estudos musicais foram feitos no Liceu de Santa Cecilia, em Roma, diplomando-se em composição na classe do distinto artista Respighi.

Fazendo parte da orquestra do *Augusteo* de Roma, a sua alma artistica tem vindo, até hoje, recebendo as emoções das mais notaveis obras da arte musical, antiga e moderna; daí ser um artista que, através das suas composições, tem dado provas de um grande talento.

As suas principais composições são:

Fiaba — para orquestra.

Visioni — para orquestra, córos e orgão.

Noël — para orquestra de camara.

Sonata — para cello.

Italia — poema sinfonico (inspirado no *Child Harold* de Byron).

Poema del Mare — para orquestra.

Romanças.

Preludios.

Esta sua obra, *Il Miracolo delle rose*, executada no Augusteo, de Roma, em 18 de maio de 1927, alcançou um legitimo exito.

A lenda inspirada desta obra foi a seguinte:

«Sì le disse Francesco: «Egli è venuto, sorella, il tempo che ci separiamo. Avanti muoia il sole giugnerai allo tuo eremo et io ne anderò solo, per diverso sentiero, là dove a Gesù Cristo si parrà.

Et ella umilemente inginocchiatasi e ricevuta la sua benedizione, pei boschi dello monte si partì senza dietro sè riguardare mentre Francesco, per poco con li occhi acompagnatala, prese il cammino inverso Sancta Maria degli Angioli.

Ma di subito voltasi Chiara e presso il Santo tornata, così lo domandò: «Padre, quando sarà concesso noi rivedere?».

E Francesco, veggendo la terra di neve coverta, a lei ris-

pose: «Allora che la state tornerà..... allora che le rose fioriranno».—

E detto questo, la seconda volta si partirono; ed ecco, appena alcun tratto di via avea ella compiuto, che tutti i ginepri parvono in rosai trasformati; e come le sue mani protese, che non fosse illusione si convinse.

Sicchè un fascio ne coglie, et a Santo Francesco correndo ritorna, et a lui divotamente e con in cuore grandissima allegrezza le ricolte rose in sulle braccia depone.....»

Daniele Amfitheatrof, deu-nos uma pagina de linda arte e de aláda inspiração.

Visione Francescana (Miracolo delle rose), para orgão, musica de Maria Amalia Pardini.

Esta ilustre senhora que vive em Pisa, é uma artista de raro merito; as suas composições possuem o perfume das melodias intensamente italianas que penetram no coração de quem as ama. As frases nascem espontaneas e a sua inspiração eleva-as para as altas regiões do misticismo mais transcendente.

Esta compositora de alma tão italiana não podia deixar de pensar na alma de S. Francisco e assim escreveu a *Visione Francescana* que foi executada em 7 de novembro de 1926 na Chiesa di San Niccola em Pisa, num concerto de orgão que Maria Amalia Pardini, executou com obras de S. Bach, Guilmant, P. S. Yan, E. Bossi e Liszt.

Para que se possa avaliar a grande força descritiva desta obra, o comentario literario que foi publicado no programa exemplificará claramente as suas paginas.

«O milagre das rosas é uma composição de caracter puramente descritiva e de uma alta tensão e expressão liricas. E' inspirada na lenda franciscana das rosas. Uma vez, S. Francisco, perto de S. Damião, foi tentado pelo demonio. O logar onde estava o Santo, era um roseiral sêco e em pleno inverno. Os anjos entôam um suave hino á vitoria do Santo. Então as rosas começam a desabrochar e a matisarem-se das côres mais lindas, como fôsse na Primavera! Na primeira parte o têma de

tentação, a escala *glissata* nos pedais, são dum poderoso efeito. A musica diz-nos tudo, dando-nos nitidamente o que se passa na alma de S. Francisco.

A acção demoniaca impera; mas o badalar dum sino levanta, fortifica a prece do Santo e os têmas musicais fazem-se suaves, é toda a dedicação e abandono do *Poverello* a Deus!

Amalia Pardini

Volta a tentação, mais quente se torna a oração de S. Francisco. Repicam sinos; S. Francisco conquista a vitória. O final muito dôce, descreve tenuamente o desabrochar das rosas e assim a obra, da-nos uma impressão profunda, de saudade e de candura.»

Maria Amalia Pardini, escrevendo esta obra, prendeu a a sua alma artistica ao extraordinario poder de S. Francisco, o espôso da Pobreza, o grande trovador de Deus!

I motivi francescani, por Giovanni Battista Campodonico.

Esta obra foi executada com exito na Schola Caeciliana, de Chiavari em julho de 1927. Este sacerdote compositor, nasceu proximo de Genova, em 20 de janeiro de 1892. Estudou harmonio e contraponto com os maestros, Ferro, Gualco, Fabbi. E' organista na Catedral de Chiavari.

E' autor de bastantes obras religiosas.

In Transitur S. Francisci ad chorum vocum acqualium, por Ferrari-Trecate.

Musica facil e inspirada.

Franciscus pauper, Motete em honra de S. Francisco de Assis, para tenor ou soprano e côro a 2 vozes, por G. Calamosca. Obra bastante inspirada.

In Transitu S. Franc., para vozes e côro, por G. B. Morabini. Com bastante colorido franciscano.

Inno serafico a S. Francesco d'Assisi, poema de G. Manni, para côro, de caracter popular com acompanhamento de orgão, por F. Caudana. Paginas sugestivas e melodicas.

Fioretti Francescani, seis peças faceis para orgão, tambem adoptadas para o uso liturgico e dignas de apreço, por S. Zimarino:

a) Laudate nè mio Signore
b) Amor in foco amor mi mise
c) Deus meus et omnia
d) Ogni pena mi è deletto
e) Al presepio di Greccio
f) Laude serafica.

No Cinema

A imagem de S. Francisco de Assis, aparece-nos com musica do notavel compositor Luigi Mancinelli (1848-1921), grande director de orquestra que Lisboa tanto admirou. A obra chama-se:

Frate Sole—«Visione mistico-letteraria»—composição poetica de Mario Corsi, composição fotografica de Ugo Falena, musica para orquestra e córos de L. Mancinelli.

Foi passada esta *fita* no Augusteo, de Roma em junho de 1918.

A orquestra era composta de noventa professores; o côro de setenta figuras da capela Sixtina. *S. Francisco*, foi desempenhado pelo actor Umberto Palmarini.

Segundo disse um critico de arte de Roma, Mario Corsi não quiz escrever uma arida visão biografica da existencia de S. Francisco, mas antes revelar-nos uma especie de exaltação da figura do Santo, uma vulgarisação do espirito franciscano e um quadro realista da epoca e do ambiente, onde as scenas se passaram.

A musica de Mancinelli é viva em colorido e magnifica na instrumentação.

Esta *Visão*, percorreu grande parte das cidades italianas.

Em Portugal

Infelizmente quasi nada encontrámos sobre obras inspiradas em S. Francisco d'Assis; alem da *Missa de S. Francisco*, de Francisco Eduardo da Costa, da qual fiz referencia na parte das *Missas*, é pouco o que chegou ao nosso conhecimento, todavia é interessante!

*
* *

Iacarilla de devocion, en la fiesta de San Francisco, de D. Francisco Manuel de Mello (1611-1666), [das «Obras Metricas»] musica do *maestro* Marcos Soares.

«Qui en és aquel de lo pardo
ladronzuello, tan ladino;
que robandonos el alma
parece un prayle Francisco.»
.....
.....
.....

«Siempre pide, y siempre dá
que és un estraño capricho;
mas yo no sé como pueda
ser tan pobre, si és tan rico!»
.....
.....
.....

«No sé que gracia se tiene
con las grandes, y los chicos;
mas pues con Dios andais
andad con Dios Padre mio.»

ESTRIBILHO

«Iacarilla, Iacarilla,
tu consonancia no espanta;
mas sabe que assi se canta
en el coro, no en la villa,
Iacarilla, Iacarilla.»

Não conhecemos a musica. Apenas sabemos que o compositor foi bem conhecido no seu tempo, epoca de João IV.

Vesperas de S. Francisco, para orgão e córos, por Marcos Portugal, para a capela Real de Queluz.

Faz delas referencia Ernesto Vieira. Serão do santo de Assis? Não posso garantir.

Canto popular a S. Francisco, musica de P. Boaventura Crespo, letra de (?).

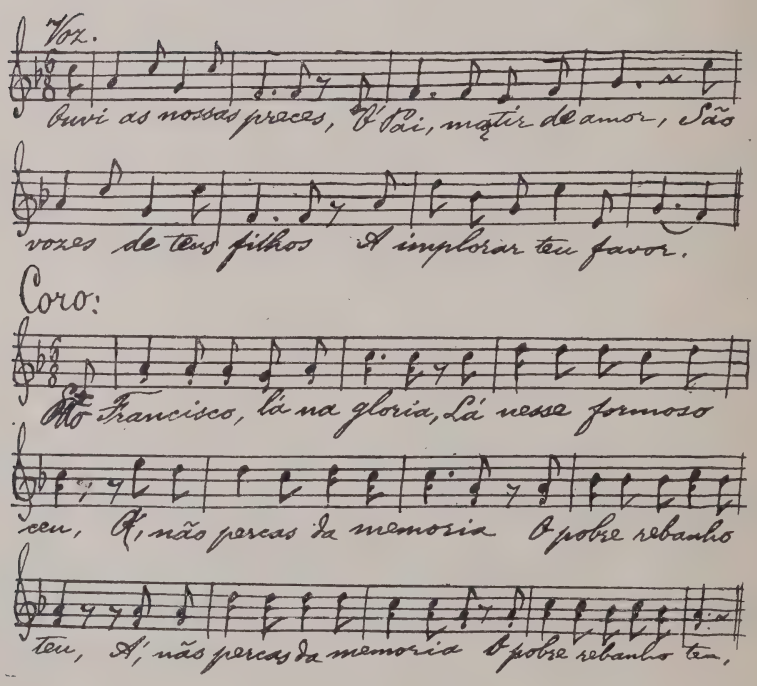
A musica é no estilo italiano, sendo cantada pelo povo, com muita devoção, no Varatojo.

Os versos e musica foram-me gentilmente enviados do Varatojo, pelo Rev. Padre David das Neves.

«Ouvi as nossas preces,
O' Pai, martir de amor,
São vozes de teus filhos
A implorar teu favor.»

CÔRO

«São Francisco, lá na gloria,
Lá nesse formoso ceu,
A', não percas da memoria } bis
O pobre rebanho teu.



Das vossas cinco chagas,
Abertas, rubras flôres,
Caiam em fios de oiro
Sobre nós teus ardores.»

Côro

«São Francisco, lá na gloria, etc.»

«Ouçamos noite e dia
Do Alverne o teu clamor,
Choremos com teus ais:
«Não é amado o Amor.»

Côro

«São Francisco, lá na gloria, etc.»

«Espelho de paciencia,
Exemplo de humildade,
Ampara os teus filhos
A' sombra da caridade!»

Côro

«São Francisco lá na gloria, etc.»

«Francisco, Pae amoroso
Dos tristes consolação,
Defende almas aflitas
Em risco de perdição.»

Côro

«São Francisco, lá na gloria, etc.»

Cantico a S. Francisco, letra de Luiz de Magalhães, musica aplicada, de um compositor inglês.

Este cantico é usado pelos devotos, na Capela da Ordem Terceira (a Jesus), em Lisboa.

«O' meu S. Francisco, dôce Pobresinho
Coração ardente, como um sol d'amor,
A este meu — tão fraco, misero e mesquinho —
Da-lhe a tua chama, da-lhe o teu fulgor !»

«Num constante enlêvo, fal-o amar a Deus,
Fal-o amar os homens, com amor de irmão,
Fal-o amar a terra, fal-o amar os ceus,
Seres, elementos — toda a creação !»

«O' meu S. Francisco, fonte de Bondade,
Deixa-o beber sempre da tua agua pura,
Com tua mão piedosa, veste-o de humildade,
Enche-o de alegria, mansidão, candura...»

«Santo vagabundo, servo e mendicante,
Da-lhe esse alto exemplo da tua pobreza;
Mostra-lhe que a esmola da-nos o bastante,
E é sagrada renda da maior riqueza !»

«O' meu S. Francisco, dôce Pobresinho,
Coração ardente, espirito de luz !
Como cinco estrelas, guiem meu caminho
Essas cinco chagas que te deu Jesus !»

S. Francisco d'Assis e o pobresinho, poesia do distinto poeta João Maria Ferreira, musica de Tomás Borba, para canto e piano.

«Inverno, o vento corta
como gume de espada bem afiada,
é no negror algente duma porta
um velho pede, a carne desnudada.

E tem prantos de dor
e de pavor
na fraca voz cansada, triste, fria;
na gelidez da noite,
sem ter onde se acoite,
ele tremia.

Mas eis que o Santo passa
e, ouvindo aquela voz em que a desgraça
se mostra torturante,
na escuridão infinda dos espaços
guia seus passos
para junto do velho mendicante.

E ante tanta miseria amargurada,
ante aquela velhice sem ter lar,
resolve o Santo dar
sua capa velhinha, desbotada.

E dá-lh'a logo ali.

O velho já não treme, agora ri
no conchego da capa amiga e boa
e com palavras gratas abençoa
São Francisco de Assis.

Este porem responde: Amigo meu
a mim não me agradeças, mas ao Ceu,
foi Deus que assim o quiz.»

S. Francisco e o rouxinol, poesia tambem do ilustre poeta João Maria Ferreira, musica de Herminio Nascimento, para canto e piano.

A musica alia-se perfeitamente á linda ideia poetica da letra, melodia inspirada e cheia de inspiração mistica.

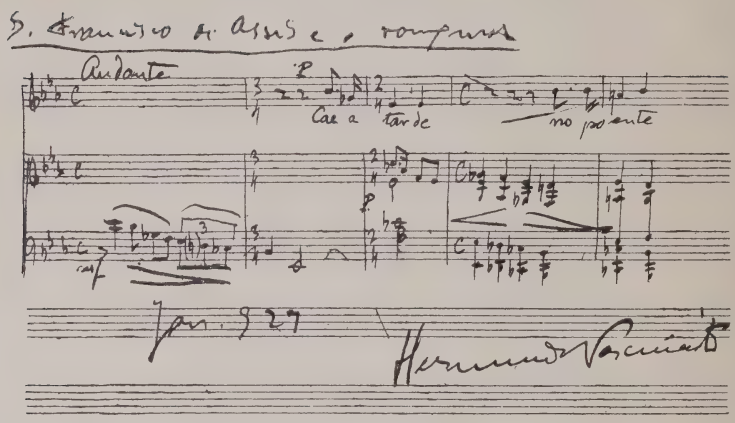
Foi executada pela primeira vez em 12 de março de 1927, no salão do Conservatório, pelo distinto baritono Paulo de Amorim. Alcançou um grande exito, tendo sido bisada.

Cái a tarde,
no poente
o sol arde
lentamente.

São Francisco volta a casa,
vem de prègar seu sermão,
traz no peito a Fé que abraza,
terno amor no coração.

Na balseira um rouxinol
diz ao sol
seu adeus de despedida,

Pára o Santo de contente
e no canto, docemente,
fica-lhe a alma embebida.



Já de todo cái a treva,
já da tarde a luz fenece,
mas o Santo
inda escuta com encanto,
a canção que aos Ceus eleva,
como prece,
o cantor.

Finda o canto o rouxinol,
logo o Santo diz: «Senhor
mil vezes seja bem-dito
quanto sob a luz do sol
fez Teu poder infinito».

Hino, «Te Deum laudamus», (a duas vozes iguais, com acompanhamento de orgão ou harmonio, edição comemorativa do setimo centenario da morte do Serafico Patriarca S. Francisco de Assis), musica de P. Luís de Sousa, O. F. M. — Braga, 1926. «Boletim Mensal».

O autor inspirando-se nas melodias gregorianas, fez um trabalho, no entanto, que se pode executar com extrema facilidade.

Todas as paginas desta obra jamais perdem o sagrado perfume da musica propria dos templos, arte sublime tão tocante a Deus.

A edição é acompanhada de uns *esclarecimentos* para quem houver de executar a composição.

Hino de S. Francisco, poema em verso de Luís de Magalhães, musica do distinto compositor Armando Leça, nome bem conhecido e respeitado no nosso ambiente musical, pelas suas obras de caracter regional. Este *Hino*, possue a forma popular.

SEXTA PARTE

PEÇAS FXCLUSIVAMENTE INSPIRADAS NO «HINO AO SOL», OU «CANTICO DAS CRIATURAS»

«O *Cantico do Sol* é alguma coisa bem mais sublime do que um cantico mistico»

NUNO CATARINO CARDOSO

Como vimos em algumas partituras, o celebre *Hino ao Sol* ou *Cantico das Criaturas*, serviu de têma para alguns composires escreverem notaveis paginas franciscanas, onde a musica matisou, com as suas lindas frases sonoras, toda aquela scena sublime em que S. Francisco de Assis, foi o verdadeiro *Trovador de Deus!*

Mas o que encontramos não passou de um simples episodio dentro da total acção dramatica, jamais um *trecho destacado*, como estes que iremos agora analisar.

Este celebre *Hino* ou *Cantico* é uma das mais belas paginas misticas que conhecemos. Traduzido em todas as linguas, ainda hoje, é o modêlo da sua alma elevada a Deus, cantando o seu poder e grandeza.

A tradução mais antiga, existente na nossa lingua, é esta que iremos transcrever, para que facilmente se compreenda os seus encantos, e a razão porque a este Hino, compositores de todos os tempos têm ido buscar motivos para as suas obras.

«**Cantico do Sol e das Criaturas**» (da I Parte das Cronicas dos Frades Menores, do Serafico Padre São Francisco, por Frei Marcos de Lisbôa, Bispo do Porto, 1511-1591). (1)

> «*Compôs o santo padre um cântico de louvôres ao Senhor em italiano, quando foi certificado da gloria do paraiso, e porque o Sol entre as criaturas corporais tem primado, e porque Christo se chama Sol de justiça,*

---

(1) Ler o magnifico livro : *S. Francisco de Assis*, por Julio Eduardo dos Santos.

pôs-lhe o nome «Cantico do Sol», o qual é este que se segue» :

«Altissimo, onipotente, bom Senhor,
vossos são os louvores, a gloria e
honra e todas as graças, e a vós
só se hão de atribuir, e compôr,
e nenhum homem é digno de
vos nomear.
Louvado sejais, Deus meu Senhor,
por todas as vossas criaturas,
especialmente por nosso irmão dom
Sol o qual faz o dia e nos alumia
por si mesmo, e é formoso e radiante
de grande esplendor, e merece,
Senhor, ser vossa significação.
Louvado seja meu Senhor, por a
sua lua e por as estrêlas, as quais
criou em o ceu tão claras e
formosas.
Louvado seja meu Senhor,
por o irmão vento, por o ar
e nuvens e sereno, e por todos
os tempos, pelos quais sustenta
as criaturas.
Louvado seja meu Senhor,
por a sua agua, a qual é
mui proveitosa
humilde, casta
e limpa.
Louvado seja meu Senhor, por
o irmão fôgo, por o qual alumia
a noite, e êle é formoso, alegre,
robustissimo e forte.
Louvado seja meu Senhor, por
nossa madre a terra, a qual nos
sustenta, e governa, e produz, diversos
frutos e coloradas flôres e ervas.»

(O verso que se segue acrescentou o padre São Francesco, quando diante do bispo e do capitão de Assis, fez cantar este cantico para os reconciliar) :

«Louvado sejais meu Senhor, por
aqueles que perdôam por vosso amor,

e têm sofrimento em os trabalhos
e enfermidades. Bemaventurados
aqueles que vivem em paz, que
de vós, Altissimo Senhor, serão
coroados.»

(O verso que se segue acrescentou o santo padre, quando lhe foi revelado o dia da sua morte).

«Louvado seja meu Senhor, por
a morte corporal, da qual nenhum
homem vivente pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecado
mortal. Bemaventurados aqueles
que se acham á hora da morte
em vossa graça e santissima vontade,
porque não verão a morte segunda
e eterna.
Louvai e dai graças a meu Senhor, sêde gratos e servi a
êle, todas as criaturas suas, com
grande humildade.»

*

* *

Hino ao Sol (para baritono, côro de homens, orgão e orquestra, composto em 1862, musica de Liszt).

O notavel Liszt, que, como vimos, escreveu, sob uma forma sublime *S. Francisco falando ás aves*, trecho pianistico tão cheio de poesia, bastante doente compôs este *Hino ao Sol*, cuja musica é uma eterna elevação cristan e um cantico supremo de louvor a Deus.

Na tradução francesa os comentarios da letra são de Ozanam.

A musica desta obra possue um perfeito caracter de unção religiosa, que eleva as almas cristans através dum crescendo de prece e de sublime humildade.

Inno su parole del cantico di Frate Sole, musica de Dom Pietro Magri.

Este sacerdote é um intenso trabalhador, que tanto tem contribuido para aumentar o valôr da musica religiosa italiana moderna. Nasceu em Vagarano (Ferrara) em 1873, e toda a sua vida tem sido dedicada á musica com um raro exito.

A sua *Oratoria*, *La Regina dei Pirenei*, valeu-lhe um entusiastico triunfo, quando executada em Lourdes.

Este seu trabalho inspirado no Santo de Assis, é uma pagina musical de valôr, não só pela sciencia artistica que manifesta como pela elevação da melodia, verdadeiramente italiana.

Cantico ao Sol, para orgão e vozes, musica de Falconára.

Musica verdadeiramente franciscana; o compositor não desejou enveredar pela senda de musica livre; assim este *Cantico ao Sol*, poder-se-ha afirmar que é a fala dôce de S. Francisco, musicada com veneração religiosa.

Cantico del Sole de S. François d'Assise, para uma voz só, soprano ou tenor e orquestra, musica de Raymond Petit.

Na musica moderna francesa, Raymond Petit, tem um logar respeitado e os seus artigos sobre musica possuem um valôr de critica sincera e justa, não muito em harmonia com os tempos de hoje!

Neste *Cantico del Sole*, executado em França, com muitos aplausos, Raymond Petit, revela-se um artista de talento, pois da-nos a figura de S. Francisco dentro da grandeza elevada e ao mesmo tempo humilde, suave, como era a sua alma!

O autor não pensou nesta obra, pelo menos assim nos disse,

senão colorir o *louvôr*; podendo-se ver um pouco de descritivo nos trechos da *agua* e do *fôgo*, em que a musica diz-nos bem o «*élan interieur*» dum ser que enaltece todo o universo!

O trabalho orquestral não apresenta quasi nenhuma audacia harmonica, bem pelo contrario, um estilo essencialmente melodico, onde se encontra o uso frequente de imitação.

Raymond Petit, nestas paginas franciscanas, da-nos a sua alma emotiva, que, através da sua arte, nos pinta a serie de sensações que sentiu ao expôr musicalmente a imagem do *Poverello*.

Cantico del Frate Sole, para uma voz e orgão, musica de Maria Ponzone.

Conhecemos desta distinta artista italiana um *Album* de trechos para piano e canto, escritos com bastante inspiração. Maria Ponzone, tambem é autora de uma opera em acto, *Felicità*.

Esta obra franciscana agradou muito quando executada na Basilica, de Assis; foi cantada pela nossa conhecida e celebre cantora Storchio.

Canticum fratis solis, para voz de soprano, orquestra d'arco, harpa e celeste, musica de Charles Martin Lveffler.

Nasceu este compositor em Mulhouse a 30 de janeiro de 1861. Alem de distinto compositor, como violinista fez parte das orquestras Pasdeloup e das de Nice e doutras cidades. Desde 1903, tem-se dedicado exclusivamente á composição, tendo-nos dado magnificas obras em diversos generos.

Esta composição foi bem recebida pela critica parisiense.

Foi executada na sala Erard de Paris, e a soprano foi a distinta cantora Laura Pasini, que muito agradou.

Cantico delle Creature di S. Francesco, para canto e piano, musica de Dante Alderighi (casa editora, Forlivesi, de Florença).

Este compositor italiano nasceu em Taranto em 7 de julho de 1898. Aos 10 anos começou a sua carreira de concertista de piano, com um notavel exito. Foi discipulo de Sgambatti, Teichmüller, E. Consolo, G. Setaccioli e Malipiero.

Um numero da *Revue Musicale*, consagrada á Italia musical moderna, referindo-se a Alderighi diz: «Alderighi peut être considéré comme un élève spirituel de Malipiero.»

E' autor, já destas obras:

Concerto para piano e orquestra, *1 Quarteto d'arcos*, um livro de *Preludios* para piano, uma *suite* para piano, *Poema*, *Duas suites*. *Pastoral*. Tambem para piano, *canções liricas*, outras para córos, peças para violino, e varias transcrições de Monteverdi.

O seu *Cantico delle Creature* é dividido em 5 partes:

I — Al Sole
II — All'Acqua
III — Al Fuoco
IV — Alla Luna e alle Stelle
V — Alla Morte.

Todos estes trechos são admiraveis e sublimes de melodia espontanea. O autor que é portanto de tendencias modernistas, neste *Cantico delle Creature*, desejou permanecer dentro dos limites da sua arte singela que bem se liga com a acção da letra.

Onde Alderighi acentua fortemente um colorido de tristeza é na V parte; logo no inicio do acompanhamento a musica assemelha-se a uma *marcha funebre*; porem na segunda parte do trecho, *Lento dolcissimo trasparente*, a frase desenha-se com elegancia e levesa, melodia singela como a fala do Santo.

Alderighi, é um compositor de grande força descritiva e *sentiu* bem o assunto da ideia franciscana.

Il Cantico di Frate sole, a duas vozes e orgão, musica de P. Matera, frade franciscano.

Musica essencialmente religiosa, cheia de crença. Vozes bem tratadas matisando belamente as frases do *cantico*.

No ambiente dos templos, esta obra deve sugerir um lindo efeito.

Hino ao Sol, para vozes e orgão, musica de G. Castagnoli.

Este compositor nasceu em Prato. E' autor de varias operas, que têm tido algum exito.

Este seu *Hino*, foi executado na Basilica de Assis. Bôas e agradaveis noticias nos jornais.

Il Cantico delle Creature, para solos, córos mixtos, com acompanhamento de orgão ou harmonio, musica de P. Domenico Maria Stella.

Deste artista já vimos que tem sido um compositor que inspirando-se em S. Francisco de Assis, tem-nos dado obras de valôr no campo da arte religiosa.

Esta sua obra, escrita para nos cantar as palavras do Santo, encanta-nos pela forma como a frase sonora se liga espiritualmente á ideia mistica da letra.

E' uma composição que gostariamos de ouvir, nas nossas egrejas.

Foi cantado em Assis por 200 vozes.

Le cantique des Créatures ou «Cantique du Soleil» de S. François d'Assise, musica de Remi Thinot.

Thinot, foi mestre de capela da catedral de Reims; para escrever musica para esta obra, fundou-se numa *melodia gregoriana* como reflexo do sentimento luminoso e quente do texto franciscano.

Para ser cantado com a emoção religiosa requerida torna-se muito preciso seguir as regras da execução do canto gregoriano:

1.º — Uma boa acentuação; 2.º uma divisão cuidada do texto; 3.º um ligado de todos os elementos da dicção.

E' uma pagina musical que traduz bem essas celesteais frases de S. Francisco, sublime prece que chega até nós como uma glorificação do poder de Deus.

Cantico del Frate Sole, para vozes, musica de Angelo Spinelli.

Spinelli é um compositor muito conhecido em Italia, como autor de obras sacras de valor. Vive em Lucca sua terra natal, onde é professor. Tem hoje, 84 anos.

Esta sua composição, quando cantada, agradou pela sua facil inspiração e delicadeza melodica.

Cantico ao Sol, sobre o original italiano, musica de Eusebio Clop.

E' um compositor franciscano muito nosso conhecido. Foi mandado vir para Portugal, pelo falecido Cardeal Neto, onde esteve professor de canto gregoriano nos seminarios de S. Vicente, em Lisboa e depois em Santarem.

E' uma obra feita com toda a ideia franciscana. Musica melodica e de facil execução.

Cantique au Frère Soleil, para soprano só, côro e orquestra, musica de Robert Siohan.

Foi cantado pela primeira vez em Paris na Sala Gaveau, em maio de 1926.

Este compositor, neste *Cantico*, atesta superiores qualidades de musico, pois tem uma bela tecnica de instrumentação e as vozes tratadas de modo que se ligam muito bem com a parte orquestral.

Numa amavel carta que teve a gentileza de me enviar, expõe o seu pensamento, que ditou esta pagina musical, assim diz:

....

... Procurei especialmente traduzir no meu «Cantico» o sentimento tão franciscano e tão lindo, na sua simplicidade, como é o amor pela natureza».

Nestas palavras do distinto artista não estará sintetisada a ideia verdadeiramente artistica e mistica da sua musica?!

Raymond Petit num artigo sobre esta peça disse: «... Faz lembrar um pouco a orquestração do *S. Sebastião* de Debussy.»

Cantico del Frate Sole, musica de G. Burcini.

Esta obra é escrita para uma voz e orgão.

Burcini é organista da Basilica de S. Francisco, em Assis, tendo dado a esta pagina religiosa, uma enorme côr de crença e admiração pelo Santo.

Cantique du Soleil, musica de Paladilhe.

Sobre o valôr deste musico já falamos a proposito da sua *Missa* em honra de S. Francisco.

A origem desta peça possue uma pequena historia, aliás interessante.

Passando Paladilhe, uma vez em frente de uma egreja

em Assis, encontrou duas raparigas levando flôres e cantando uma linda canção cheia de simplicidade. Paladilhe jamais esqueceu o têma melodico, que aproveitou depois para o seu *Cantico ao Sol.*

Sobre esta obra o distinto musicografo C. Bellaigue no *Gaulois* escreveu: «Como um pequeno motivo é bastante para produzir uma linda obra musical.»

Esta lindissima peça nunca foi publicada e assim nos comunicou Camille Bellaigue :

«Mon cher confrère, je possède le manuscrit au «Cantique du Soleil», de Paladilhe mais il n'a jamais été publié.»

.....

Paris 9 octobre 26

S. Francesco e le Creature, musica de Carlo Censi.

Este compositor nasceu em Milão a 21 de outubro de 1881. Passa por ser um artista de vasta instrução. A sua obra contem peças de diversos generos, onde sempre brilha o seu talento.

Esta peça, inspirada em *S. Francisco de Assis*, tendo sido excutada em Bolonha com enorme exito, revela um profundo poder emotivo, não faltando o descritivo, em que o autor demonstra ser um fino observador dos menores detalhes.

Le Cantique des Creatures, para córos e orquestra, musica de Ingelbrecht.

Ingelbrecht nasceu em 1880, pertencendo á pleiade dos compositores franceses da qual fazem parte entre outros, Coplet, Aubert, Jean Huré, Ladmirault, Grovlez, Vuillemin, Marcel Dupré e outros.

Ingelbrecht, conseguiu pelo seu talento escrever estas admiraveis paginas, em que as palavras de S. Francisco, esmaltam-se com as melodias mais simples e humildes, mas ao mesmo tempo bafejadas com uma elevação deveras sublime!

Cantique des Creatures, para canto e orquestra, musica de Albert Groz, (casa editora, Lerolle).

Albert Groz, discipulo de V. D'Indy nasceu em Lyon em 1873. Como compositor as suas obras demonstram uma alma vibratil, sendo inspiradas e de uma feitura digna de apreço.

Esta obra foi composta em 1906, sendo um perfeito poema para canto e orquestra, inspirado na tradução em verso do *Cantico ao Sol*, de S. Francisco, que encontramos no romance, *Lys Rouge* de Anatole France.

Tem sido executado por diversas vezes em Paris, sobre tudo pela Sociedade Nacional, sob a direcção de V. D'Indy, com geral aplauso do publico e da critica.

*

* *

Leitor amigo e companheiro, chegamos finalmente ao fim desta viagem ideal, tendo atravessado as regiões da arte, as mais belas, as mais sugestivas, onde as nossas almas sentiram transcendentes manifestações de beleza.

A Divina Arte dos sons, fez-nos conhecer, bem de perto, varios monumentos esteticos onde os compositores colocaram e fizeram viver toda a forte expansão de encantamento perante esse grande *Santo*, esse *Trovador de Deus*, que ainda hoje, como desde o seculo em que pisava as verdejantes montanhas e vales da Umbria, a sua imagem é ainda venerada em todo o mundo, com aquela unção e fervôr, como se ele ainda fosse nosso companheiro.

Os compositores, uns com mais estro que outros, nas suas obras deliniaram S. Francisco com invulgar carinho, admiração e respeito; nenhum houve, porem que não visse na sua nobre figura, um dileto filho da egreja catolica, e todos procuraram, através da sua musica, levantar bem alto o seu prestigio, esboçado pelas dôces melodias, em varias passagens da sua vida, que bem pintam o seu grande valôr, o seu amor ardente a Jesus Christo.

Leitor amigo: sentiste, como eu, quantas vezes, quando os compositores, pelas vozes, pelo orgão, piano e orquestra, vincaram a bondade, a humildade de S. Francisco, a tua alma voar em extase para junto do *Poverello*, para essas cidades italianas, onde a sua palavra de ouro era excutada, ou melhor, onde a sua figura passava deixando sempre um rasto de luz celeste que iluminava todos os corações com a chuva bemfaseja da Fé!

A Musica, sob uma forma superior ás outras artes, conseguiu que S. Francisco de Assis, viesse até nós espiritualmente e nesses momentos em que as obras musicais cantaram ás nossas almas, o valor do serafico evangelizador deixámos de pertencer a esta existencia terrestre, e antes voejamos para perto do *Santo*, pelos caprichos do sonho, dessa fantasia que nos purifica pois é dimanada da nossa crença!

Foi longa esta nossa viagem, mas os momentos artisticos que ficamos conhecendo, despertaram no nosso sentimento tal sóma de pensamentos alados e tão floridos de mocidade e de amor mistico, que tal viagem, foi como uma pequena peregrinação a esses santos logares onde impéra sempre S. Francisco, lançando a todos que o estudam, a sua benção de Bondade, o seu sorriso carinhoso, puro e celesteal!

Assim ao terminar este livro onde em cada pagina ficou uma parcela da minha alma artistica, invoco mais uma vez S. Francisco de Assis, que tem sido na *Musica* um farol a irradiar uma luz Divina, centro para onde converge constantemente toda a gâma da inspiração musical, brilhantes compositores que desde a antiguidade até aos nossos dias, têm colocado no altar da sua arte, a Imagem de S. Francisco

de Assis, não sendo as suas obras, senão ardentes preces, orações a subirem, a subirem sempre, a cantarem o seu nome, as suas virtudes, a sua obra!

Lisboa 1926 — Cascais 1927.

INDICE

PROEMIO 7

PRIMEIRA PARTE

Oratorias 11

SEGUNDA PARTE

Missas 63

TERCEIRA PARTE

Operas e peças dramaticas com musica de scena 75

QUARTA PARTE

Poemas sinfonicos 115

QUINTA PARTE

Peças de varios generos 141

SEXTA PARTE

Peças exclusivamente inspiradas no Hino ao Sol, ou Cantico das Criaturas 199

Da infelicidade
da composição,
erros da escri-
tura, e outras
imperfeições da
estampa, não ha
que diver-vos;
vós os vedes,
vós os castigais.

D. Francisco Manuel de Melo

Todos os direitos reservados.

COM A VON
TADE DE
DEVS

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
0003426812 2